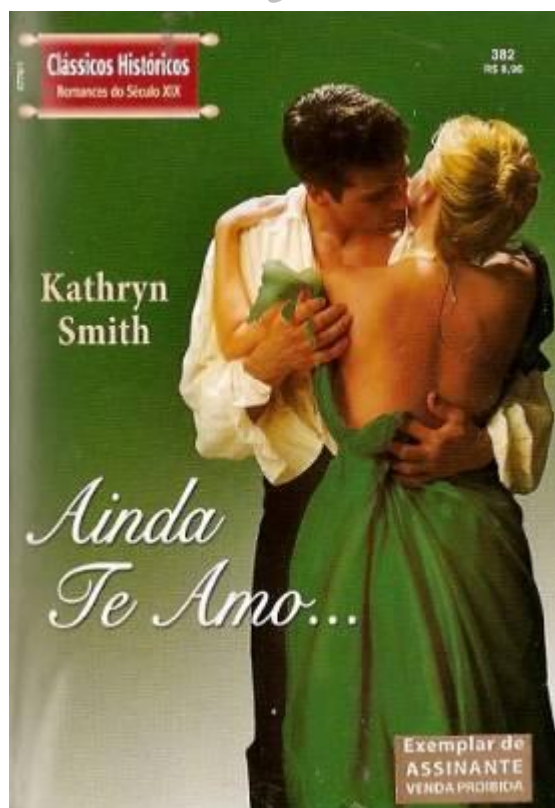


AINDA TE AMO...

Still in my Heart

Kathryn Smith



Londres, 1819

Um homem habituado a ter tudo o que deseja...

Brandon Ryland está aliviado com o final da temporada da sociedade londrina. Desde que um terrível desliz arruinou seu noivado com Eleanor Durbane, sua vida se torna cada vez mais monótona. Cada dia sem Eleanor é mais longo que o outro, até que surge uma oportunidade de romper o tédio! O convite para a festa na casa de campo de lorde Burrough, pai de Eleanor, é uma chance preciosa para desculpar-se por seu erro. Mas logo Brandon descobre que será necessário bem mais do que um pedido de desculpas para reparar o mal feito... Depois de toda a mágoa e ressentimento, levará algum tempo para Eleanor aprender a confiar novamente em Brandon. Ela sabe que é uma insensatez dar àquele homem irresistível uma outra chance. O que Eleanor não sabe, porém, é que o visconde mais audacioso de Londres fará qualquer coisa... qualquer coisa... para merecer uma segunda chance de amar!

Digitalização: Crysty
Revisão: Ana Ribeiro





Querida leitora,

Este é o romance de maior carga emocional que Kathryn Smith escreveu até agora. Não é apenas um lindo conto de um amor perdido e resgatado, como também a intensa história do crescimento, interior de um homem que enfrenta seu vício, reconquista o auto-respeito e o amor de uma mulher. E de uma mulher que aprende a confiar outra vez no homem que um dia partiu seu coração e compreende que vale a pena arriscar tudo por amor...

Leonice Pomponio Editora

TRADUÇÃO Sulamita Pen

Copyright © 2005 by Kathryn Smith

Originalmente publicado em 2005 pela HarperCollins Publishers

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARPERCOLLINS PUBLISHERS

NY,NY-USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: Still in my Heart

EDITORIA Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL Patricia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Sulamita Pen

Copidesque: Roberto Pellegrino

Revisão: Giacomo Leone

ARTE Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Hankins + Tegenborg, Ltd.

COMERCIAL/MARKETING Silvia Campos

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

© 2008 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 - 10º andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP

www.novacultural.cbm.br

Premedia, impressão e acabamento: RR Donnelley Moore

Capítulo I

E assim aconteceu...

Ele estava embriagado. Não tinha chegado a desmaiar nem a cair por cima das mesas. Apenas a cabeça girava. Não pretendia beber demais. Um conhaque havia levado a outro e a mais um e... Sentia as pernas pesadas e um relativo entorpecimento. Não podia negar que se tratava de uma sensação agradável.

Apesar da bebedeira, não esqueceu o compromisso assumido naquele dia. Pedira Eleanor em casamento e ela aceitara. Não haveria obstáculos à união, pois lorde Burrough, pai de Eleanor, tinha sido amigo do seu. Providenciaria a licença e ela se tornaria sua esposa. Logo ele poderia beijar aqueles lábios suaves, sentir o corpo voluptuoso sob o seu e possuí-la. Ficava ansioso só ao pensar nisso. Talvez não estivesse tão bêbado.

Tomou mais uma dose e decidiu que estava na hora de abandonar os amáveis cavalheiros que não se cansavam de completar seu copo. Se ficasse bebendo a noite toda, teria uma sensação de liberdade semelhante à que experimentava com Eleanor. Com uma diferença: ela não o deixava com dor de cabeça na manhã seguinte.

As festas no campo eram sempre prazerosas. Com a imagem de Eleanor na mente, atravessou os corredores escuros do solar e subiu a escada rumo a seu quarto.

Fechou a porta, tirou as botas e jogou o casaco no chão. Fez o mesmo com o colete e a camisa. Despiu a calça e jogou-se na cama. Nu, sentiu a brisa suave daquela noite de verão.

Fechou os olhos. Percebeu o mundo oscilar como se estivesse num barco deslizando sobre ondas leves. Gostava do balanço dos navios, que o fazia adormecer com tranquilidade, sem pensamentos incoerentes, inseguranças ou sonhos. Apenas uma doce escuridão.

Estava no limiar do sono quando teve a impressão de que o tocavam na coxa. Fez um esforço para descerrar levemente as pálpebras. A visão distorcida de uma mulher com longos cabelos loiros ergueu-se sobre ele.

— Eleanor.

O que ela viera fazer ali? Ficaria com a reputação arruinada se a encontrassem no quarto com ele. Não seria recomendável que o casamento deles começasse com um escândalo.

— Não deveria ter vindo.

Ela fechou-lhe os lábios com um beijo e acariciou-lhe as coxas. As técnicas de sedução que se seguiram deixaram-no admirado. Onde uma donzela aprendera tudo aquilo?

Mas como não estava sóbrio, não se preocupou muito com o fato. Nem ao menos

observou com mais atenção a mulher que se ajoelhava entre suas pernas.

Logo depois, quando se deitou por cima dela, também não estranhou a falta de impedimento para a concretização da posse. Não lhe importava se ela era virgem ou não.

A maravilhosa Eleanor lhe pertencia.

Londres, setembro de 1819

— Não está pensando em aceitar o convite de Burrough, está?

Aborrecido com a pergunta, Brandon Ryland fitou o irmão mais novo. Wynthrope e ele tinham feito as pazes havia seis meses, e o outro sabia como provocá-lo.

— Claro que vou aceitar!

— Por acaso está bêbado?

Brandon não se ofendeu. Recostou-se na poltrona e cruzou as botas engraxadas por cima da escrivaninha.

— Estou tão sóbrio quanto tia Jane.

— Tia Jane morreu há vinte anos.

— Por isso mesmo. Deve fazer muito tempo que ela não bebe. — Brandon sorriu, matreiro.

— Antes de sua morte, ela só não bebia aos domingos.

— Isso não se pode negar.

Wynthrope realmente o provocava ou queria apenas fazer graça? Na verdade, desfrutavam uma grande amizade, mas havia ocasiões em que Brandon não sabia o que pensar de seu irmão. Gostava dele. Wynthrope era como o vento, sempre imprevisível em seu relacionamento com as pessoas, inclusive com os irmãos. Mas, pelo sorriso sempre presente de Moira, esposa de Wynthrope, ele devia ser um bom marido.

Naquela manhã, Brandon não estava disposto a fazer jogos verbais com Wynthrope. O convite do conde de Burrough tinha sido uma surpresa, pois na certa o velho não esquecera o que Brandon havia feito na última vez em que se encontraram.

Brandon não se lembrava muito dos fatos. Tudo tinha acontecido mais de dez anos antes. Na verdade, ele imaginara haver se deitado com Eleanor, porém, na manhã seguinte, acordara ao lado da irmã dela. Como resultado, Eleanor tinha se recusado a desposá-lo e até mesmo a falar com ele. Lorde Burrough, pai de Eleanor, o expulsara da propriedade rural. Mas o coração ferido de Eleanor o havia preocupado mais que o feito vergonhoso da irmã dela.

Os meses que se seguiram foram tormentosos. Brandon não conseguia esquecer o rosto de Eleanor. Alguns anos mais tarde, encontrou-a em um baile oferecido pelos Pennington. Enquanto se embriagava com champanhe, observava-a dançar de longe, atormentado pelo ciúme. Como Eleanor não demonstrava tê-lo visto, Brandon decidiu chamar-lhe a atenção. Diante de todos, aliviou-se na grande poncheira de cristal.

Apesar do estado confuso de sua mente, percebera o horror no semblante de Eleanor.

— Está louco para ver lady Eleanor, não é mesmo? — O tom de Wynthrope era acusatório.

Brandon sempre sentia o coração disparar ao ouvir aquele nome. Eleanor era uma visão que ainda o atormentava, embora, aos trinta e dois anos, fosse considerada por muitos uma solteirona. Sonhava com ela e nos sonhos a possuía. Apesar disso, nunca havia se desculpado pelo que a fizera sofrer. Talvez se lhe pedisse perdão e provasse ter modificado totalmente seu comportamento, Eleanor lhe concedesse uma segunda chance. Essa idéia poderia até ser interpretada como patética ou sinal de fraqueza, mas, na realidade, ele jamais pensara em outra mulher para casar-se. Nenhuma o tinha feito sorrir como ela. Os melhores momentos de sua vida se resumiam no tempo distante e efêmero de convivência com Eleanor.

— Seu silêncio diz tudo — Wynthrope deduziu. — Brandon, não percebe que está se arriscando a levar um grande tombo?

Brandon anuiu e atirou o convite sobre a mesa.

— Sem dúvida.

— Assim mesmo pretende aceitar?

— Prefiro cair a caminhar na beira do precipício.

— Ah, que poético. — Wynthrope arqueou uma sobrancelha.

— Não fique com ciúme só porque eu tenho temperamento lírico. — Brandon caçoou.

— Essas coisas me nauseiam.

Brandon sorriu. Não adiantava discutir com o irmão. A língua de Wynthrope era como um espadim: fazia cortes profundos, e a pessoa nem percebia que sangrava.

— Brandoh, por acaso tem idéia do mal-estar que esse encontro poderá lhe causar?

Ali estava a famosa sinceridade do irmão. Apesar dos desentendimentos havidos entre ambos, eles se amavam.

— Não sou nenhum tolo.

Brandon pensava apenas na satisfação de rever Eleanor. Não queria nem pensar em qual seria a reação dela.

Afinal, Eleanor não permitira que o convite lhe fosse enviado? Ela era a senhora da propriedade do pai. Responsável pelas tarefas cotidianas e pelas grandes festas. Não seria possível ignorar o nome dos convidados.

— Tenha cuidado, meu irmão.

Brandon emocionou-se com a preocupação de Wynthrope.

— Não se preocupe.

Sóbrio, sempre agia de maneira cuidadosa. Embriagado, era irresponsável. A ponto de dormir com a irmã da noiva. Ou de urinar em uma vasilha de ponche. Ou de permitir que o pai, o falecido visconde, participasse de uma corrida de carruagens, ocasião em que morrera em um acidente e ele mesmo tinha ficado aleijado.

Brandon sacudiu a cabeça. De todos os erros que havia cometido, causar sofrimento a Eleanor era o que mais lamentava, exceto a morte do pai.

— Então, eu o deixarei para que possa arrumar a bagagem. — Wynthrope levantou-se.

Brandon fitou o irmão sempre elegante e bem-comportado. Muitas vezes chegara a imaginar que ele fosse feito de gelo. E ao encontrar Moira, o gelo tinha se derretido. Com

certeza Wynthrope ocultava de todos as delicadezas da alma.

— Não se preocupe, Wyn. Tudo dará certo.

— Se por acaso estiver em dificuldades, e de qualquer natureza, mande avisar-me. Irei ao seu encontro.

Brandon sentiu um aperto na garganta. O irmão se referia também à bebida.

— Obrigado, Wyn.

Wynthrope anuiu e foi embora. Brandon ficou sentado por um longo tempo, olhando o retrato do pai acima da lareira.

De todos os filhos, Brandon era o que mais se parecia com o visconde. herdara os vícios e as virtudes, os traços fisionômicos e os cabelos castanhos. Porém esperava não cometer o maior dos erros: contrair matrimônio com uma mulher a quem não amava só para aumentar a fortuna e ter herdeiros, além do bastardo North, que tivera com a amante.

Nos últimos tempos havia passado a acreditar que, por não se ter casado com Eleanor, morreria solteiro. Todavia, depois de receber o convite, começara a acalantar novas esperanças. Iria até a propriedade de Burrough e enfrentaria Eleanor com alma revigorada. Faria com que ela escutasse as desculpas e provaria que era um novo Brandon. Teria de descobrir também se a opinião dela a seu respeito se modificara e se a atração entre ambos tinha sido preservada.

Se Eleanor não acreditasse em suas palavras, só lhe restaria pensar nela como parte de uma memória feliz do passado. Depois de explicar-se, com ou sem resultados, talvez ele pudesse viver em paz.

Seu futuro e o caminho que seguiria dependeriam de Eleanor Durbane e de seu perdão.

Nas poucas vezes em que a encontrara, havia testemunhado que a beleza de Eleanor aumentara com o decorrer dos anos. Não tinha se casado. Teria se tornado uma mulher amarga por sua causa? Ela se alegraria ao vê-lo? Ou só pensaria em castigá-lo? E ele? Teria as mesmas reações do passado?

Nada lhe ocorria supor.

— Devo estar ficando louca.

— O que houve, querida? — No outro lado da sala, a irmã, Arabella, ergueu o olhar do bordado.

— Perdão, Belle. — Eleanor corou. — Espetei meu dedo. O que era mentira. Na última meia hora Eleanor nem mexera na agulha. Um procedimento incomum, pois ela adorava bordar. Era o que mais a ajudava a passar o tempo, além de lhe trazer paz.

Era difícil esquecer que, aos trinta e dois anos, tornara-se uma solteirona. E poderia ter sido lady Creed, se não houvesse ido ao quarto de Brandon naquela noite.

Arabella não sabia que Brandon se deitara com Lydia, a irmã delas. Nem mesmo Lydia soubera que Eleanor os tinha visto na cama. Era certo que Lydia jamais teria cometido uma barbaridade daquelas se soubesse da proposta de casamento que

Brandon fizera para Eleanor.

Eleanor imaginava que teria sido mais fácil perdoar a irmã e tornar o ressentimento menos pesado se Lydia houvesse confessado.

Mas Lydia jamais dissera uma só palavra a respeito. Talvez o fato nem mesmo lhe importasse. Lydia traía o marido por hábito ou Brandon havia seduzido uma mulher inocente?

Na verdade, Brandon Ryland nunca precisara se esforçar para seduzir mulheres. Apesar do mau conceito que ele enfrentava no meio social, elas não lhe davam sossego.

Ora, havia muitas mulheres sem gosto nem moral!

— Ellie? — Arabella a fitava com um sorriso amistoso. — Por que está tão distraída?

Eleanor riu, fingindo surpresa.

— Distraída? Eu? — O bordado escorregou de seu colo.

— Está fitando o vazio há algum tempo.

Somente Arabella se preocuparia com isso. Lydia, Muriel e Phoebe sempre estavam ocupadas com a própria vida. Não se lembravam dos demais. Arabella era a única feliz com a situação e com o marido. As outras, inclusive Eleanor, pensavam apenas nos próprios problemas.

Depois da morte da mãe, Eleanor praticamente criara as quatro irmãs mais novas. Apesar do esforço empenhado, era possível que a culpassem pelo fato de a vida não lhes haver sorrido a contento.

— Está pensando na festa de papai? — Arabella perguntou, diante do silêncio de Eleanor.

— Sim. — Eleanor guardou o bordado na cesta a seus pés. — Ele cismou que devo casar-me.

Arabella deu mais alguns pontos na tapeçaria.

— E, pelo visto, a idéia não lhe agrada.

Era verdade. Só concordara com o pai por ele estar doente. Não queria aborrecê-lo.

— Não preciso de ajuda para encontrar um marido. Arabella deu de ombros.

— Nunca a vejo sair de casa, Ellie. Para encontrar um esposo, ele terá de ser trazido até aqui.

— Eu saio bastante — Eleanor protestou sem muito entusiasmo.

Ela ia à igreja aos domingos e até ao vilarejo quando precisava de fitas ou linhas. Durante a temporada, viajava para Londres, mas não freqüentava festas. As irmãs estavam casadas e não precisavam mais de acompanhantes para sair.

Nos últimos tempos nem mesmo gostava de ir a Londres. O comportamento de Brandon parecia ter melhorado e ele começara a ser convidado para eventos sociais. E vê-lo era um tormento insuportável para o coração amargurado de Eleanor.

— Papai mandou convites para todos os solteiros do país — Eleanor queixou-se. — O motivo é óbvio, e pensarão que ele quer me exibir como se eu fosse algum troféu para ser alcançado!

— Eleanor! Não diga isso de papai! Ele quer apenas proporcionar-lhe segurança futura quando não estiver mais entre nós.

Eleanor espantou-se com a facilidade que Arabella comentava sobre uma eventual morte do pai. Nem queria pensar nessa hipótese. Convivia muito com ele desde que a mãe morrera e não concebia a idéia de ficar sem o pai.

— Ora, minha herança impedirá que eu sinta falta de coisas materiais.

— Não é a mesma coisa — a irmã advertiu-a. — Uma dama precisa de um cavalheiro para acompanhá-la e para cuidar dela. E a mulher tem o dever de ser companheira do marido e dar-lhe filhos.

Arabella falava com sinceridade. Ela amava o marido, esperava o primeiro filho e formava com ele um casal felicíssimo. Amor e companheirismo andavam lado a lado.

Eleanor gostaria de ser como a irmã, mesmo sem a entender. Embora Arabella fosse apenas dois anos mais jovem, era o inverso dela. Arabella parecia-se mais com a mãe. Quando esta morrera, Eleanor estava com doze anos, Arabella com dez, Lydia com sete, Phoebe com quatro, e Muriel era um bebê de um ano.

Caroline Durbane havia sido uma mulher linda de cabelos loiro-claros e olhos azuis. Arabella era uma cópia da mãe. Eleanor e Lydia tinham cabelos loiros mais escuros. Os de Phoebe eram castanhos, assim como os de Muriel.

Eleanor concordara com a festa por receio de o pai se aborrecer e morrer por isso. Seria capaz de ir descalça a Londres apenas para poupá-lo. Não suportava a idéia de perdê-lo, embora ele a sufocasse.

Era apavorante a idéia de ter vários solteiros convivendo com a família durante o próximo mês. Todos saberiam dos motivos do convite.

Era horrível sentir-se como um animal à venda.

Eleanor assumira a responsabilidade de administrar a propriedade em vez de ter aulas de dança. Tinha criado as irmãs como uma segunda mãe e cuidara do pai. Por que ele imaginava que seria preciso um marido para cuidar dela?

Não negava que uma companhia seria agradável. Mas um marido?

Imaginava a espécie de candidatos a quem o pai mandara convites. Na certa, todos com caráter semelhante ao de Brandon Ryland, que havia lhe roubado a vontade de viver, isto é, de se casar.

— ...sua atenção.

— O que foi? — Eleanor espantou-se e fitou a irmã.

— Creio que estou falando com as paredes.

— Escutei o que disse, Arabella. O homem precisa da mulher para ser sua companheira...

— E?

— Para dar-lhe filhos.

— E?

Oh, céus, havia mais?

— Eu...

Arabella aguardou com paciência, apesar do olhar pesaroso de Eleanor.

— Está bem. — Eleanor franziu o cenho. Algumas vezes sua irmã era cruel. — Eu não estava escutando.

— Eu dizia — Arabella sorriu — que papai quer apenas vê-la feliz. Não a forçará a aceitar quem não lhe agrada.

Eleanor admitia essa verdade. As quatro irmãs tiveram livre escolha no casamento, e assim, certamente, seria com ela. O pai até lhe permitira recusar Brandon, que era um dos favoritos dele.

— Eu sei, Arabella. Mas será muito desagradável. Não faltarão comentários desabonadores.

— Tem razão. Por isso falei com papai para estender também os convites a jovens casadoiras.

— O que disse a ele? — Eleanor não podia acreditar que existisse um complô contra ela.

Arabella sorriu, conspiradora.

— Expliquei que a competição a deixaria mais à vontade.

— Ah, Belle! — Eleanor teve de rir. — Obrigada pela ajuda.

— Achei que, desse modo, você não se sentiria tão pressionada. Vi alguns convidados chegando esta manhã. Quem eram?

— Lorde e lady Boothe. Eles adoram chegar cedo, assim como outros que também se anteciparam. Até hoje à noite, muitos já terão vindo.

— Papai pediu que os recebesse?

— Não foi necessário. Muriel e Phoebe se ofereceram para fazê-lo. Elas se revezarão nos cumprimentos.

— Ótimo. Os convidados a verão apenas no jantar, o que aumentará a expectativa.

Expectativa de quê? Embora não fosse feia, Eleanor sabia ser a menos atraente das irmãs. Alta para os padrões femininos, tinha boca muito grande. Além de o lábio inferior ser mais largo e polpudo de que o superior. Isso lhe conferia um semblante sempre à beira do riso.

Por que ansiariam para ver uma solteirona? Ela nem mesmo poderia ter tantos filhos como uma juvenzinha. Como oferendas, tinha apenas a fortuna e a virgindade. A primeira poderia interessar; e a segunda, assustar.

— Não posso fingir que estou de acordo com isso! — Eleanor levantou-se e começou a andar de um lado para outro. — Nem é pelo fato de ser humilhante. E se algum deles quiser se casar comigo de verdade? — A idéia não lhe ocorrera antes. Havia pensado apenas em agradar ao pai.

Arabella parou de bordar.

— E se o inverso acontecer? Se algum deles a atrair? Isso não ocorreria. E se...

Ela suportaria até a festa terminar? O que poderia ocorrer durante o evento?

— Oh, Senhor! — Muriel entrou na sala, esbaforida, com os olhos azuis arregalados e as faces coradas. Ela gostava de atitudes teatrais.

— O que houve? — Arabella levou as mãos ao peito, aprovando o melodrama.

Eleanor teria revirado os olhos se não desconfiasse da autenticidade do descontrole de Muriel.

— Fale, Muriel. O que houve? Muriel encarou Eleanor.

— O visconde de Creed acabou de chegar! O coração de Eleanor ameaçou parar. Brandon! Nada poderia ser pior.

Ao notar a saída repentina de Muriel, Brandon entendeu que enfrentaria problemas. Pelo visto, ela não soubera do convite, e, pela pressa da jovem em avisar a irmã, Eleanor também não.

Ele ficou no vestíbulo com Phoebe. Esta o fitou com curiosidade, tão bonita como as demais Durbane. Lindas e ricas, todas haviam se casado.

Por que Eleanor não seguira o exemplo das irmãs? Brandon não chegou a encontrar um assunto corriqueiro para conversar até a volta de Muriel. Ela teria vindo com uma pistola ou uma espada? Nenhuma das duas coisas. Viera munida apenas de um sorriso malicioso.

— Lorde Creed, poderia ter a bondade de acompanhar-me? Muriel pensava em atraí-lo para a morte? Na certa, o levaria ao encontro do pai ou da irmã mais velha. Ou ao tribunal dos Durbane, onde seria condenado ao esgarçamento.

Brandon seguiu a jovem e olhou ao redor. A casa pouco mudara naqueles dez anos. Talvez as cortinas e algumas peças de mobília novas. O piso era de mármore italiano. Os retratos pomposos dos ancestrais continuavam na parede.

Ainda era possível sentir o mesmo cheiro de cera de abelhas e de flores.

A mudança maior tinha se operado nele próprio. Provar isso a Eleanor certamente seria mais difícil do que o Parlamento aceitar que a Inglaterra não dominasse o mundo.

— Espere aqui. — O tom autoritário de Muriel e seu sorriso diante de uma porta fechada o fizeram imaginar um algoz com um machado.

Se quisesse fugir, Brandon concluiu que teria de ser naquele momento. Em vez disso, retribuiu o sorriso com semblante malicioso. Já enfrentara alucinações e demônios muito mais assustadores que as irmãs Durbane. Não se deixaria abater.

De qualquer forma, não podia correr por claudicar de uma perna.

Muriel entrou no aposento e tornou a fechar a porta, sem dar tempo a Brandon de ver o que se passava no interior. Preparado para uma longa espera, ele se apoiou na perna sadia e observou as pinturas na parede.

Alguns minutos depois, Muriel tornou a aparecer e com o cenho franzido. Brandon não percebera que haviam sido seguidos por Phoebe que, felizmente, não portava nenhum punhal.

— Milorde pode entrar — Muriel anunciou, sombria demais para alguém tão jovem.

Eleanor, na idade da irmã, era uma criatura mais doce e inocente. Naquela altura, teria endurecido o coração e a fisionomia?

Brandon fez uma mesura cortês, endireitou os ombros e entrou, seguido pelas duas irmãs. Achou curiosa a sensação de uma mosca sendo apanhada numa teia. Eleanor encontrava-se na sala. Onde estaria Lydia? Até que ponto as irmãs teriam conhecimento da estupidez que ele cometera? Lydia devia ter contado para Eleanor. O que saberiam as outras duas? Na certa, não muita coisa. Havia sido voz corrente e aceita que sua tendência para a embriaguez fora a responsável por tudo.

Já estivera naquela sala decorada em tons de azul, dourado e rosa e que ainda conservava o mesmo tapete Aubusson. Tinha sido ali que ele vira Eleanor pela primeira vez e entendera que se tratava da mulher de sua vida.

Eleanor estava no meio da sala em companhia de outra irmã. Muriel e Phoebe se adiantaram e ladearam a irmã mais velha. Ficava evidente, pela expressão de cada uma delas, que, mesmo ignorando detalhes do passado, não permitiriam outro sofrimento para Eleanor. Brandon conhecia bem o sentimento de fraternidade, pois tinha três irmãos.

Aquelas jovens nada significavam para ele. Só lhe interessava a recepção que teria por parte de Eleanor. Ereta, impassível, ela usava um vestido de musselina creme com fitas azuis na barra e sob o busto. Como de costume, era moderna sem exageros. Diferente das irmãs, mais exageradas no trajar. Os cabelos loiro-escuros estavam presos em um coque alto.

Simples e sem jóias, parecia uma estátua de feições delicadas. Os olhos azuis demonstravam cautela e frieza; e os lábios, seriedade.

Aquela era a mulher que o apossava em sonhos e por cujo perdão ele ansiava? Eleanor o fitava com desdém. Seria o sorriso dela uma invenção de sua memória? Essa jovem que aparentava amargura seria a mesma que o fizera tornar-se um homem melhor?

Brandon sentiu o mesmo descompasso nas batidas do coração como dez anos antes, quando a havia conhecido.

Eleanor não era mais uma jovem alegre e ingênua. E ele, não mais o rapaz arrogante que se acreditava imune aos encantos femininos. Até conhecer Eleanor, imaginava-se capaz de escapar de qualquer donzela à procura de marido. Ao encontrar Eleanor, passara a considerar a idéia de um casamento feliz em que se mesclariam amor e companheirismo. E ele mesmo havia arruinado tudo.

Eleanor o fitava como se Brandon não passasse de um verme. Mas um leve toque de ansiedade no olhar trouxe a ele a esperança de que nem tudo estava perdido.

— Olá, Eleanor — Brandon tomou a iniciativa de falar, embora sem firmeza.

Por um instante, a máscara de frieza rompeu-se e Eleanor pareceu tão insegura quanto ele. A idéia de pedir perdão pareceu um exagero a Brandon. Se Eleanor ainda o desprezava após tantos anos, na certa era por ele a ter ferido demais. Seria preciso encarar a possibilidade de jamais ser perdoado. Afinal, pedira-a em casamento e depois tinha se deitado com a irmã dela. Seria mesmo difícil esquecer tamanha traição, independentemente das circunstâncias.

— Lorde Creed. — A voz rouca e pessoal o fez corar. Apesar da amargura, talvez Eleanor houvesse guardado algum tipo de sentimento por ele. Poderia ser até que os dois ainda estivessem conectados por um vínculo: Brandon a fizera sofrer, e ela o rejeitara. Havia muitas perguntas sem resposta, muitas dúvidas e um grande arrependimento em jogo.

Brandon teve certeza de que ainda a desejava, apesar das agruras e do tempo passado.

— Lorde Creed, nós não o esperávamos — a irmã atrás de Eleanor declarou com voz melodiosa.

— Peço desculpas por qualquer inconveniente que posso ter-lhes causado com a minha chegada.

Brandon imaginou se o expulsariam antes de ele ter oportunidade de dar

explicações para a mulher que se tornara uma obsessão em sua vida. Não poderia, porém, permitir que isso ocorresse.

Imploraria por perdão mesmo que fosse arrastado até a porta da rua. Não lhe importavam as consequências.

— Poderiam deixar-nos a sós? — Eleanor pediu sem desviar os olhos de Brandon e para surpresa das irmãs.

Os olhos de Eleanor não eram apenas a janela de sua alma, mas também um espelho que refletia as emoções alheias. Felizmente, ela estava afastada e Brandon não se via através daquela pequena lagoa azul.

— Nós não sairemos — Muriel retrucou, determinada.

— Temos de ir, se Eleanor assim o desejar. — A outra irmã, Arabella, se a memória dele não falhava, pôs a mão no braço de Muriel.

Era uma pequena vitória.

Arabella tocou no ombro de Eleanor.

— Estaremos no corredor se precisar de nós.

— Obrigada, Belle — Eleanor disse, ainda encarando Brandon.

As três Durbane se afastaram e lançaram um olhar de advertência para Brandon. Felizmente, Lydia não estava presente. A situação seria ainda mais constrangedora.

A porta foi fechada e Brandon sentiu a boca seca e o suor brotar da testa.

— Milorde não foi convidado para a festa.

— E-eu fu-fui — Brandon perdeu a eloquência. Eleanor cruzou os braços na altura do peito, sem perceber que a postura beligerante elevava o busto de maneira encantadora.

— Prove.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco, tirou o convite e lhe entregou.

Eleanor segurou o papel como se tivesse receio de queimar-se. E hesitou, antes de ler o que estava escrito. Nem precisava certificar-se. Conhecia de cor os convites enviados pelo pai. Ela amassou na mão o papel-pergaminho.

— Milorde jamais deveria ter aceitado.

Brandon não evitou um sorriso. Eleanor realmente achava que ele perderia a oportunidade?

— Seria grosseiro recusar.

— No entanto foi uma crueldade ter vindo. É assim que retribui o fato de eu nunca ter revelado a ninguém o patife que milorde é?

Eleanor queria fazê-lo crer que o havia protegido?

— Se espera retribuição pelo seu silêncio, deveria falar com sua irmã. Não esperei nem pedi por seu segredo. A única coisa que lhe devo são desculpas, e por isso estou aqui.

— Desculpas? Depois de tantos anos? Eu não acreditaria nelas nem as desejo.

— E o que a senhorita me deve? Eleanor estreitou os olhos.

— Não lhe devo nada!

Havia poucos instantes, também Brandon acreditaria nisso, mas a emoção o fazia pensar de outra forma.

— A senhorita me deve uma oportunidade para eu me explicar. Não me permitiu falar. Apenas rompeu o compromisso.

— Explicar? — Eleanor fitou a porta e abaixou a voz. — Nada havia para ser explicado. Sei o que milorde fez.

— Sabe o que sua irmã lhe contou. Eleanor deu um passo à frente e conteve a ira.

— Sei o que eu vi.

— O que milady viu? — Brandon não se lembrava de nada, exceto de ter acordado ao lado de Lydia e que não haviam dormido como dois irmãos.

Eleanor corou, mas não afastou o olhar, com ódio e humilhada pelo que presenciara.

Brandon não supunha que Lydia não tivesse falado.

— Vi os dois juntos.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Antes, durante ou depois? — Brandon não conteve a ousadia da pergunta.

Eleanor corou até a raiz dos cabelos. Tratava-se de uma jovem recatada e não acostumada a esse tipo de conversa. Era mesmo uma crueldade provocá-la, mas ele precisava saber, pois a memória o traía.

— Os dois se encontravam sem roupas — ela falou em voz baixa e rouca — e milorde estava por cima dela. Isso é o suficiente ou deseja que eu continue? Garanto-lhe que me lembro de cada detalhe da cena.

Brandon engoliu em seco. A mágoa na voz de Eleanor machucou-o. E a acusação do olhar penetrou fundo em sua alma. Teve a impressão de que lhe arrancavam o coração. Poderia negar se fosse apenas a palavra de Lydia. Mas Eleanor vira tudo. E ele teria de conviver com a certeza de que havia lhe causado um terrível sofrimento. Como reparar um erro tão grave?

— Eleanor, eu sinto muito.

— Ah, acredito que sim — ela ironizou. — Não tenho idéia por que milorde veio até aqui, mas isso pouco me importa. Todavia esteja certo de que falarei com meu pai e ele dará um jeito na situação. — Estendeu o convite amassado para Brandon, que hesitou antes de pegá-lo.

Eles se entreolharam e, como estavam próximos, Brandon viu o próprio reflexo nos olhos azuis.

— Até lá, lorde Creed, não se esqueça. Dei a explicação devida e não lhe devo mais nada.

Ereta como uma rainha, Eleanor saiu da sala e deixou-o enlameado de vergonha.

Eleanor Durbane nada lhe devia. Mas ele certamente tinha um grande débito com ela. Tão grande que nem mesmo fazia idéia de como começaria a amortizá-la.

Seguida pelas três irmãs, Eleanor subiu correndo a escada até o pavimento onde estavam situadas as suítes do pai.

— O que foi que ele disse?

— O que pretende fazer?

— Eleanor, diga alguma coisa!

Chegaram ao patamar superior. A esquerda, estendia-se a escada que conduzia aos aposentos da família. A direita, os degraus que levavam aos dos hóspedes.

Eleanor fitou Arabella de relance e teve de soltar a tensão do queixo para responder.

— Papai o convidou.

As três sufocaram um grito, horrorizadas. Eleanor estava confusa, machucada. Impossível esquecer que fora traída. Pelo pai e por seu próprio coração, que havia disparado ao ver Brandon.

Mas o que levava lorde Burrough a convidá-lo?

Claro que seu pai, assim como suas irmãs, não conheciam a verdade. Até aquele dia, nem mesmo Brandon sabia o que ela havia presenciado. Não pretendia revelar nada, mas o canalha insistira. Eleanor não costumava perder a paciência, porém Brandon Ryland despertava nela os piores sentimentos.

Ele sempre tivera a capacidade de fazê-la agir de maneira inadequada. Até o namoro deles a deixara zozona e ela havia aceitado o pedido de casamento apesar de conhecê-lo fazia poucas semanas.

Por isso a dor fora imensa ao encontrá-lo com Lydia.

Será que ele tinha ficado maluco ao pretender desculpar-se depois de tantos anos?

A expressão de horror quando Eleanor havia lhe contado o que virá só podia significar duas coisas. Ou naquela ocasião Brandon estava bêbado e de nada se lembrava, ou pretendia mentir e tinha sido impedido de fazê-lo.

Embora achasse a segunda hipótese mais acertada, ela não deixou de considerar a primeira a mais provável. Apesar de tudo, não gostava de fazer mau juízo das pessoas.

Porém Brandon Ryland teria de provar a verdade em qualquer outro lugar. Em no máximo uma hora ele estaria fora daquela casa!

Eleanor tropeçou no tapete e quase caiu. Felizmente as irmãs tagarelavam sem parar e não notaram. Ou ela precisaria de uma explicação para a topada. O que seria difícil, sem revelar a verdade.

E se o convite houvesse sido enviado por Lydia? Brandon e Lydia estariam pensando em continuar o *affair*? Ora, isso também não lhe dizia respeito.

Se o pai não se responsabilizasse pelo envio, na certa ele haveria de querer descobrir quem mandara o convite.

Bem, o problema passaria a ser de Lydia, e não dela. O coração de Eleanor confrangeu-se. Tinha sido uma verdadeira mãe para as irmãs e não queria que sofressem.

No entanto Lydia era uma mulher, não uma criança. Eleanor procurara protegê-la em relação a Brandon, porém não repetiria o engano. Dessa vez ignoraria o instinto maternal.

Da mesma forma que havia evitado sentir pena ao notar que Brandon ainda usava bengala. Quando o vira com ela a primeira vez, tinha pensado que fosse por modismo. Depois se recordara de que a perna havia sido quebrada no acidente que custara a vida do visconde. Brandon tivera sorte em sobreviver. Lembrou-se de ter ficado aliviada ao saber que ele não havia morrido e rezara por sua vida.

Suas preces tinham sido atendidas. Por que Deus não a escutara dez anos antes e fizera do episódio apenas um pesadelo?

Também não era justo seu coração se acelerar ao deparar com Brandon. Desejou também que as marcas do tempo houvessem sido generosas para ela como tinham sido para ele. Brandon passara a ser um homem ainda mais atraente com a idade.

Eleanor nunca esqueceu aqueles olhos, boca e mãos. Havia sido criada quase numa clausura, e ele foi o primeiro homem que a fizera ter consciência de ser mulher. Ela acreditara na sinceridade de Brandon e em suas maravilhosas palavras. Não tinha sido difícil entusiasmar-se por ele. Tanto que, ao encontrá-lo com Lydia, tentara inventar mil desculpas para o fato.

Havia chegado ao absurdo de pensar em desculpá-lo por havê-la traído com Lydia!

Os cabelos de Brandon estavam mais longos, dando-lhe um aspecto de pirata ou de herói dos poemas de Byron. Seria bem mais fácil odiá-lo se ele fosse horroroso! Estava cansada de desprezá-lo e de guardar aquele segredo. Tinha sido um alívio confessar o que vira.

Eleanor caminhou até os aposentos do pai, lutando contra o receio. Se Brandon ficasse naquela casa, acabaria por acreditar em seu arrependimento e em sua transformação. Temia ainda gostar dele. E, apesar da idade, continuava a ser uma mulher recatada e de coração ingênuo como o de uma criança.

Seu maior pavor era esquecer o ódio por Brandon e começar a ter aversão pela irmã. Oh, Deus, não podia odiar uma menina que ela criara por causa daquele homem e nem por qualquer outro!

Se Eleanor o perdoasse, Brandon poderia feri-la de novo. Isso não devia se repetir.

Brandon Ryland teria de deixar aquela casa.

Imediatamente.

Eleanor bateu na porta do quarto do pai, rodeada pelas irmãs. No passado elas se ressentiam contra a irmã mais velha, que insistia em fazer o papel de mãe. Mas nunca lhe haviam negado apoio nas poucas ocasiões que a imaginavam perdida. Como naquele momento.

Por trás da madeira maciça de carvalho, escutaram a voz do pai pedir que entrassem. Eleanor virou a maçaneta e adiantou-se, antes de perder a coragem.

Jeremiah Durbane estava reclinado na cama sobre uma montanha de travesseiros. Aos quase setenta anos, tinha compleição robusta e penetrantes olhos azuis. Os cabelos loiros eram quase brancos.

A doença do pai surpreendera a todos e, por ela, Eleanor havia concordado com a realização da *houseparty*, uma festa idiota em que convidados se hospedariam na casa durante muitos dias. Não desejara aborrecê-lo.

Naquele dia ele se encontrava bem-disposto e fitou as filhas com cautela.

— Bom Deus — murmurou. — Só existe uma coisa que as faria entrar aqui dessa maneira. Devo estar morto... ou morrerei em seguida.

Eleanor não estava disposta a rir e escolheu as palavras com cuidado.

— Achei por bem informá-lo da presença de um convidado.

O pai não pareceu surpreso. Se ele era o responsável pelo convite, Lydia também se surpreenderia.

Melhor assim.

— E de quem se trata?

A inocência fingida de lorde Burrough não a enganou. — O visconde de Creed.

— E mesmo?— A tentativa de aparentar espanto também falhou.

— Pare com isso, papai. Sei que o convidou. Estou sentindo odor de culpa.

O pai inalou o ar.

— É linimento, Ellie. Acredite, conheço o cheiro da culpa. Eleanor escutou uma risadinha às suas costas. Devia ser Arabella.

— Por que fez isso, papai?

— Fui muito amigo do falecido visconde e é preciso ser leal às antigas amizades.

Asneira. E o que dizer da lealdade familiar?

— Não se aborreça, minha filha. — Ele sorriu. — Eu a valorizo muito mais que aos outros.

— Pois então quero que o mande embora — Eleanor pediu com as faces coradas.

— Não posso.

— Por que não? Se o convidou, poderá desconvidá-lo.

— Não é tão simples assim, minha filha. Por outro lado, não vejo por que eu deveria fazer uma descortesia dessas.

— Papai — Arabella interferiu, antes de Eleanor iniciar uma ladainha de motivos. — O entendimento entre o visconde de Creed e Eleanor terminou de maneira intempestiva. O que seria suficiente para ele não ser bem-vindo nesta casa.

Eleanor anuiu satisfeita com a precisão de Arabella.

— Isso aconteceu há muito tempo — o pai argumentou.

— Papai!

Não havia como repreender lorde Burrough. Ele não tinha conhecimento da extensão da vilania de Brandon. Na certa acreditava que Eleanor se baseava em vergonha ou orgulho feminino. O velho conde não podia imaginar o desaforo que seria ficar com Brandon Ryland sob o mesmo teto. Em todo caso, ela teria todo o direito de desprezar Brandon e nada a temer por parte dele.

— O que houve, minha filha? Está com receio de que ele volte a fazer-lhe a corte? Ou de que não o faça?

Eleanor sentiu o rosto em fogo. O pai talvez houvesse acertado no alvo. Teria pavor de ser cortejada por Brandon de novo? Ou o medo maior seria ele não lhe dar atenção e assim a relegar de vez ao rol das solteironas?

Nada disso. Eleanor estava convicta de ser dona do próprio destino. Até poderia casar-se algum dia. O que a incomodava era o pai, como todos os homens, dar pouca importância ao ponto de vista das mulheres.

— Nada disso! Estou apenas preocupada com o comportamento passado de lorde Creed. — O que não era nenhuma mentira.

O pai se acomodou melhor nos travesseiros.

— Está se referindo às atitudes do visconde que certamente não a incluíram?

Eleanor não queria pensar nas poucas vezes em que Brandon lhe roubara um beijo.

— Estou trazendo à baila a tendência que lorde Creed tem para se embriagar. O

senhor já presenciou esses inconvenientes tanto quanto eu. E se ele cometer mais um escândalo e justamente aqui? — Eleanor referiu-se aos comportamentos execráveis de Brandon no passado que falavam por si mesmos.

— Bobagem. Não escutei uma palavra desagradável a respeito de Brandon desde que o pai morreu. Os rumores apontam os antecedentes de Creed como uma página virada.

— Mas... — Eleanor não acreditava.

— Ellie, eu me lembro de tê-la ouvido afirmar que todos mereciam uma segunda chance quando eu me recusei a chamar de novo o dr. Kerry.

— Sim. — Eleanor sussurrou.

O pai alisou o lençol com a mão espalmada.

— Certamente o visconde de Creed merece a mesma consideração, Eleanor. A menos, é claro, que me apresente motivos em contrário.

Ela abriu a boca e tornou a fechá-la. Lorde Burrough a encarava com olhar interrogativo. As irmãs a rodeavam como um manto protetor.

— Eleanor? — Muriel falou em tom esperançoso. — Existe alguma razão para que o visconde de Creed não mereça uma nova oportunidade?

Como falar na traição de Brandon contra ela, contra Lydia, contra todos, sem revelar a horrível verdade?

— Não — Eleanor respondeu em voz muito baixa. — Creio que não.

— Ótimo. — O pai deu um sorriso satisfeito. — O assunto está resolvido.

O bom humor dele acabou no momento em que viu a expressão de Eleanor.

— Não se preocupe. Tudo dará certo, Ellie. Verá que o visconde de Creed não nos causará problemas. Procure conceder-lhe o benefício da dúvida. Poderá encontrar dentro de si a vontade de perdôá-lo.

Eleanor não conseguiu falar. O pai se pusera em campo oposto e ela não podia revelar aquilo que o faria apoiá-la.

Eleanor duvidava de que Brandon tivesse mudado. Mesmo que, por algum milagre, houvesse abandonado o hábito de beber em demasia, ele continuaria a ser a mesma pessoa. Nada mudaria a infâmia que praticara nem o fato de ter cometido uma traição contra ela.

Uma segunda chance para quê? Para repetir a desonra?

Ela jamais o perdoaria.

Capítulo II

Brandon aprontou-se para o jantar com a ajuda de seu criado de quarto. Começava a suspeitar de que Eleanor fracassara na tentativa de expulsá-lo. Ou então ela ainda não tinha falado com o pai. Apesar de o conde adorar a filha mais velha, talvez a doença o tivesse impedido de recebê-la.

Mais tarde, Arabella pediu aos convidados que desculpassem Eleanor. Explicou que a irmã não viria jantar por estar com dor de cabeça. Vários presentes fitaram Brandon com olhar acusatório, mesmo sem saber o motivo verdadeiro pelo qual ele fora rejeitado dez anos antes. O velho conde também não compareceu. Talvez houvesse piorado.

O que mais aborreceu Brandon foi a reação de Lydia ao encontrá-lo. Ela não demonstrou estar ofendida como as outras irmãs. Pelo contrário. Mostrou-se encantada, o que suscitou a desconfiança de muitos. O marido, em sua abençoada ignorância, conversava animadamente com outros convidados.

Se Lydia esperava renovar os laços de amizade, logo se desencantaria. Brandon não se sentia atraído pela dama, apesar do esforço que ela fazia para ser notada.

Brandon teve certeza de que Lydia procurava atrair sua atenção por ele demonstrar interesse em Eleanor. Como aquela *house party* era um pretexto para encontrar um marido para Eleanor, apesar de outras donzelas presentes, Lydia não descartava a hipótese de Brandon ser um dos candidatos.

Ele não tomou nenhum gole do fino clarete. Temia experimentar a bebida e não ser capaz de parar no primeiro copo. Pediu um copo de água ao criado e foi atendido de imediato.

— Lorde Creed — uma voz suave chamou-o do outro lado da mesa. — Faz um século que não nos vemos.

— Faz alguns anos, lady Brend. — Brandon encarou Lydia.

— Milorde está com ótima aparência.

Ele reconheceu de longe a lisonja mal-intencionada.

— Lorde Creed é solteiro — lorde Brend interferiu com jovialidade. — Não tem por que se desgastar.

Vários convivas riram e Lydia sorriu com recato sem desviar os olhos de Brandon.

— E por pouco não se casou, não é?

Arabella e Muriel sufocaram um gemido de espanto à referência sobre o rompimento do noivado por parte de Eleanor.

— Ora, Lydia, está pretendendo fazer graça? — Phoebe ironizou.

Com a brincadeira sem propósito. Lydia acabou prestando um bom serviço a Brandon e à família. Os outros convidados ficariam com a ilusão de que as divergências entre eles havia muito tinham sido esquecidas. Logo cessariam os comentários sobre a presença de Brandon Ryland entre os Durbane.

— Com certeza. — Brandon sentiu um gosto amargo na boca. — Ainda mais que todos reconhecem a sorte de lady Eleanor no caso.

Brandon não duvidou de haver expressado o sentimento de todos e notou que Arabella o fitava com gratidão. Independentemente dos motivos que levavam uma noiva a desistir do compromisso, a sociedade não via com bons olhos uma jovem que renunciava ao noivado. Se quisesse, Brandon até poderia ter feito observações desairosas a respeito de Eleanor. Mas de que adiantaria? Isso não a traria de volta aos seus braços.

Lydia continuava a fitá-lo com intensidade, porém ninguém pareceu notar o interesse. Ou se notavam, pouca importância deram ao fato. Lydia se parecia com Eleanor, mas não era encantadora como a irmã.

Como pudera enganar-se naquela noite e pensar que fora Eleanor quem havia entrado em seu quarto? Se estivesse em pleno uso de suas faculdades mentais, Brandon jamais se teria deitado com Lydia.

Ele conservou um silêncio cortês e apenas respondeu ao que lhe era perguntado. Houve quem o ignorasse, mas a maioria fazia questão de incluí-lo na conversa. O que não deixava de ser animador. Os presentes eram damas e cavalheiros socialmente aceitáveis e certamente serviriam de exemplo para os mais reticentes.

Sua mudança seria tão nítida para ser apreciada? Ou o mau comportamento estaria na moda? O que também não importava. Sua família, irmãos e esposas, havia se esforçado para trazê-lo de volta ao mundo. Talvez os esforços não tivessem sido em vão.

Após o jantar, os cavalheiros, incluindo Brandon, se reuniram para fumar charutos e conversar. Ninguém pareceu notar que ele não tomou o vinho do Porto que era oferecido.

Mais tarde, no caminho para seus aposentos, foi interceptado pelo mordomo.

— Perdão, milorde, mas lorde Burrough deseja falar-lhe.

Na certa para pedir que se retirasse. Ou para explicar por que o convidara. Ou para lhe oferecer a mão de Eleanor.

— Obrigado. Irei em seguida.

— Precisa que eu indique a localização dos aposentos de milorde?

Na sua última visita, Brandon tomara um conhaque com Burrough naquela suíte antes de ir dormir.

— Não será necessário.

O mordomo anuiu e deixou-o. Brandon foi até a larga escadaria que se dividia em duas no patamar intermediário e se deteve no degrau inferior. Era uma tolice, mas receava enfrentar o homem que havia sido amigo de seu pai e também seu. Envergonhava-se pelo que fizera e sentia um aperto no coração toda vez que deparava com alguém a quem prejudicara.

Apoiou-se na bengala e começou a subir. Ninguém tinha mencionado o problema em sua perna. Fingiam ignorá-lo.

No passado tinha a fama de um homem muito atraente, esportista e másculo. Atualmente, nem mesmo podia praticar equitação sem que a perna começasse a latejar. Desistira até da esgrima por sua postura deselegante.

No último degrau, parou de novo. A perna quebrada precisava de um descanso. Embora os exercícios houvessem melhorado seu desempenho, jamais seria o mesmo homem de antes do acidente. Mesmo assim, não se queixava. Era um preço muito pequeno a pagar por haver nascido de novo. Seu pai não tivera a mesma sorte.

Nem a desistência do noivado o fizera tomar juízo. Se houvesse encontrado o rumo certo naquela época, o pai não teria morrido e ele não seria um aleijado.

A ruptura do compromisso o havia levado a beber durante duas semanas. Tinha sido uma quinzena abençoada em que não pensara em Eleanor. Havia chegado a imaginar que a vida seria melhor sem ela. Não acreditava nisso apenas quando estava sóbrio e nas raras vezes em que a via. Como na noite fatídica na festa dos Pennington.

Enganara a si mesmo até depois do acidente, quando tinha começado a reunir os cacos de sua vida. A necessidade de mudar tornara-se uma obsessão tão grande quanto o desejo por Eleanor. Procurava o perdão de todos a quem havia prejudicado. Depois de finalmente reconciliar-se com Wynthrope, restava apenas Eleanor para desculpá-lo. Não desejava somente uma oportunidade para pedir-lhe perdão, e Deus era testemunha disso.

— Está muito pensativo hoje — uma voz sussurrou a seu lado.

Brandon levou um susto. Afastou-se depressa, ignorando a fígada na perna.

— Perdão. Não pretendia obstruir-lhe a passagem.

— Não precisa ser tão formal comigo, Brandon. — Lydia fitou-o com malícia...

Ela se aproximou. O vestido de seda era insinuante e Lydia se movimentava com sensualidade. Ela fazia isso com todos os homens ou só com os preferidos? Seria fácil levá-la para o quarto, depois voltar até a sala e tomar uma garrafa de conhaque para esquecer. Lydia o encorajaria se soubesse que representava um alçapão para uma nova decadência?

— Por que veio até aqui, Brandon?

Ele tornou a se afastar e apoiou-se na bengala para apressar os passos.

— Porque fui convidado.

— E por que aceitou o convite de meu pai? — Lydia adiantou-se com intenção de empurrá-lo contra a balastrada.

Ela saberia o quanto fizera Eleanor sofrer? Era provável que ignorasse, do contrário não o provocaria. Afinal, supunha-se que as irmãs se amassem.

— Milorde veio por minha causa ou por Eleanor? — Lydia insistiu.

— Não vim por ninguém, milady. — Brandon não tinha tempo nem paciência para sandices. Conteve-se para não ser rude.

Lydia passou o dedo na lapela do casaco dele.

— Nunca esqueci a noite que passamos juntos.

— Eu nunca mais me lembrei disso. Com licença.

Brandon passou por ela e continuou em direção aos aposentos de lorde Burrough, seguido pelo riso caçoísta de Lydia. Bateu na porta e abriu-a ao convite para entrar. Sentiu-se aliviado de poder se afastar da fogaosa dama.

O recinto era iluminado apenas por uma lamparina em cima da mesa-de-cabeceira. Lorde Burrough estava reclinado na cama, com um livro a seu lado. Apesar da idade, parecia saudável para quem, como se dizia, aguardava a morte.

Talvez os boatos fossem exagerados.

— Finalmente o revejo, visconde de Creed. Entre, meu filho. — O conde saudou-o com energia.

Brandon caminhou até a cama. O idoso lorde examinou-o da cabeça aos pés.

— Sente-se. Não é cortês olhar-me de cima, meu jovem. Brandon puxou uma cadeira e obedeceu. Esticou a perna para que ela não o molestasse.

— E bom vê-lo outra vez, milorde — ele disse.

— Milorde não, por favor. Prefiro Burr, como seu pai me chamava. Afinal, eu o conheço desde que nasceu.

— Está bem, Burr. — Brandon se comprazia da amizade do conde com seu pai.

Lorde Burrough ajeitou-se nas almofadas e sorriu.

— Suponho que deva estar imaginando o motivo do convite, Brandon.

Brandon apreciava a sinceridade.

— Não tenha a menor dúvida. Burrough deu uma risada.

— Eu o convidei por causa de Eleanor.

O coração de Brandon bateu mais depressa. Teria ela contado ao pai o que acontecera?

— Não sei o que houve na época entre os dois, mas minha filha mudou muito depois do rompimento.

— E o convite deveu-se a quê?

— Brandon Ryland tem sido uma obsessão para minha filha há anos. Sua vinda à nossa casa permite-me supor que, de alguma forma, uma aflição semelhante pode não lhe ser estranha, meu jovem. Eu gostaria que pudessem fazer as pazes e que Ellie retomasse uma vida alegre.

Brandon riu e sacudiu a cabeça.

— Não creio, que isso seja possível.

— Por quê?

— Porque lady Eleanor não deseja reconciliar-se comigo. — Embora uma década fosse um tempo extenso demais para manter o mesmo ódio.

— O que fez à minha filha?—Burrough estreitou os olhos. Brandon passou a mão no rosto, suspirou com resignação, inclinou-se para a frente, apoiou os antebraços nas coxas e fitou o conde.

— Eleanor recusou-se a casar comigo por ter-me apanhado... em situação comprometedor com outra mulher.

— Lydia. — O conde nem ao menos piscou. Brandon ficou boquiaberto pela surpresa.

— Como milorde soube? Burrough suspirou.

— Conheço minhas filhas. Lydia insistiu em casar-se muito jovem e não houve como dissuadi-la. Não demorou muito e ela começou a procurar alegrias fora de casa.

— Sei que não é desculpa, mas eu estava bêbado. Não me lembro do que houve.

— Tomo suas palavras como verdadeiras. — O conde demonstrou simpatia. — Sou

testemunha de que sempre foi honrado, apesar de beber em excesso.

Brandon não discutiria com Burrough que, felizmente, não perdera a confiança nele.

— Há quase dois anos, não sei o que é tomar um drinque.

Os meses que se seguiram ao acidente foram terríveis e o láudano tinha suas atrações. Brandon resistira bravamente. No momento, tomava doses fracas por causa da dor na perna, sem o risco de acabar em um buraco qualquer do Oriente com um cachimbo na mão.

— Isso prova seu valor. Seu pai tinha alguns vícios, mas era um bom homem. Aposto que meu jovem amigo se parece com ele.

Brandon, comovido, não soube o que responder.

— Não sei se Eleanor poderá perdoá-lo, mas tenho certeza de uma coisa. Se ela não puder esquecer o que houve e os dois não fizerem as pazes, minha filha jamais encontrará a felicidade. E tudo o que mais quero é ver Eleanor feliz.

Era exatamente esse o desejo de Brandon.

— Ou os dois se casam, ou se odeiam. Para mim, tanto faz. Contanto que minha filha alcance a felicidade.

O conde era direto nas afirmativas.

— Por que milorde demorou esse tempo todo para tomar uma decisão?

O velho lorde sorriu.

— Eu tinha de esperar até meu jovem amigo ficar sóbrio.

Eleanor evitou Brandon o quanto pôde nos dois dias seguintes, sem dar a ele a prometida oportunidade de provar sua mudança de comportamento.

Sentada sob uma cobertura no gramado dos fundos da propriedade do pai, ela aguardava o almoço, que seria servido ao ar livre. Refletiu que a afronta talvez houvesse funcionado. Brandon não se encontrava entre os poucos convidados presentes à mesa. Ou resolvera comer no quarto, ou partira. Eleanor ignorou o desapontamento com a idéia da partida de Brandon. E por que ele iria embora se tantas pessoas apareciam satisfeitas com sua presença? O passado escandaloso fizera de Brandon uma espécie de lenda e o havia tornado popular. Isso sem falar nas matronas que, apesar de tudo, sonhavam com ele como marido para as filhas. Brandon Ryland era outra vez o favorito da sociedade. Eleanor duvidou que ele abandonasse a festa, mesmo sabendo que sua presença a aborrecia. Na certa, Brandon até se alegrava com o desconforto causado. Além do mais, ele poderia ter um motivo oculto para permanecer naquela casa: Lydia. Eleanor garantiu a si mesma que nada disso lhe importava. O mais triste era admitir que vestira um belo traje azul com a intenção de ser admirada por Brandon. Ele comprovaria que, apesar da idade, Eleanor Durbane estava bem conservada. Aliás, a aparência de Brandon melhorara com o passar dos anos. Ele também não tinha envelhecido, mas isso não era o maior interesse de Eleanor. O primordial era mostrar a Brandon que ela ficara solteira por opção, e não por falta de candidatos. Eleanor gostaria que ele até tentasse cortejá-la. Assim poderia espezinhar e reduzir a pó as esperanças do presunçoso.

Seria uma maneira de retribuir o mal que Brandon cometera.

Deu graças aos céus de não ter se apaixonado por ele. O sofrimento teria sido bem

maior e ela levaria muito mais tempo para recuperar o coração e o orgulho feridos.

E quando Brandon apareceu em meio aos convidados, Eleanor sentiu-se aliviada. Ele parecia à vontade, descontraído. Tratou a todos com cortesia e não demonstrou se incomodar com as pessoas que o olhavam com curiosidade. O sol trazia reflexos dourados e vermelhos aos cabelos castanhos que cobriam o pescoço. Ele não dava importância àquele aspecto descuidado, mesmo que os cabelos mais curtos estivessem em voga. Brandon sorria o tempo todo.

Eleanor não entendeu o motivo para tanta euforia. Brandon fora desacreditado pela sociedade e mancava por causa do acidente que havia custado a vida de seu pai. Ainda lhe sobravam razões para rir?

Eleanor tinha uma vida muito mais completa e ordenada, mas nem por isso vivia rindo. Na verdade, experimentava muitas vezes um grande vazio interior e se tornara adepta em esconder os próprios sentimentos.

O sorriso de Brandon continuava irresistível, ainda mais quando revelava os dentes alvos e perfeitos. Vestido com elegância e estilo, era um perfeito cavalheiro. Botas brilhantes e gravata branca completavam a bela imagem. A bengala com extremidades em ouro era um charme especial.

— Ele é um homem muito atraente, não acha?

A despeito do calor, Eleanor sentiu um calafrio ao erguer os olhos para Lydia.

— Quem? — Foi difícil fingir ignorância.

— Sabe muito bem de quem estou falando. Não o olhe demais, minha querida. Ou dirão que ainda alimenta sentimentos por ele.

Eleanor enrubesceu e resistiu para não dar o mesmo conselho à irmã. Lydia tinha boas intenções e não merecia palavras venenosas.

— Os boateiros falarão independentemente do que esteja ocorrendo. Não se preocupe, Lydia. Brandon Ryland não representa nenhum risco para mim.

A irmã fitou-a, divertida, como se a ingenuidade a penalizasse.

— Eleanor, qualquer mulher merecedora das atenções de Brandon estará em perigo.

Lydia se incluía na lista? E por que pensar nisso a deixava com a boca amarga? Eleanor não concordava com a desonra dos votos matrimoniais, mesmo acreditando que a mulher tinha o direito de agarrar a felicidade naquele mundo dominado pelos homens. Quem era ela para julgar alguém? Não teria feito o mesmo na situação de Lydia? Ou estaria apenas com ciúme porque Lydia experimentara o que lhe pertencia por direito?

— Obrigada pelo aviso, Lydia. Creio que Muriel deseja falar-lhe.

— Ah, na certa quer que eu a salve de lady Edwards. Com licença, minha querida.

Eleanor disse a si mesma que após o almoço voltaria para o seu quarto. Ergueu os olhos. Brandon a fitava de longe. Ele a teria visto conversando com Lydia? Pensaria que falavam a seu respeito?

Eleanor desviou o olhar. Não queria demonstrar nenhuma emoção e muito menos interesse nele!

O mordomo tocou o sino. Era o aviso de que a refeição seria servida. No almoço informal, várias mesas pequenas tinham sido espalhadas pelo gramado. Havia toalhas brancas de renda, vasos com flores e talheres de prata em todas elas. Eleanor sentiu-se

orgulhosa pelo ambiente agradável que proporcionava aos convidados.

O pai, Arabella e Henry, o marido, vieram sentar-se com ela. Também vieram um dos solteiros convidados, uma matrona e um casal amigo da família. A cadeira vazia ao lado de Eleanor foi ocupada por Brandon.

Mas que ousadia!

Ela evitou demonstrar sua indignação, por ser aquela mesa objeto do interesse de várias pessoas. Não pretendia dar aos outros o gosto de comentar sobre outra coisa além da deliciosa comida que seria servida.

— Creed, que bom que veio sentar-se conosco! — O pai salvou-a de um comentário menos formal. A voz dele havia semanas não se mostrava tão forte. — Creio que conhece a todos, não é?

— Agradecido, lorde Burrough. Desejo-lhes um bom dia. Eleanor lançou-lhe um olhar faiscante, de viés.

Com exceção do solteiro lorde Taylor, os demais o saudaram com cordialidade. A rudeza de lorde Taylor não angariava simpatias para o seu lado. Eleanor sentiu-se em meio a uma disputa desagradável e sem direito a apertes.

Brandon inclinou-se para a direita e deixou a bengala entre as cadeiras. No movimento, encostou o ombro no de Eleanor, e os cabelos com odor de sândalo roçaram no rosto dela. Eleanor encolheu-se no assento para evitar tocá-lo e inalou o aroma. Pediu a Deus para que sua reação se devesse à falta de companhia masculina, e não à presença de Brandon.

Ele se endireitou e murmurou qualquer coisa relacionado a morangos. Eleanor lembrou-se de ter usado creme de morango na pele naquela manhã e um perfume de idêntica fragrância.

— Está reclamando do meu perfume, lorde Creed? — ela perguntou em voz baixa.

Os demais ocupantes da mesa prestavam atenção aos criados que passavam com as bandejas lotadas de iguarias.

Brandon virou-se para Eleanor. Continuava sendo um homem atraente. Uma pena que seu interior fosse exatamente o oposto.

— De maneira alguma. Milady sempre me recorda de morangos silvestres em um dia de verão.

As palavras inocentes na voz de Brandon envolveram-na como uma onda de calor. Como desprezar alguém que era tão insinuante? Seria uma fraqueza de sua parte ou o exemplo do poder de sedução daquele homem?

Eleanor não soube a resposta. Tomou um gole de limonada para diminuir a quentura que não a abandonava.

Brandon pouco falou durante a refeição. Limitou-se a responder às perguntas que lhe eram dirigidas. Ocasionalmente, ele encostava o joelho no dela por baixo da mesa. Eleanor receou que as batidas desordenadas de seu coração pudessem ser ouvidas na Escócia. Admitiu estar muito nervosa por ignorar o motivo que levava Brandon a aceitar o convite.

A sobremesa constituiu-se de morangos frescos e creme batido. Brandon levou à boca uma colherada e Eleanor foi incapaz de afastar os olhos da maneira sensual como ele passou a língua nos lábios.

Ela estremeceu.

Brandon retornou a colher para a tigela e sorriu com malícia para Eleanor.

— Morangos são os meus prediletos.

Ela não comeu a sobremesa e decidiu trocar o perfume por água de rosas. Valeria a pena descobrir se as rosas eram as flores favoritas de Brandon.

Ah, não se deixaria abater. Ele pretendia apenas perturbá-la.

O almoço terminou e Eleanor, com dor de cabeça, levantou-se para retornar ao seu quarto. Brandon ficou em pé e desequilibrou-se, apesar da bengala. Ela teve de ajudá-lo, ou ele cairia.

Brandon apoiou-se na perna sadia enquanto estirava a outra, e uma contração labial definiu a extensão da dor que ele sentia. Com um riso sarcástico, desvencilhava-se dela sem agradecer e Eleanor concluiu que o orgulho devia ser tão doloroso quanto a perna ferida.

— É melhor entrarmos antes que chova. — Com cuidado, Brandon afastou-se da mesa.

— Milorde é capaz de prever o tempo? — ela perguntou.

— Ainda não sabia disso? — Brandon ironizou. Eleanor poderia ter se afastado. Não o fez. Caminhou ao lado dele para auxiliá-lo caso fosse necessário.

— Há muitas coisas a seu respeito que eu desconheço.

— Uma pena não termos tido a oportunidade de remediar esse fato.

Ela deu de ombros, com o olhar fixo na casa.

— Ou uma sorte, dependendo do ponto de vista.— Eleanor declarou.

— Tem razão. — Brandon andou com mais facilidade. Eles se conservaram em silêncio até se aproximar dos degraus da mansão. Quando se detiveram, Eleanor esperou o que Brandon parecia ter para falar.

— Eleanor, não posso acalantar a esperança de que aceite minhas desculpas. Sei que a minha atitude foi imperdoável, mas eu gostaria que acreditasse em mim. Sinto muitíssimo por qualquer sofrimento que eu possa ter-lhe causado. Jamais desejaria tê-la feito sofrer.

Ele estaria sendo sincero?

— Milorde pode muito bem imaginar as conseqüências da sua atitude.

No olhar de Brandon era possível notar arrependimento e uma certa dose de ingenuidade.

— Ellie, eu estava tão bêbado que não tive condições de separar a realidade da imaginação.

A resposta não era a ideal, mas parecia honesta. E o apelido familiar deixou-a ainda mais confusa.

— O que milorde quer dizer com isso?

Ele fitou-a com franqueza.

— Quem estava na minha cama não era quem eu desejava que estivesse.

Eleanor corou até a raiz dos cabelos e recomeçou a andar. Para seu alívio, Brandon seguiu-a em silêncio. Depois do que ele dissera, Eleanor não conseguiria mais falar.

Brandon havia falado com honestidade ou pretendia confundi-la? Ele não sabia que

se tratara de Lydia ou seriam palavras de um conquistador acostumado a brincar com o afeto feminino?

Em que Eleanor deveria acreditar? Ou melhor, qual seria a verdade que mais lhe agradaria?

Brandon não pretendia desistir depois da pequena vitória naquele almoço.

Não tinha sido muito, mas ele vira um lampejo de incerteza no olhar de Eleanor ao lhe revelar o que acontecera naquela noite. Também notara sua preocupação quando quase tinha caído por causa da perna.

Durante o jantar, Brandon se mantivera afastado de Eleanor. Agora, na sala de estar, conversava com outros convidados, que não perdiam tempo em fazer perguntas nada sutis. A má reputação era terrível. As pessoas estavam convencidas de que ele era uma criatura exótica, rara e excitante ao mesmo tempo. Achavam-se no direito de perguntar o que lhes viesse à cabeça.

— Lorde Creed, é verdade que já matou um homem? Por um instante Brandon pensou que o homem se referia a seu pai. Racionalmente, ele entendia a impossibilidade de ter impedido o acidente. Se não tivesse acontecido naquela noite de bebedeira, seria em outra ocasião, com certeza. Entretanto persistia á idéia de que Brandon poderia ter feito algo para não permitir que a tragédia ocorresse. O homem que perguntara era um dos solteiros candidatos à mão de Eleanor. Um almofadinha untuoso de quem Brandon não recordava o nome. — O que foi que disse?

— Ouvi dizer que milorde matou um criminoso desprezível em defesa de seu irmão. E verdade?

Ah, aquilo. Ele atirara num homem que ameaçava seu irmão North.

— Creio que os boatos aumentaram minha participação no caso.

Os irmãos eram mais merecedores dos lauréis do que ele. Nada mais fizera do que livrar o mundo de um verme. Matar um rato não era glorioso.

— Champanhe, milorde? — Um criado aproximou-se.

Não foi difícil resistir. Aquela não era sua bebida favorita.

— Não, obrigado.

— Talvez milorde prefira algo mais forte — o almofadinha sugeriu, fitando um aparador lateral.— O que me diz de um conhaque?

Brandon sentiu o cheiro do destilado e a boca salivar. Sempre preferira bebidas mais fortes. Limpou o suor da testa, mas disse a si mesmo que não cederia.

— Não! — A brusquidão desnecessária fez com que vários convidados se virassem para ele.

— Uísque?

O camarada não desistia. Brandon cerrou os dentes.

— Milorde é muito gentil, mas eu não bebo mais. Seguiu-se um silêncio denunciador. Alguns o fitaram com surpresa, outros com satisfação e muitos com descrença. Recebeu até congratulações, como se tivesse realizado um grande feito.

Nada disso lhe importava. Queria apenas a opinião de Eleanor a respeito. Fitou-a. Ela segurava uma taça de champanhe.

Eleanor acreditava que ele havia mudado? Brandon não pôde avaliar os motivos pelos quais a opinião dela o preocupava tanto.

Lorde Faulkner, o tal janota, não se deu por satisfeito. Riu, como se Brandon houvesse dito um chiste.

— Ora, uma dose de uísque não mata ninguém! Os olhares começavam a incomodar Brandon.

— Não posso.

Era humilhante admitir a própria fraqueza diante de uma platéia que o conhecia tão bem. Era terrível confessar o receio de não resistir à tentação.

— Vinho do Porto, talvez — Faulkner insistiu. — Tem de beber alguma coisa.

Era provável que Faulkner estivesse procurando uma companhia, por não querer embebedar-se sozinho. Brandon conhecia bem a triste situação e sentiu piedade do outro. Mas não se arriscaria a voltar a um passado recente só para salvar um jovem tolo que não imaginava o tamanho do buraco que o aguardava.

— O que acha de um gole de xerez?

Era evidente que Faulkner não desistiria com facilidade. Antes de Brandon fazer um comentário grosseiro, a salvação veio de fonte inesperada.

— Tome um café, lorde Creed. — Eleanor ofereceu-lhe uma xícara. Era uma visão angelical que usava um vestido de noite de cor creme com entremeios dourados. — Lembro-me que milorde gostava de café. Preto com açúcar, não é?

Admirado, Brandon anuiu e aceitou a oferta. Não entendia como Eleanor ousara ajudá-lo e ainda com alusão ao passado. Por que ela havia decidido intervir a seu favor, mesmo tendo sido traída de maneira tão deplorável? Uma reação normal seria Eleanor se regozijar com o constrangimento dele.

— Obrigado, lady Eleanor. Sinto-me lisonjeado por lembrar-se de um detalhe tão insignificante. Para mim, era o remédio depois de uma noite de orgia. As folias desregradas foram esquecidas, mas não o café.

— Não há de quê. — O sorriso simpático foi um bálsamo para o coração de Brandon. — Se milorde quiser mais, há um bule com café quente no aparador.

Eleanor afastou-se como se nada houvesse acontecido. Brandon perguntou a si mesmo se a cena não teria sido fruto de sua imaginação. Ela viera em seu socorro? Ou seria uma maneira sutil de demonstrar superioridade?

De qualquer maneira, estava muito agradecido. Faulkner serviu-se de uísque e na certa não o procuraria mais para beber.

Em prosseguimento à festa, teriam um período de boa música, uma ceia leve e algumas horas de carteados. Brandon resolveu ficar para escutar música. Seria descortês sair antes. E, dependendo do estômago, enfrentaria a ceia. Mas iria para os seus aposentos antes do início dos jogos. Bebia-se muito durante as jogatinas.

Eleanor sentou-se ao piano e Brandon teve a impressão de voltar no tempo. O rosto dela era delicado como um camafeu. A maturidade lhe conferia um aspecto ainda mais belo do que fora antes. Eleanor havia sido uma linda jovem e se transformara numa mulher requintada.

A música executada com maestria foi ouvida em silêncio. Eleanor teria se refugiado na música para vencer a solidão? Brandon recordou-se da última vez em que a ouvirá tocar. Tinha sido naquela noite fatídica. Eleanor ficara com a fama de moça que rompia compromissos por não revelar a ninguém a insanidade cometida por ele. Ela o teria amaldiçoado toda vez em que se sentava ao piano no salão vazio?

Brandon tivera o álcool como companhia. E Eleanor? Nem mesmo tinha contado com as irmãs mais novas, que haviam se casado cedo.

O que não deixava de ser uma vantagem, pois ela ainda poderia fazer um bom casamento. Mas pensar que o propósito de hospedar visitantes fora atrair candidatos à mão de Eleanor deixou Brandon mal-humorado.

Mesmo sem nenhum direito à afeição dela, não lhe agradava a idéia de outro homem na vida de Eleanor.

Lembrou-se de como Eleanor havia corado diante da afirmação de que ele teria preferido a presença dela na cama a seu lado. E o fato deixou-o num dilema.

Brandon viera à casa dos Burrough para desculpar-se de atos passados. Mesmo admitindo que não tinha aceitado o convite apenas para reparar os erros, não lhe ocorrera que ainda nutrisse afeição por Eleanor. Na verdade, ele continuava a desejá-la.

Era uma tolice deixar-se levar por uma fantasia, mas, com certeza, não abandonaria a idéia de reconciliação. Se conseguisse provar que mudara, talvez Eleanor lhe concedesse uma chance. Brandon também ansiava por descobrir a verdadeira mulher em que ela se transformara.

Pela primeira vez em muito tempo, ele sentiu a esperança de um futuro em sua vida. Depois dos irmãos casados e com filhos, pensara no sobrinho que poderia herdar o título. De repente, a idéia de passar o resto da vida como tio Brandon não lhe pareceu tão convidativa.

E tudo por causa de Eleanor. Os anos de afastamento não haviam diminuído a profundidade de seus sentimentos por ela.

Seu retorno àquela casa não fora um ensejo fortuito. Conseguir o perdão de Eleanor e aplacar a própria consciência eram detalhes diante do que havia descoberto a respeito de si mesmo. Via diante de si a mão do destino, que lhe concedia mais uma ocasião para recuperar a felicidade que ele atirara no lixo havia muitos anos em uma noite de embriaguez.

Na verdade, motivos não faltavam, mas também eram de menos. Teria de agradecer à sua boa sorte.

Fora-lhe dada a oportunidade de descobrir se Eleanor continuava sendo a mulher de sua vida e se ele era o homem que a merecia.

Qual o tolo que recuaria diante de um momento auspicioso como aquele?

Eleanor recriminou-se por haver corrido em auxílio de Brandon Ryland.

Sozinha no escuro, ergueu o rosto e permitiu que a brisa morna e suave da noite lhe acariciasse as faces. Estava à sombra da estátua de Diana, a caçadora. Com uma das mãos Eleanor tocava o pé de mármore e com a outra segurava a barra da saia, que insistia em erguer-se.

A quietude do jardim acalmou-lhe a irritação. A água borbotava na fonte e as folhas farfalhavam em um refrão tranqüilo. Escutava-se ao longe o zumbido dos insetos noturnos. No ar, o perfume delicado dos jasmims. Seria uma noite perfeita se pudesse esquecer os olhares dos familiares e dos conhecidos quando tinha interferido a favor de Brandon. Eleanor reconheceu que sempre havia gostado de ajudar os desvalidos. E

Brandon lhe parecera perdido.

A opinião dos outros a preocupava e o olhar de censura das irmãs era difícil de suportar. Até mesmo Arabella se mostrara inquieta, como se receasse algum desatino.

Talvez elas acreditassem que sua reputação estava em perigo com a volta de Brandon. Nesse caso, sabiam muito pouco a respeito de Eleanor Durban e nem tinham autoridade para julgá-la. Somente Arabella era feliz no casamento. As outras havia muito costumavam empreender fugas ocasionais do matrimônio e deveriam estar mais atentas à fama delas. Era possível que também temessem por um desvario de Eleanor, causado por muitos anos de celibato. Imaginariam que ela sairia correndo atrás de Brandon como uma louca?

Sorriu diante de tantos pensamentos absurdos.

— Espero não estar interrompendo.

Eleanor assustou-se. Não percebera a aproximação. Havia quanto tempo ele a observava?

Brandon chegou mais perto. A gravata branca refletia o luar e destacava-se no traje escuro de noite. Era um homem muito atraente e irresistível quando sorria.

— Estou sozinha, lorde Creed. Nada há para ser interrompido.

Brandon apoiou-se na bengala.

— Eu me referi a perturbar seus pensamentos, Eleanor.

— Não se preocupe. Não eram importantes.— Jamais confessaria quem lhe ocupava a mente. — Milorde, não me lembro de ter-lhe dado permissão para usar meu nome de batismo. — Era urgente endurecer o coração, que ameaçava derreter diante de Brandon.

Ele deu mais um passo e Eleanor sentiu a pressão da figura imponente.

— Minha querida jovem, essa permissão me foi concedida há dez anos e não pode ser retirada.

Havia quanto tempo não a chamavam de "jovem"? Eleanor encarou-o.

— Se retirei minha promessa de casamento, posso retomar essa autorização quando eu quiser.

Brandon deu risada, e ela sentiu um arrepio na espinha.

— Eu posso recusar-me a devolvê-la — ele caçoou.

— Milorde está pretendendo dizer que fará o que lhe agrada, independentemente da minha vontade?

— Sim, quando estivermos sozinhos.

— Então tomarei providências para não ficarmos a sós. Boa noite!

Brandon segurou-a pelo cotovelo, onde a luva terminava. A mão dele era quente e firme na pele nua.

— Ellie, precisamos conversar.

Eleanor fechou os olhos. Seu nome na voz de Brandon tinha o poder de hipnotizá-la. Se ao menos a visão daquela terrível noite pudesse ser apagada... Queria acreditar nele. Seria capaz de aceitar até se Brandon dissesse que havia sido imaginação sua tê-lo visto na cama com Lydia. A embriaguez seria mais um motivo para perdoá-lo.

— Não posso imaginar qual o assunto do seu interesse, Brandon. — Desde a traição, nunca mais o chamara pelo nome de batismo.

— Podemos começar pelo fato de você não ter me revelado o motivo do rompimento.

— Eu já lhe disse. — Eleanor arqueou as sobrancelhas. Os olhos castanhos ficaram mais escuros.

— Seu conceito sobre mim é tão baixo a ponto de acreditar que eu cometeria um ato desonroso desses em sua consciência?

— Eu poderia inferir que a sua apreciação a meu respeito é nula.

Brandon soltou-a e Eleanor sentiu falta do toque cálido.

— Eu sempre a tive no mais alto nível de julgamento.

— Tão alto que se deitou com minha irmã horas depois de ter-me pedido em casamento. — As feridas do coração pareciam novamente abertas.

— Eu não sabia o que estava fazendo.

— É mesmo?

— Eleanor, já me disseram que outra pessoa tomava posse de meu corpo quando eu bebia.

Talvez fosse verdade. A noite da festa dos Pennington em que Brandon se aliviara na poncheira e lhe sorria durante o ato obscuro havia sido um pesadelo. Ela pensara mesmo tratar-se de outra pessoa.

— Ah, então foi outro homem que levou minha irmã para a cama. E tudo será perdoado. — Eleanor nunca havia sido tão sarcástica. Ao mesmo tempo em que adoraria esquecer tudo, tinha vontade de feri-lo fundo.

— Se seu perdão fosse fácil de conseguir, Eleanor, não valeria a pena o esforço. Se eu estivesse de posse da minha razão naquela noite, saberia quem tinha vindo até a minha cama.

Novamente a insinuação de que Brandon confundira Lydia com ela.

— Milorde afirma que estava bêbado. Já ouvi contar sobre os efeitos do álcool em um homem. — Eleanor não considerava verdadeira a perda da consciência por beber em excesso.

Brandon mexeu os pés. A perna incomodava.

— Eleanor, só me lembro de poucos detalhes. Alguém entrando em meu quarto e eu acordando com Lydia a meu lado.

Seria aquela a verdade?

— Lorde Creed, não sei se posso acreditar no que me diz. Sinto uma certa ansiedade, o que me faz supor que há mais alguma coisa além disso. E se quer saber, também não me importa descobrir do que se trata.

— Mais uma coisa. Recordo-me de ter pensado naquela noite que havia sido Eleanor Durban quem veio à minha procura.

Felizmente estava escuro e Brandon não podia ver o rubor no rosto de Eleanor.

— Sua opinião a meu respeito deve ser primorosa! Acreditar que eu ousaria seduzi-lo!

— Melhor do que sua idéia de que eu facilmente a confundiria com outra. Como o meu pedido havia sido aceito, achei que nós dois nos desejássemos. Minha suposição estava errada?

— Não, não estava — Eleanor respondeu depois de hesitar. O orgulho tinha um gosto amargo.

Brandon tocou-lhe o rosto com o nó dos dedos.

— Então, deve entender por que minha mente nublada pôde imaginá-la na minha cama.

Ele não pedia seu perdão, mas seu entendimento. E se o entendesse, seria fácil perdoá-lo. Mas como aceitar o sentimento de estar perdida? Era como havia se sentido no passado quando ele a beijara. Naquele momento faria qualquer coisa por Brandon. Atenderia a qualquer pedido seu.

— O que deseja de mim, Brandon?

— Não é bem desejar, mas necessitar.

— E qual a diferença?

— Desejar sugere uma urgência que pode ser saciada.

Ele procurava constrangê-la?

— A necessidade tem uma conotação diferente — Brandon prosseguiu.— Uma pessoa apenas tem necessidade de coisas intrínsecas à sua sobrevivência. — Ele encarou-a com olhar intenso.— Eleanor, necessito da sua compreensão a respeito do que acontece comigo quando bebo. Isso independente da minha vontade. Creia que eu faria qualquer coisa para desfazer o que houve. É vital que acredite em mim.

Eleanor sentiu a boca seca. Passou a língua nos lábios sem desviar o olhar.

— Milorde não deveria dizer tais coisas. — Ela não sabia se poderia dar-lhe o que ele precisava. — Abandonou realmente a bebida, Brandon? — Ouvira dizer exatamente isso para as pessoas, mas era imprescindível ouvir a resposta dele enquanto estavam sozinhos.

— Sim, Eleanor. Deixei de beber em definitivo.

— Foi difícil? — Para entender o que acontecia com Brandon, precisava de mais informações.

— Bastante.

— Ainda tem vontade de tomar um drinque? A risada dele foi amarga e irônica.

— Deus é testemunha que sim.

Para Eleanor, talvez não fosse difícil de compreender. Havia épocas em que ela desejava comer tortas de maçã e pensava que ficaria maluca se não as tivesse. Não raras vezes comia uma torta inteira. Imaginou se o mesmo acontecia com Brandon em relação à bebida. Talvez fosse, porém em escala mais perigosa.

No entanto todo raciocínio se tornava falho quanto Brandon Ryland estava tão próximo e parecendo tão esperançoso.

— Por que eu? — A pergunta saiu de maneira intempestiva. — Por que milorde necessita que eu acredite?

Com certeza, ele desapontara numerosas pessoas. Teria falado com todos da mesma maneira?

Não seria preciso refletir muito sobre o assunto. Eleanor sabia que a resposta seria negativa. Ela era a única com quem Brandon abria o coração e a quem fazia esse pedido.

— Não sei. Talvez pelo fato de o meu arrependimento de havê-la prejudicado seja o maior de todos, apesar de outras coisas horríveis que fiz.

Eleanor sentiu um nó na garganta e as batidas frenéticas de seu coração.

— Mesmo a respeito do episódio da poncheira de lady Pennington?

Oh, Deus, como pudera fazer uma pergunta daquelas? Não tinha sido ela quem ensinara às irmãs a importância de se comportar como uma dama, mesmo que os pensamentos fossem indecorosos?

A risada de Brandon Ryland não poderia ter sido mais prazerosa.

Eleanor advertiu a si mesma para não entregar a ele a confiança tão depressa. Brandon Ryland era perigoso para seu coração e sua mente.

— Mesmo a respeito do episódio da poncheira de lady Pennington — ele confirmou, sério.

Eleanor estendeu a mão enluvada, e Brandon a segurou com a mesma elegância com que usava a bengala.

— Todos merecem uma oportunidade de redimir o passado, Brandon. Este é um mandamento cristão. Eu também tenho muito do que me arrepender. Tem a minha palavra de que me esforçarei para atender à sua solicitação.

— Isso me deixa muito feliz: — Brandon sorriu. Eleanor retribuiu o sorriso, embora seu tremor interior lembrasse mais uma trepidação.

O que ela estava fazendo? Era muito louvável que Brandon quisesse seu perdão. E também misericordioso de sua parte dar-lhe uma oportunidade. Mas por trás daquele acordo havia um fio invisível que os amarrava e poderia outra vez prejudicá-la.

Eleanor estava convicta de que um novo sofrimento a deixaria inválida para o resto da vida. Seu coração deixaria de pulsar.

Era como se desse a Brandon um novo ensejo de atingir seu coração. E, na verdade, não sabia se poderia confiar nele a esse ponto. Seria mesmo capaz de esquecer o sofrimento que carregara durante dez anos?

Mais perturbador de que Brandon desejar seu perdão depois de tantos anos era admitir uma inegável realidade: ela queria desculpá-lo, necessitava perdoá-lo.,

E, de fato, para o bem de ambos, esperava poder fazê-lo.

Capítulo III

Dar uma oportunidade para Brandon provar que sua índole havia se transformado tomou boa parte dos dias de Eleanor. O que não a desgastou. Pelo contrário. Se não pensava na traição que sofreria, ela adorava sua companhia. No entanto não conseguia esquecer por muito tempo o que ele fizera.

Brandon havia se tornado mais sensato com a idade. Não se chocava com qualquer coisa e não julgava nada com dureza. Participava das conversas quando falavam com ele ou se tinha algo importante a declarar. Não iniciava tópicos por sua conta, embora falasse de vários assuntos quando estavam a sós. O que aconteceu no dia seguinte e na metade do outro.

Na verdade Brandon dava pouca importância aos outros, exceto ao pai de Eleanor. E, com certeza, todos notavam que sua atenção estava centrada na anfitriã.

Por esse motivo a atitude de suas irmãs se modificara de modo ostensivo. Elas tinham vindo para a casa do pai com criados e bagagens, como todas as famílias que viajavam para longe. Cada uma trouxera sua criada particular, mas desde a chegada de Brandon, passaram a chamar Eleanor com insistência. Não precisavam de sua ajuda, e sim de respostas. Queriam saber se o visconde tornara a fazer-lhe a corte, o que ele tinha dito ou não dito. O item de maior insistência era o comportamento de Eleanor. E não deixava de ser elogioso achar que seria pedida em casamento logo após os primeiros dias da reunião festiva.

Eleanor sempre replicava que Brandon merecia um voto de confiança. Arabella achava que seria muito justo. Muriel, Phoebe e Lydia não se convenceram. Lydia, em particular, foi categórica. Eleanor não deveria acreditar em Brandon.

— Homens não mudam — Lydia garantiu. — Aprendem a mentir melhor.

Eleanor sentiu pena da irmã acreditar nisso.

Naquele dia, Eleanor teria de levar comida e suprimentos para os desvalidos da aldeia. Como a senhora de uma das propriedades mais ricas da área, tinha o dever de prover aos necessitados.

Saiu pela manhã. Escutou com paciência as queixas da sra. Rudd sobre os ataques de reumatismo e o relato feliz da srta. Jones a respeito do sr. Smith, um próspero fazendeiro que a visitava com frequência. Aquelas mulheres tinham grandes problemas e certamente nem se importavam com a reputação de um visconde. A sra. Rudd, com frequentes crises reumáticas que a deixavam enrijecida, não tinha ninguém para cuidar dela. A srta. Jones, de família muito pobre, ansiava por um bom casamento para ajudar os pais.

A preocupação dos aldeões fez Eleanor pensar nos próprios dilemas. Tinha dinheiro

e conforto e seu futuro estava garantido, quer se casasse ou não. Sua inquietação maior era com a saúde do pai, embora desconfiasse que um casamento adequado para ela também traria a recuperação dele.

Voltou para casa decidida a não superestimar os conflitos afetivos. Cumpriria a promessa feita a Brandon e lhe permitiria provar que derrotara o vício, sem esquecer que ele era humano e, portanto, falível.

Todavia não tinha obrigação de perdoar. O que, de fato, também não era significativo.

Entrou em casa, foi para seus aposentos, lavou-se e trocou de roupa. Durante a tarde faria companhia às irmãs e convidadas para um chá no salão. Os homens teriam outras atividades.

Usando um vestido de musselina azul-escuro, Eleanor entrou no salão e foi recebida com aplausos.

— Perdoem-me o atraso. — Sentou-se ao lado de Arabella. — Tive obrigações para cumprir na aldeia.

— Acabamos de servir o chá, minha querida. — Lydia estendeu-lhe uma xícara. — Lady Dumont estava nos informando sobre um livro delicioso recheado de escândalos que ela descobriu.

A referida dama, uma senhora atraente de meia-idade, corou.

— Não creio que as donzelas deveriam escutar o texto. Embora não fosse a única solteira naquela sala, Eleanor sentiu-se uma aberração da natureza. Trinta e dois anos e ainda não se casara.

— Não se preocupe comigo, lady Dumont. Não sou nenhuma adolescente e também gosto de histórias picantes. — Na verdade, havia lido apenas *Tom Jones* e dado uma espiada em um livro de anatomia da biblioteca do pai. — Entretanto permitiremos que as mais jovens e suas mães se retirem, se assim o desejarem.

As zelosas mães saíram com as filhas e Eleanor pediu para lady Dumont continuar. A opulenta dama sorriu e tirou debaixo da poltrona um livro fino.

— O último volume das memórias de Fanny Carson — lady Dumont anunciou.

Eleanor sabia que Fanny Carson fazia parte do grupo social de Harriet Wilson, uma famosa prostituta por entreter alguns dos mais poderosos homens da Inglaterra e do continente. Da mesma maneira que Harriet, Fanny provavelmente oferecera suas memórias a um editor e a peso de ouro.

Além disso, devia ter recebido dinheiro dos cavalheiros interessados em manter ocultos seus deslizes.

Segundo lady Dumont, Fanny Carson revelava detalhes escabrosos de seus amantes, ao contrário de Harriet, que mantivera um mínimo de decoro.

— Horace está nesse livro — lady Merrott comentou. — Estou ansiosa para saber o que a sra. Carson disse a respeito de meu marido e se o achava tão intragável na cama como eu.

Todas riram e até Eleanor, um tanto constrangida, teve de sorrir diante do senso de humor de lady Merrott. Era de conhecimento geral que lorde Merrott não passava de um bruto.

Lady Dumont folheou o livro e começou a leitura que, obviamente, já fizera antes. Eleanor, apesar de sentir o rosto em chamas, riu com as outras. A sra. Carson não foi

generosa na descrição, e lady Merrott ajudou com comentários próprios.

A audaciosa leitura prosseguiu com um relato igualmente sarcástico sobre lorde Pennington.

— Milady deveria publicar suas memórias — lady Merrott disse para lady Dumont.

As outras deram risinhos maliciosos.

— Milady está sugerindo que tenho amantes?

Mais risadas sugeriram a Eleanor que nenhuma mulher na sala parecia chocada. A impressão era que as senhoras casadas não se importavam em tornar públicas as intimidades, por piores que elas fossem. Para ela, tal atitude era incompreensível.

— Se eu publicasse minhas memórias, suponho que deixaria um ou dois cavalheiros de cabelos em pé.

— Creio que o número deve ser mais significativo — Lydia comentou, rindo.

— Pois nomeie mais algum — lady Dumont defendeu-se, satisfeita por sobressair, mesmo que fosse por motivos desabonadores.

Eleanor considerou que a infidelidade não deveria ser motivo de jactância.

— Wynthrope Ryland — Lydia afirmou.

O irmão de Brandon?, Eleanor espantou-se. Ele era bem mais novo do que lady Dumont.

— Wynthrope Ryland não se importaria muito se eu revelasse detalhes do nosso caso.

— A mulher dele se importaria, e muito.

Eleanor não percebeu quem falara.

— Interferir em casamentos felizes nunca dá certo — lady Dumont falou com surpreendente sinceridade. — Mas ainda temos um Ryland sem compromisso. E, diga-se de passagem, valeria a experiência.

Eleanor teve vontade de sumir em um buraco no chão.

— Ele está no livro? — lady Fairchild indagou.

— Sim, e ocupa várias páginas — lady Dumont respondeu.

— E está presente na nossa festa — Phoebe interveio e fitou Eleanor de relance. — Será melhor deixá-lo em paz.

— Merrott também está aqui e ninguém se importou em ouvir falar dele. — lady Dumont olhou para Eleanor. — A menos que milady prefira que eu não leia.

Era evidente que lady Dumont mal continha a ansiedade de reler o capítulo sobre Brandon. E, para ser sincera, Eleanor admitiu a vontade de escutar. Brandon lhe garantira não ser um libertino. Por que, então, tinha se relacionado com prostitutas? Gostaria de saber a opinião de Fanny Carson sobre ele como amante. Se fosse ruim, talvez parasse de pensar nos poucos beijos trocados havia um século!

Também não daria o gosto de dizer a lady Dumont e às outras mulheres presentes que não queria ouvir para não se aborrecer.

— Estou tão intrigada como todas.

Lady Dumont pareceu desapontada. Demorou uma eternidade para encontrar a página certa e começar a ler. Eleanor sentiu a boca seca e um nó na garganta. Fez um

esforço hercúleo para manter a expressão impassível.

Fanny Carson descreveu Brandon como um homem generoso, inteligente e otimista. Apontou suas habilidades de dançarino e cavaleiro, o que fez Eleanor imaginar que o caso deles havia sido anterior ao acidente.

Brandon teria dormido com Fanny enquanto cortejava Eleanor? Ou correria para Fanny depois de ter sido rejeitado por Eleanor?

A prostituta também mencionou ter compartilhado inúmeras vezes a predileção de Brandon pela bebida.

— "Como amante" — lady Dumont leu —, "Brandon Ryland será lembrado para sempre como inigualável."

Exclamações se sucederam. Eleanor sentiu o sangue ferver em suas veias.

— "Brandon sempre foi muito atencioso" — lady Dumont continuou a ler — "e passava horas pensando em meu prazer, esquecido de si próprio. Minha satisfação era intensa e completa ao lado dele. A masculinidade de Brandon é imponente."

Eleanor teve a impressão de que lhe apertavam a garganta e encontrou dificuldade para respirar. Teria escutado um suspiro às suas costas?

— "Agradeço a Deus por Eva ter tentado Adão. Deitar-se com Brandon Ryland foi como estar no paraíso." — lady Dumont terminou de ler e abanou-se. — Misericórdia! — ela sorriu com malícia. — Será que uma de nós poderia atestar a validade do testemunho de Fanny Carson?

Mais exclamações e risos se seguiram. Se Lydia falasse, Eleanor lhe torceria o pescoço com as próprias mãos.

Lady Dumont pretendia continuar a leitura, mas foi interrompida por Arabella, que anunciou estar na hora de trocar de roupa para o jantar.

Apesar dos murmúrios de protesto, todas se retiraram como crianças obedientes. Várias senhoras foram atrás de lady Dumont, curiosas para ouvir o que ainda não fora lido. Na certa, haviam ficado curiosas por mais detalhes a respeito da imponente masculinidade de Brandon. Eleanor era virgem, mas entendera o significado.

— Sinto muito que tivesse de escutar tudo aquilo — Arabella falou assim que a porta foi fechada e elas ficaram sozinhas.

Até as Durbane tinham saído. Lydia fora uma das que haviam seguido lady Dumont.

— Bobagem, Belle. Brandon é um homem como outro qualquer, com defeitos e fraquezas. Pelo menos a sra. Carson se referiu a ele com mais cortesia.

— Eleanor, a irmã sempre compreensiva, justa e incapaz de julgar os outros. Você é boa demais.

Arabella não podia imaginar como Eleanor se sentia. Uma tola. Humilhada e com muita raiva. Tudo, menos bondade lhe passava pela mente. E não apenas julgava, como também condenava principalmente Brandon.

Eleanor beijou a irmã e abraçou-a. A outra saiu. Arabella sempre fora a mais doce e a mais bondosa.

Sozinha na sala, Eleanor foi até um das janelas. Os homens voltavam do passeio a cavalo. Brandon vinha na retaguarda.

Sua perna não estaria dolorida demais depois de tanto exercício? Brandon teria idéia de que Fanny Carson revelara os laços de intimidade havidos entre eles?

E por que Eleanor sentia um vazio interior tão grande? Por que estava tão furiosa com Brandon e, sobretudo, com Fanny Carson?

Ela admitiu finalmente que o objeto de seu ódio era Lydia. E esse sentimento era muito mais nebuloso e profundo do que um simples orgulho ferido.

Lydia conhecera Brandon intimamente. Assim como Fanny Carson. Com certeza haveria outras mulheres na lista, e contra elas sentia o mesmo rancor.

Não havia como negar que estava com ciúme. Ela, que deveria ter-se casado com Brandon, não desfrutara aquelas intimidades. A raiva maior era por ele nunca haver tentado levá-la para a cama.

Ah, isso fazia parte do passado! Não poderia permitir que as memórias de Fanny Carson afetassem a maneira como o trataria dali para a frente. Ela lhe prometera uma oportunidade. E antes da festa organizada por seu pai terminar, saberia se Brandon de fato havia mudado seu comportamento. Se lady Dumont ou qualquer outra fosse para a cama dele, o boato circularia.

Rezou para não ser afetada pela notícia caso surgisse. Não tinha o direito de ser possessiva. Apesar de tudo e até da traição, era preciso encarar a verdade. Seus sentimentos por Brandon continuavam vivos e latentes. Nunca se sentira atraída por nenhum homem como por ele. Um homem inigualável.

Desde o acidente, Brandon não montava por tanto tempo. Na verdade, evitava esse tipo de exercício, receoso de que a perna não suportasse o esforço.

Apesar da rigidez e da dor, não se arrependeu de ter feito o passeio com seus pares. Aproveitara a oportunidade para julgar os outros solteiros presentes ao encontro e concluiu que nenhum deles poderia ser considerado um sério competidor. O que não deixava de agradar a Brandon, que sempre gostara de Eleanor. Admitiu que atualmente a desejava mais do que antes. Em poucos dias havia descoberto a verdade. A paixão continuava presente. Aspirava a casar-se com Eleanor e faria qualquer sacrifício para atingir a meta. Primeiro teria de remediar os desenganos. Depois, se tivesse sorte, ela o aceitaria.

Reconheceu que não a merecia. Ele era um homem com mais cicatrizes internas de que externas. Humilhara a si mesmo e à família um sem-número de vezes. Se não houvesse sido um bêbado, poderia ter salvado a vida do pai. Mas como não se podia mudar o passado, seria mais sensato controlar o presente. Poderia usar os erros para construir um futuro melhor, e já conseguira algumas vitórias. Algum dia talvez obtivesse o perdão daqueles a quem havia prejudicado. E depois de muito tempo, talvez ele mesmo se perdoasse.

Contara com o apoio da família e sentia-se fortalecido para reiniciar outra jornada. Dessa vez com muito critério e sensatez.

Por andar devagar, foi o último a entrar na casa. Lorde Brend, marido de Lydia, oferecera-se para acompanhá-lo, mas Brandon recusou a gentileza. Não se sentiria à vontade para conversar com ele. Não era por acaso que alguns lordes pouco falavam com Brend.

Ficar sozinho era agradável depois da tarde tumultuada. Assim, também poderia esconder dos outros quanto o exercício o afetara. O orgulho masculino era uma coisa

terrível.

Devagar e apoiado na bengala, arrastou-se escada acima. O suor da testa, que nada tinha a ver com a temperatura ambiente, era consequência da dor, que havia aumentado. Talvez fosse mesmo chover.

Chegou aos seus aposentos andando com dificuldade, suado e de mau humor. Charles, seu criado particular, esperava com um banho quente e roupas passadas. Que Deus abençoasse o homem.

— Precisa da minha ajuda, milorde?

— Apenas tire as minhas botas, Charles. Eu darei um jeito sozinho com as roupas, obrigado.

Depois do acidente, Brandon fora obrigado a esquecer o orgulho e a depender muito de Charles. No momento, porém, queria apenas ficar sozinho.

Charles não discutiu. Puxou as botas sujas dos pés de Brandon e levou-as para polir.

— Voltarei em uma hora, milorde — ele prometeu. Brandon sorriu quando o idoso criado saiu. Charles tinha cuidados paternos com ele. O certo seria Brandon tomar conta de tudo. Afinal, era o visconde.

Aquela responsabilidade fora uma das razões que o haviam levado a beber. Passara a vida tentando ser o que se esperava dele. Quando bebia, as frustrações eram libertadas e com o tempo aquilo se tornara uma idéia fixa. Libertar os demônios que o atormentavam era o objetivo principal. Naquela altura, reconhecendo que nada mais se esperava dele, tinha acabado por reconciliar-se consigo mesmo.

Brandon tirou as roupas e deixou-as sobre a cama. Charles cuidaria delas. Despido, rodeou a cama, apoiado no colchão, e alcançou a banheira que estava próxima. Com esforço, esgueirou-se para dentro e, no mesmo instante, a dor começou a ceder. Com cuidado, deslizou o corpo para baixo.

A água quente operava milagres na perna machucada. Ficou imerso até o banho esfriar e os dedos ficarem enrugados.

Esfregou-se com sabão de sândalo e um pano macio para remover a sujeira e o suor. Submergiu para tirar a espuma e, em seguida, segurou-se na cama para ficar em pé. Os pilares de madeira eram rijos e suportavam o peso de seu corpo. Com a água pelos joelhos, puxou a toalha que Charles deixara para ele. Acabava de enrolar-se na toalha quando o criado bateu na porta.

— Pontual, meu amigo — Brandon disse ao bom homem que entrava. — Preciso dos seus préstimos.

Depois de algum tempo, vestido com apuro, Brandon estava pronto para o jantar. Os outros se reuniram na sala para um drinque. Com a ajuda da bengala, ele desceu a escadaria devagar por dois motivos. Para poupar a perna e para não ficar muito tempo ao lado dos que bebiam.

Chegou a sentir pena de si mesmo por não poder deliciar-se com um drinque e por estar com a perna em frangalhos. E de que adiantaria lamentar-se? O melhor seria aceitar o inevitável. Era preciso dar graças por ter parado de beber e de não ter a perna amputada. Devlin impedira o cirurgião de cortá-la. Deus abençoasse seu irmão.

Também devia graças ao bom Deus por não haver morrido com o pai. Pensar nisso sempre o deixava ansioso em descobrir o que o destino planejava para ele, que se considerava um homem abençoado. Contava com os irmãos e com muitos amigos.

Ao entrar no salão onde lorde Burrough, a família e os convidados tagarelavam e bebiam, Brandon entendeu que havia algo diferente.

Muitos olhares se voltaram para ele, várias pessoas deram risinhos e algumas cochicharam.

Brandon olhou ao redor. Eleanor, enrubescida, virou a cabeça, o que era um mau sinal. Lydia teria relatado alguma coisa referente àquela noite?

Lydia conversava com um grupo de senhoras. Uma delas era lady Dumont, antiga amante de Wynthrope. Elas o fitaram com olhares divertidos e maliciosos. Um verdadeiro bando de predadoras. Brandon refletiu que não teria coragem de enfrentá-las. Elas pareciam dispostas a devorá-lo, mas não como canibais...

Se Lydia tivesse contado às outras a traição que cometera contra Eleanor, os olhares seriam recriminatórios, e não risonhos.

Por que lady Merrott fitava-o em lugares indevidos?

Brandon virou-se e atendeu ao aceno de lorde Burrough, que o chamava. O velho conde nada disse sobre Lydia e avisou-o de que pretendia apenas discutir o passeio da tarde.

A tensão manteve-se durante o jantar e Brandon continuou sem entender até as damas saírem. Os homens se reuniram para fumar charuto e tomar vinho do Porto.

— Então, Creed— Merrott soltou uma baforada —, como vai sua imponente masculinidade?

Brandon arregalou os olhos diante das risadas que ecoaram pela sala.

— Do que está falando?

— Deitar-se com Brandon Ryland é como estar no paraíso— Birch, um solteiro de boa aparência e grande fortuna, falou.

— A que estão se referindo? — Brandon franziu o cenho.

— Quanta insanidade! — lorde Burrough recriminou-os.

— Digam logo do que se trata. Ele não tem idéia do que está se passando.

Birch tirou um pequeno livro encadernado do bolso e entregou-o a Brandon.

— Pelo visto, milorde é inigualável. Todos nós nos sentimos um bando de retardados.

Merrott fungou com zombaria.

— A meretriz é tão pouco confiável nos detalhes relativos a Creed quanto aos meus. Ela ficou revoltada porque não a paguei. Na certa Creed foi bem mais generoso.

Um livro. Uma mulher de vida fácil. Pagamentos. Aquela sucessão de fatos não parecia nada agradável. Brandon sentiu-se inquieto ao segurar o livro.

Memórias de uma Mulher Bem-Amada, de Fanny Carson.

Misericórdia! Ele havia recebido uma mensagem de Fanny. Ela dissera estar escrevendo um livro, pedira uma doação para tirar o nome dele da lista e Brandon ignorara o pedido. Parecera-lhe uma tentativa de extorsão, pois quem conhecia Fanny tinha certeza de que sua maior habilidade não era a literatura.

Brandon abriu o livro nas páginas marcadas e sentiu o rosto em chamas ao ler o que a outra havia escrito a seu respeito. Certamente alguém com mais instrução do que bom senso a ajudara na redação da obra.

Fechou o livro com um estalo. Lera o suficiente.

— Eu não a paguei — Brandon informou a Merrott e devolveu o volume a Birch.

— Milorde está mentindo. — Merrott franziu o nariz comprido. — Ninguém trata uma mulher dessa maneira. Todos sabem que mulheres são incapazes de sentir prazer.

Os outros fixaram olhares curiosos em Merrott.— Não é para menos que sua mulher tem mais amantes do que um esquadrão — lorde Farnsworth afirmou. — Milorde não passa de um idiota.

— Eu poderia desafiá-lo por isso, Farnsworth.

— Mas não o fará — Burrough interveio —, pois sabe que ele fala a verdade.

Brandon largou-se na cadeira ignorando as discussões a respeito dos méritos e deméritos de Merrott.

Então era por isso que as mulheres o olharam daquela maneira! Imponente masculinidade! Oh, Senhor! Como Fanny Carson tivera coragem de dizer tudo aquilo sobre ele? Bem, pelo menos não tinham sido comentários desfavoráveis, embora fossem libidinosos em excesso.

Teria Eleanor visto o livro? Era provável que sim, ou, pelo menos, ela ouvira os comentários. E boatos eram muitas vezes piores de que a realidade. Se Eleanor soubesse do caso pela voz das damas presentes, na certa o tomaria como um libertino. E essa era uma imperfeição que ele se vangloriava de não ter.

Eleanor o tomaria por mentiroso. Na realidade, Brandon sempre havia preferido relacionamentos estáveis a casos fortuitos, embora os últimos tivessem se tornado freqüentes durante os períodos de embriaguez. A relação com Fanny Carson se prolongara por vários anos. Talvez por isso Fanny tinha decidido ser... bondosa com ele.

Bem, não deixaria que percebessem seu aborrecimento. Muitos homens na Inglaterra haviam sido amantes de prostitutas. O que o perturbava era o efeito da notícia em Eleanor. Não lhe importava a opinião das damas ou dos cavalheiros a seu respeito, mas apenas a de Eleanor.

E no momento devia ser a pior possível.

Teria de falar com ela.

Conseguiria fazê-la entender?

O destino mais uma vez encarregara-se de mudar-lhe o trajeto.

Brandon acabava de entrar na biblioteca quando foi encontrado pelas irmãs de Eleanor. Na certa, elas o vigiavam.

— Está procurando alguma coisa, lorde Creed?

Depois de fumar charuto, Brandon acompanhara os homens até a sala de estar. Havia ficado na companhia dos convidados por meia hora e, depois, saíra à procura de Eleanor.

— Ou alguém? — Muriel fingiu-se interessada em um dos livros das prateleiras.

— Espero que não seja Eleanor — Lydia falou com superioridade.

— Sinto desapontá-la — Brandon retrucou com frieza. — De fato, estou procurando Eleanor.

— Milorde tornou a provocar aborrecimentos para nossa irmã? — Muriel foi a porta-voz das irmãs.

— Não, pelo que eu saiba. — Ele fingiu-se de inocente.

— E o que me diz das memórias de Fanny Carson? — Phoebe indagou.

Brandon fitou-as e refletiu que as quatro lembravam anjos vingadores. Arabella era a única que aparentava um certo grau de bondade.

— Não tive nada a ver com isso — ele se defendeu. — Não escrevi o livro nem chamei a atenção de Eleanor sobre o mesmo.

— Milorde já esqueceu o sofrimento que causou à nossa irmã no passado? — Muriel adiantou-se, belicosa.

— Isso é entre mim e ela.

— Todavia permanece o fato de que milorde tem por hábito fazer Eleanor sofrer — Lydia argumentou.

— É verdade?

Lydia o fitou com frieza.

— Não queremos ver Eleanor novamente prejudicada pela sua insensatez, milorde. Brandon sorriu com ironia.

— Não é com a minha insensatez que milady tem de se preocupar.

Lydia franziu a testa.

— Não estou entendendo, milorde.

— Creio que milady não vai querer que eu explique, não é? Lydia empalideceu, com receio de que Brandon revelasse tudo na frente das irmãs.

Arabella fitou os dois, sem esconder o interesse. Brandon, que não se importava em desvendar a verdade diante delas, resolveu deixar um possível relato para outra ocasião.

— Fico sensibilizado em constatar o empenho com que resolveram proteger sua irmã. No entanto posso garantir-lhes que não tenho intenção de causar sofrimento a Eleanor. Só desejo reparar o passado.

— Muita bondade sua, lorde Creed — Arabella falou com voz doce. — Sei que milorde tem irmãos. Por isso pode entender-nos.

— Com certeza. — Brandon simpatizava bastante com Arabella. — Porém milady deve entender que Eleanor já é bem crescida e capaz de tomar suas próprias decisões.

— Sabemos disso, milorde, e apoiaremos o que ela decidir — Arabella confirmou com um sorriso.

— Não pode estar falando sério, Belle! — Muriel alarmou-se. — E se lorde Creed a fizer sofrer de novo?

Brandon cansara-se daquela ladainha.

— E se eu for o lado prejudicado?

— Milorde está falando sério? — Muriel arregalou os olhos.

— Sim, milady. Eleanor poderá partir meu coração. Apenas Arabella percebeu o tom de humor. As outras o fitavam como se ele fosse uma atração circense.

— E quanto a Eleanor? — Phoebe não escondeu a descrença.

— Ela sabe muito bem o que faz — a voz de Eleanor soou da porta.

Brandon sentiu o coração disparar e rezou para ninguém perceber, sua satisfação

pela chegada de Eleanor.

Ela, atenta às irmãs, olhou-o de esquelha. Brandon achou engraçado as quatro mulheres se encolherem como crianças diante da mãe.

Eleanor, com raiva e olhar desaprovador, ficava ainda mais adorável. Dos cabelos presos em coque escapavam algumas mechas finas e soltas que enfeitavam o rosto. O vestido azul-marinho ornado com entremeios prateados tinha decote baixo e deixava à mostra o contorno superior dos seios. Brandon lembrou-se de tê-la abraçado e do sabor daqueles lábios polpudos. Ah, como gostaria de tornar a beijá-la!

— Por favor, deixem-me a sós com lorde Creed — Eleanor ordenou em voz baixa.

Sem discutir e enfileiradas, as quatro irmãs saíram da biblioteca e fecharam a porta.

— E impressionante a autoridade que tem sobre elas.

— Minhas irmãs são bem-intencionadas — Eleanor murmurou com expressão impassível.

— Elas a amam muito.

— Eu sei.

Seguiram-se alguns momentos de silêncio desagradável que Brandon decidiu interromper.

— Eleanor, eu soube do livro de Fanny Carson. Ela deu um riso amargo.

— E eu escutei trechos interessantes do mesmo.

Droga!

— Eu posso explicar. Eleanor ergueu a mão.

— Você não me deve explicações.

— Eu sei, mas assim mesmo gostaria de dizer-lhe algumas coisas.

— O que ouvi, Brandon, para mim foi o suficiente. Eleanor era teimosa e fazia questão de pensar o pior dele.

Mesmo assim, não poderia culpá-la, depois do que ela ficara sabendo. E era um bom sinal, Eleanor ainda o chamava pelo nome de batismo.

— Eleanor, perdoe-me, mas não posso envergonhar-me do meu relacionamento com Fanny. Se você soubesse a verdade, entenderia o motivo.

— Não sei de nada nem lhe dou o direito de supor meus pontos de vista!

— Por favor, Eleanor! Se me dissesse quais são eles, me evitaria o trabalho de imaginá-los.

— Eu... faço questão de honestidade acima de tudo.

— Desde que cheguei, é exatamente como tenho agido.

— E também de sinceridade.

— Por acaso eu lhe dei a impressão de não ser sincero? Eleanor hesitou por um momento. Ela precisava de respostas.

— Você e Lydia ainda são amantes?

Brandon riu e sacudiu a cabeça em negativa. A pergunta era ridícula, porém compreensível.

— Eu poderia alegar que nada disso é da sua conta, mas, em face das

circunstâncias, vou lhe dizer a verdade. Nosso caso durou algumas horas de uma noite de bebedeira da qual não me lembro.

— Não houve outras noites esquecidas? Eleanor não queria mentiras.

— Não com Lydia.

— E foram vezes incontáveis? — Eleanor empalideceu diante do entendimento. — Isso é ser um libertino.

Brandon devia animar-se com o interesse dela a respeito de sua vida, mas o fato começava a cansá-lo.

— Eleanor, por acaso tem idéia do que a bebida faz com um homem?

— Infelizmente fui testemunha de alguns dos efeitos. — Ela foi ferina.

Novamente se referia ao que acontecera com Lydia. Ou ao episódio da poncheira. Eleanor não desistia! Brandon engoliu o orgulho e inspirou fundo.

— O pior deles é tornar um homem incapaz de um satisfatório desempenho sexual.

Ela o fitava com fisionomia impassível. Depois ergueu uma sobrancelha, duvidando da validade da afirmativa.

— Nem mesmo se deitasse com Lydia?

— Nem mesmo com você. Eleanor escondeu a surpresa.

— Você teve Fanny Carson como amante durante muito tempo.

— Ocasionalmente, acontecia alguma coisa. — Brandon prometera ser honesto. — Havia noites em que estávamos tão embriagados que dormíamos sem mesmo tirar as roupas.

Eleanor continuava a fitá-lo com descrença. Ele considerou que seria preciso agir com mais energia.

— Você garantiu que me concederia outra oportunidade.

— É o que estou tentando fazer.

Brandon não permitiria que ela lhe virasse as costas por causa de um livro estúpido.

— Não é verdade. Continua a fazer julgamentos sem ter lido tudo o que Fanny Carson escreveu.

— Não estou julgando ninguém!

— Mas está fazendo de mim um vilão pelo pouco que escutou.

Eleanor cruzou os braços na altura do busto e a postura atraiu o olhar de Brandon.

— Não é nada disso!

— Então, por que está me evitando? Por que vem me tratando com frieza?

— Porque...

— Sim?

Ela desviou o olhar.

— Por causa do abalo, fiquei ressentida durante muito tempo. É difícil apagar sentimentos de uma hora para outra. E por mais que eu me esforce para acreditar em você, uma parte de mim me acusa de tola se eu o fizer. Isso não é nada agradável.

— Tem razão. É muito triste.

— E curioso. Quando lady Dumont leu o livro, eu me envergonhei como se tivesse sido citada. Depois comecei a refletir por que você, como qualquer cavalheiro decente teria feito, não havia pagado para tirar seu nome do texto escandaloso.

— Cavalheiros decentes não são vítimas de chantagem com frequência.

— Não discordo. — Eleanor franziu os lábios antes de continuar. — Entretanto teria sido possível evitar a publicação do seu nome pagando a quantia exigida. Por que permitiu que o público tomasse conhecimento de... coisas pavorosas? Isso lhe dá prazer?

— Fanny afirmou que eu era cruel ou batia nela?

— Não.

— Então, não vejo o porquê do seu pavor. Será que foi pela citação de uma suposta imponente masculinidade? Se eu soubesse que Fanny ia usar termos tão laudatórios, teria enviado uma recompensa substancial para ela me elogiar mais um pouco.

— Não posso acreditar que ainda queira fazer graça de todo esse episódio.

Brandon deu de ombros.

— Bem, admito que ela poderia ter sido um pouco mais comedida nos elogios.

— Você não está envergonhado?

Estaria sob o ponto de vista feminino. As mulheres eram ensinadas a agir com recato.

— Existem coisas bem piores que podem acontecer a um homem do que expor seus dotes másculos. Eu fui um protetor para Fanny e não me envergonho de havê-la tratado com decência. Se você pretende continuar a julgar-me, aconselho-a a ler o capítulo todo. Nada mais fiz do que seguir um ensinamento cristão.

Eleanor não soube o que responder. Limitou-se a engolir em seco e foi até a porta.

— Preciso ir — ela sussurrou antes de sair.

Brandon ficou pensativo depois da porta ser fechada. Havia apenas uma maneira de impedir que aquela situação ridícula continuasse. Teria de provar a Eleanor que ele não era um libertino sem escrúpulos.

Seria preciso encontrar Birch e aquele maldito livro de Fanny Carson.

A Eleanor não importavam os fatos como um todo e ela deu graças aos céus por Brandon não imaginar o verdadeiro motivo de sua raiva. Não pretendia julgá-lo, nem mesmo o considerava um vilão. Simplesmente estava com ciúme!

Não entendia como Brandon não se sentira humilhado, não se importando com que a sociedade pensava dele. Era possível até que apostasse na volatilidade dos escândalos. Em pouco tempo Fanny Carson e suas memórias seriam esquecidas.

Eleanor reconheceu ter-se aborrecido não por Brandon haver conhecido intimamente várias mulheres, mas por ela não ter sido incluída na extensa lista! Como a pudica Eleanor Durbane poderia permitir-se um pensamento tão vergonhoso? E como tinha coragem de admitir isso para si mesma?

Muito pior era ocupar a mente com tais pensamentos a respeito de um homem que a traía! Era imperdoável até mesmo a simpatia que começava a experimentar por ele. O

que, no entanto, era passível de explicação. No caso de Brandon, o consumo exagerado de bebidas podia ser encarado como uma doença, e ela sentiria piedade por qualquer outra pessoa nessa situação.

Na biblioteca do pai, lera muitas coisas a respeito do alcoolismo. Os médicos modernos haviam feito estudos sobre o consumo de álcool na Inglaterra e os malefícios dele advindos. A bebida em excesso não se restringia às classes populares. Pelo contrário. Entre os cavalheiros, tomar drinques era considerada uma conduta aceitável.

Muitos acreditavam que a embriaguez causava uma espécie de febre no cérebro. Não se poderia culpar ninguém por crimes cometidos em tal estado de confusão mental. Talvez fosse verdade que Brandon não tivesse percebido a identidade de Lydia, que fora à sua procura naquela noite.

Corou ao pensar na afirmativa de Brandon acerca do pobre desempenho sexual masculino causado pela bebedeira. Ah, como ela gostaria que isso houvesse ocorrido naquela noite. E acontecera o oposto. Lembrava-se muito bem da imagem constrangedora. Durante muitos anos tinha sido acossada pela nítida visão de Lydia por baixo de Brandon. E a raiva que sentira ameaçava voltar-se então para Lydia. O que era um absurdo. Sua irmã não sabia do compromisso assumido por Brandon e ela.

Seria Lydia tão inocente? Na época, todos conheciam as intenções de Brandon. Por que justamente não Lydia?

Bem, teria de tomar algumas providências. A primeira seria inteirar-se em profundidade a respeito do alcoolismo.

Seu pai possuía vários volumes relacionados à matéria. Eleanor decidiu começar com um trabalho de Thomas Trotter sobre embriaguez e seus efeitos no organismo humano. Determinada a não perder tempo, voltou à biblioteca. O recinto estava vazio. Brandon saía.

Ela achou logo o que procurava. Carregando os estudos de Trotter, rumou para seus aposentos e na porta foi detida por Arabella.

— Ellie, poderíamos conversar um pouco? — sua irmã pediu.

Arabella ainda estava em trajes de noite. Lá de baixo, ouviam-se risos e música. Lydia, Muriel e Phoebe deviam estar entretendo os convidados.

— Claro. Vamos entrar?

— Importa-se se formos para o meu quarto? Preciso deitar-me.

— Belle, seu esforço não estará prejudicando o bebê?

— Estou bem. Sinto-me apenas cansada. Elas foram até os aposentos de Arabella.

— Henry está lá embaixo — Arabella comentou. — Eu o preveni de que nós duas precisávamos ter uma conversa em particular. Que livro é esse, Eleanor?

Eleanor olhou ao redor. Aquele quarto decorado em azul e creme sempre havia sido de Arabella. Era um ambiente aconchegante que lhe agradava.

— É sobre alcoolismo.

Arabella tirou os brincos e deixou-os em cima da penteadeira.

— E assim que pretende entender melhor lorde Creed?

— Sim.

— Lydia acha que Brandon tem a intenção de fazer você sofrer de novo.

Era provável que Lydia não aceitasse o fato de Brandon não ter voltado por ela. Eleanor não avaliava por quanto tempo ainda se debateria entre a culpa e a inocência de Lydia.

— Qual será a verdade, Arabella? E o que pensam Phoebe e Muriel?

— Nós não confiamos inteiramente nele, minha querida, mas torno a dizer que respeitaremos a sua decisão, seja ela qual for.

Eleanor começou a desabotoar as costas do corpete de Arabella.

— Fico muito lisonjeada pela vontade que todas têm em me preservar do mal, mas eu não preciso disso.

Eleanor não disse que elas jamais seriam capazes de proteger seu coração.

Quando Eleanor terminou de abrir o corpete, Arabella virou-se, segurou-a pelos ombros e fitou-a com amor.

— Peço-lhe desculpas pela nossa interferência. Fomos atrás de lorde Creed porque amamos você.

— Eu sei. — A emoção era grande e Eleanor sentiu que estava a ponto de chorar. — Eu também adoro todas vocês.

— Agora vá dormir, Eleanor. Ou daqui a pouco estaremos as duas soluçando. Eu preciso descansar.

Eleanor saiu e fechou a porta. Agradecia a Deus o amor e a confiança das irmãs.

Os candelabros das paredes iluminavam o corredor. A noite chegara. Logo os dias mais curtos a trancariam em casa com livros e pensamentos.

Eleanor disse a si mesma que não gostaria de enfrentar outro inverno sozinha. Por mais que amasse o pai, preferia passar as noites geladas na companhia de alguém com quem pudesse inclusive trocar idéias a respeito de... livros e pensamentos.

E se encontrasse um marido entre os convidados de seu pai? A imagem de Brandon lhe veio diante dos olhos.

Talvez os desentendimentos fossem esquecidos. Ela e Brandon poderiam casar-se. A idéia deixou-a arrepiada. Havia uma hora pensara o pior dele, e agora o imaginava como marido? Estava mesmo ficando maluca!

Felizmente, não tinha se casado com Brandon na época ou teriam enfrentado graves problemas com o vício dele. Eleanor não saberia compreendê-lo e o enlace se transformaria num desastre.

Seria uma tolice alimentar esperanças de que Brandon houvesse mudado e que poderiam ser felizes juntos?

Ah, era muito cansativo questionar os próprios sentimentos o tempo inteiro. Eleanor era reservada e insegura. Não sabia o que decidir. Nem mesmo se a decisão tomada seria correta.

Entrou em seus aposentos e encontrou acesa a lamparina da mesa-de-cabeceira. Ainda era cedo para chamar a criada. Foi para a cama disposta a ler.

Não chegou a sentar-se. Havia um livro sobre o acolchoado.

Memórias de uma mulher bem-amada, de Fanny Carson.

Oh, Deus! De onde viera aquilo? Uma folha de papel aparecia por entre as páginas. Eleanor abriu o livro e levantou a folha até a luz.

Leia tudo. Depois conversaremos. B.

Brandon estivera em seu quarto. Ele havia ousado invadir seu santuário e até acendera a lamparina. Incapaz de sentir raiva, Eleanor ficou temerosa e excitada ao mesmo tempo. Nenhum homem tinha entrado antes em seus aposentos.

Sentou-se na cama e aproximou o livro da luz.

Ignorou as partes lidas anteriormente por lady Dumont. Não precisava de mais lembretes acerca da imponente masculinidade de Brandon.

Fanny Carson detalhava muitas qualidades masculinas de Brandon, mas também esclarecia que o relacionamento deles havia sido exclusivo de ambas as partes e por exigência de Brandon. Fiel e atencioso, ele a levava a parques e teatros, comprava-lhe presentes e roupas. Era bondoso, compreensivo e tratava-a como uma dama, o que Fanny Carson não experimentara antes. Eram amigos além de amantes.

As afirmativas de Fanny pioraram o estado de ânimo de Eleanor. Se Brandon havia sido tão bondoso com a amante, como não seria com a esposa? A bondade e a consideração teriam sido dela, Eleanor Durbane. Se ao menos ele pudesse ter escapado ao vício na hora certa...

Uma transformação havia se operado. Eleanor o vira recusar bebidas, drinques e até mesmo o vinho do jantar. Não tinha olhado para Lydia desde que chegara. Tudo havia mudado. Brandon, ela, a situação. Se ao menos fosse possível interpretar os sentimentos e as intenções dele! Brandon queria apenas desculpar-se ou desejava seu coração? Ousaria esperar que os sentimentos dele não tivessem se extinguido?

Havia apenas uma maneira de descobrir. E enquanto ela não soubesse a verdade, não valeria a pena arriscar.

Eleanor largou o livro de Fanny Carson e saiu do quarto. Apressou-se pelo corredor, desceu a escada e entrou no salão de visitas. Não viu Brandon, mas Henry estava lá. Evitou as irmãs e dirigiu-se ao cunhado.

— Henry, por acaso viu lorde Creed?

— Creio que ele foi para o jardim — ele informou, com a costumeira gentileza. — Quer que eu vá chamá-lo?

— Não é necessário. Eu mesma irei procurá-lo. Eleanor afastou-se, sem se importar com os comentários.

A casa era sua e ela poderia entrar ou sair na hora em que desejasse. Nada pretendia fazer de impróprio.

Abriu as portas de vidro e foi para o jardim. A lua estava alta no céu, o perfume das flores permeava a atmosfera e o caminho de pedras brilhava ao luar.

Não foi difícil encontrar Brandon. Em pé ao lado do aquário de peixes ornamentais, apoiava-se na bengala. Parecia solitário, e seu atraente perfil sobressaía à luz da lua.

— Desculpe-me a intromissão. — Eleanor aproximou-se. Brandon ergueu a cabeça, surpreso.

— De maneira alguma. Eu não esperava vê-la tão cedo.

— Eu li o livro.

— Mas que rapidez! — Ele sorriu.

— Eu me ative apenas às partes referentes a seu respeito. — Eleanor retribuiu o sorriso.

— Quer falar sobre isso?

— Não há necessidade. A sra. Carson pintou uma imagem tão lisonjeira de lorde Creed que você será desprezado pelos cavalheiros que não mereceram tais elogios.

— Acredita que não sou um libertino?

— Não pensei que fosse.

— Mas na biblioteca...

— Eu estava irritada e sinto muito pelo que disse. Não foram palavras confiáveis.

— Em relação a quê?

Eleanor ressentiu-se por Brandon não reparar no pedido de desculpas.

— Eu disse que queria honestidade, porém não retribuí com ela. Não estava com raiva porque você teve amantes.

— Então, por que foi?

— Eu... estava com ciúme.

Brandon virou a cabeça de lado como se não tivesse escutado direito.

— Ciúme?

Eleanor anuiu, torcendo os dedos.

— Para mim, é muito difícil admitir isso.

— Vamos com calma.

Se não estivesse tão nervosa, ela teria achado graça no tom conciliatório. Deu alguns passos e parou diante de Brandon. Sentiu o aroma de sabonete e o calor do corpo dele. Foi impossível não olhá-lo. Inspirou fundo à procura de coragem.

— Odeio saber que estive com outras mulheres, mas não por considerá-lo um patife. E sim por eu não ter sido uma delas.

Brandon arregalou os olhos.

— Isso não poderia ter ocorrido. Eu seria um crápula se tivesse me aproveitado de uma donzela. Por mais que a desejasse, sempre a respeitei muito.

— Mas eu tive ciúme. Não suporto as mulheres que o conheceram tão intimamente. Você fez a mim um pedido de casamento, e era eu quem deveria ter feito parte da sua vida íntima.

— Eleanor, eu sempre a desejei. De todas as formas que um homem pode desejar uma mulher.

Ela corou.

— Sei que não tenho o direito de sentir-me dessa maneira. Mas não perdi o sentimento de posse a seu respeito, mesmo depois de rompermos o compromisso. Não posso evitar a tolice de pensar que você ainda me pertence.

Brandon acariciou-lhe o rosto.

— Isso não é tolice. Desde que nos conhecemos, sentimos uma profunda e recíproca atração. Peço-lhe apenas uma oportunidade para provar que sou digno da sua pureza.

Eleanor não teve tempo de responder. Nem mesmo teria palavras para fazê-lo. Brandon beijou-a.

Os lábios dele eram firmes e quentes. Como da última vez em que a havia beijado e como se o tempo tivesse parado.

Eleanor jamais sentira nada tão doce como os beijos de Brandon. Quando mais jovem, tinha pensado que suas reações fossem comuns. Imaginara que reagiria daquela maneira diante de qualquer homem. Agora, porém, a verdade era uma só: somente Brandon despertava-lhe aquelas emoções.

Agarrou-se nas lapelas do casaco e pressionou-se de encontro a ele. Brandon era forte, sólido, musculoso. Depois de tantos anos de solidão, era uma sensação maravilhosa ter alguém em quem se apoiar.

Também era delicioso não precisar fingir que não se importava mais com ele. Admitir a realidade era como se libertar, ainda mais depois de ouvir que Brandon experimentava os mesmos sentimentos por ela. Muito tempo fora perdido entre eles e havia vários obstáculos a serem vencidos. Ambos teriam de aprender muitas coisas um a respeito do outro antes de prosseguir na jornada.

Brandon sentiu a tensão de Eleanor e interrompeu o beijo. A respiração dele era úmida e quente.

— Eleanor, tenho de preveni-la de que, pelo fato de eu a beijar novamente, está se arriscando a nunca mais se ver livre de mim.

Ela deu um sorriso largo.

— Assumirei o risco, milorde.

— Ótimo. — Brandon tornou a beijá-la.

Capítulo IV

Sob a sombra de um carvalho centenário, Brandon inclinou-se no antebraço e mordeu um morango suculento. Era um dia quente. Havia tirado o casaco e enrolado as mangas da camisa.

Dividia a manta com Birch e Locke, que se divertiam em tirar sons estranhos das folhagens para provocar as damas.

No animado piquenique, conversas e risos se sucediam sem parar. Para o acampamento armado em uma colina próxima a Durban, fora trazida a refeição preparada com requinte. Carnes frias, saladas, pães, queijos e frutas frescas como sobremesa.

Eleanor partilhava um cobertor com as irmãs. Ela protegia a pele clara com uma sombrinha branca de rendas e insistia para Phoebe ficar embaixo daquela proteção, como se a outra fosse uma criança. Depois ofereceu uma maçã para Arabella antes de pegar uma para si mesma. Sempre pensando nos outros primeiro!

Eleanor tornara-se a mulher mais linda do mundo para Brandon, depois de ela

admitir que sentia ciúme.

Ele ainda sentia o sabor daquele beijo rápido, e os dois dias seguintes tinham sido um inferno. Tê-la tão próxima e não poder tocá-la. Mal podiam conversar, pois Eleanor era a anfitriã de Durbane e daquela reunião social.

O pior era Eleanor ter de dividir as atenções com os outros solteiros como ele.

Teve vontade de pedir ao pai de Eleanor para mandar embora os solteiros. De nada adiantaria a presença deles. Brandon jurara a si mesmo que não a entregaria para ninguém, mesmo em detrimento do que ocorresse.

Em pouco tempo havia percebido não almejar apenas o perdão de Eleanor. Por todas as emoções inusitadas que não o abandonavam, admitiu que desejava o coração dela.

Eleanor certamente não imaginava o poder que exercia sobre Brandon. Ele a olhava e sentia a alma leve. Ao vê-la sorrir, agradecia a Deus por conceder-lhe a graça de uma nova oportunidade. Eleanor era sua salvação e sua recompensa. Faria o impossível para conservá-la a seu lado.

Ela possuía todos os motivos para odiá-lo, mas o tratava com consideração e justiça. Oferecia-lhe entendimento quando poderia desprezá-lo. E o mais importante era a forte atração que existia entre eles. Pareciam duas metades da mesma laranja.

— Milorde aparenta satisfação — Arabella surpreendeu-o. Brandon ergueu o olhar e considerou que o semblante pacífico bem poderia ser um disfarce para uma faca escondida sob a blusa.

Ficou em pé com o auxílio da bengala.

— Perdão, milorde. Não queria causar-lhe transtorno. Brandon estendeu a perna. Em dias quentes como aquele, incomodava menos.

— Transtorno nenhum, milady. Apenas um aspecto grotesco que pode ser remediado com uma pequena caminhada.

— Eu poderia acompanhá-lo para me redimir? Ah, com certeza ela trazia uma arma oculta!

— Será uma honra. — Brandon ofereceu-lhe o braço.

Eles andaram sem pressa pelo gramado. Arabella protegia-se do sol com uma sombrinha de renda rosa que também fazia sombra para Brandon. Chegaram até a beira da colina, de onde se avistava o vale inteiro, inclusive a propriedade Burrough.

Arabella soltou-se do braço de Brandon.

— Lorde Creed, desejo desculpar-me em meu nome e no de minhas irmãs. — O olhar de Arabella não poderia ser mais sincero.

— Compreendo que pretendiam apenas proteger sua irmã.

— E muita bondade sua, milorde. — Arabella sorriu. — Mas os nossos métodos deixam muito a desejar.

— Prudência não tem vez quando a família está envolvida.

— É um ponto de vista interessante. Não posso negar que milorde me agrada.

— Sinto-me honrado com a sua preferência, milady. Arabella ficou séria.

— Por favor, não faça minha irmã sofrer.

— Eu juro que farei o que estiver ao meu alcance para que isso não aconteça.

O sorriso de Arabella iluminou-lhe mais uma vez o rosto.

Voltaram para o local do piquenique, de braço dado e caminhando devagar.

Lady Dumont e lady Merrott observaram a chegada com grande interesse.

— Ah, minha querida — lady Dumont chamou a atenção de Arabella. — Receávamos que nunca mais trouxesse lorde Creed de volta para nós.

Brandon forçou um sorriso. Não entendia como Wynthrope fora capaz de ter um caso amoroso com aquela mulher. Lady Dumont era tão sutil como um ninho de cobras. Fisicamente poderia ser considerada uma bela mulher, mas sua personalidade arruinava qualquer encanto.

— Não se desesperem, senhoras — Arabella disse. — O visconde voltou.

— Aceita uma maçã, lorde Creed?

Brandon fitou a fruta vermelha na mão de lady Dumont.

— Não, obrigado, milady. Tenho por hábito nunca aceitar frutas de uma bela mulher. E um ensinamento bíblico.

Lady Dumont percebeu a ironia, mas riu assim mesmo.

— Milorde recusaria uma fruta oferecida por lady Eleanor? — lady Merrott perguntou com olhar estreitado.

Eleanor, sentada com as outras irmãs, ergueu a cabeça ao escutar seu nome.

— Lady Eleanor — Brandon a fitou por cima dos ombros das outras senhoras —, gostaria de tentar-me com uma maçã?

Eleanor fez um aceno de pouco caso.

— Eu não.

Brandon levou a mão ao peito, fingindo-se ofendido. — Vejam só. Lady Eleanor não quer oferecer-me uma fruta.

— Pelo que me lembro, milorde — Eleanor falou —, eu teria mais sorte se o tentasse com um pedaço de bolo.

Brandon riu, deliciado. Além de usar de elegância para devolver a tentativa de lady Merrott em constrangê-la, Eleanor ainda se lembrara da fraqueza dos Ryland. Bolos.

— Lady Eleanor, eu me encontro em desvantagem. Milady lembrou-se do meu ponto fraco.

— Milorde tem mais de um, não é verdade? — lady Dumont indagou com voz suave, mas deixou clara a insinuação.

— Claro que sim, milady — Eleanor respondeu por Brandon. — Ele é homem. Ontem à tarde, na hora do chá, a senhora e lady Merrott não escutaram as várias imperfeições do sexo oposto?

Eleanor, com perspicácia, fizera as atenções se voltarem para as duas damas.

Brandon fitou a salvadora com um sorriso de gratidão e recebeu em troca um olhar conspirador. Com o coração pulsando de alegria, considerou que o instinto de proteção de Eleanor não era uma falha, mas sim uma qualidade quando dirigida a ele.

— Vamos jogar malha, Brandon! — lorde Burrough chamou-o, interrompendo a conversa. — Precisamos de um parceiro.

Para um homem que se dizia enfermo, o pai de Eleanor tomava parte em um

surpreendente número de atividades, mesmo demonstrando certa palidez e um pouco de cansaço que não despertavam preocupação. Brandon não duvidava que o conde houvesse apelado para a gravidade da doença para persuadir a Eleanor aceitar a festa.

Brandon começava a desconfiar também que lorde Burrough tivera segundas intenções. Os outros solteiros convidados formavam apenas um cenário para que Eleanor não desconfiasse da verdade. O idoso lorde brindava Brandon com atenções quase exclusivas e na certa havia engendrado todo o esquema para que ele e a filha fizessem as pazes.

Brandon aproximou-se do grupo e aceitou a ferradura oferecida pelo conde.

— Faz muito tempo que não jogo, Burrough. Receio dar motivos de riso para todos.

— Ninguém poderá ser pior de que Birch. Ele passa o tempo todo procurando não sujar as mãos.

Os participantes riram. Brandon segurou a ferradura, inclinou-se para a frente e atirou-a.

— Muito bem, Brandon! — lorde Burrough bateu-lhe nas costas quando a ferradura atingiu o alvo.

O jogo continuou. Em pouco tempo Birch e Faulkner se aproximaram. Ficaram ao lado de Locke, enquanto lorde Burrough jogava. Locke segurava um frasco prateado, e os homens notaram o olhar cobiçoso de Brandon.

— Um drinque, Creed? — Locke ofereceu. Brandon sentiu a boca cheia de saliva.

— Não, obrigado.

— Ninguém está olhando — Locke ironizou. — Pode beber.

— Não quero. Locke tomou um gole.

— E um dia triste quando um inglês se acovarda diante da bebida.

Os jogadores se reuniram ao lado das estacas e com a atenção voltada para o diálogo tenso, certos de que se repetiria a cena havida com Faulkner.

— Por acaso é covardia evitar o que é lesivo? — Brandon perguntou com naturalidade.

— Qual o prejuízo em um drinque? — Locke franziu o cenho.

— Para mim, seria muito grande, pois eu não pararia apenas em um.

— Então é a fraqueza que o prejudica — Locke insistiu com maldade.

Brandon disse a si mesmo que a provocação levaria tempo para se encerrar.

— Locke, por acaso já me viu embriagado? O jovem sacudiu os cabelos negros.

— Não.

— Já escutou histórias a respeito dessas ocasiões?

— Algumas. — Locke sorriu.

As mais divertidas e as menos engraçadas. *Como* no dia em que Brandon quebrara o queixo de um homem que havia ridicularizado a cor de seu colete.

— Então, provavelmente, deve saber que me embebedar não é um bom negócio.

Locke anuiu e tomou mais um gole da garrafa portátil. Ele mesmo estava um pouco embriagado. — É, sei.

— Ótimo.

— Um drinque apenas não o deixará embriagado. — Locke deu uma risada roufenha. — A menos que tenha a constituição de uma mulher.

Brandon suspirou. Se quebrasse o queixo de Locke, terminaria com a afronta.

— Se eu tomar um gole, beberei todo o conteúdo da garrafa. E se milorde continuar a atormentar-me, quebrarei todos os seus dentes com a minha bengala.

Os circunstantes fizeram silêncio. Locke arregalou os olhos, assustado.

De repente, todos se viraram para lorde Burrough, que rompia numa gargalhada e dava alguns tapinhas amigáveis nas costas de Brandon, enquanto Locke se afastava a passos rápidos.

— Isso mesmo, meu jovem Creed — Burrough cumprimentou-o. — Tenho certeza de que conseguirá.

Eleanor e Brandon puderam conversar durante alguns momentos naquela tarde enquanto os convidados davam um passeio para conhecer a região. Brandon era obrigado a andar mais devagar e Eleanor acompanhou-o, o que lhes permitiu uma certa privacidade.

— Creio que seu pai tem certa afeição por mim. — Brandon disse e abaixou a aba do chapéu por causa do sol.

— E lady Dumont também — Eleanor afirmou com um sorriso.

— Ainda bem que os sentimentos de seu pai são de outra natureza.

Eleanor deu risada. Brandon sempre encontrava uma maneira de fazê-la rir.

— Tem razão. O que houve há pouco entre você e Locke? Brandon ergueu os ombros largos.

— Ele tentava persuadir-me a beber da sua garrafa e não entendia a minha recusa.

— Foi difícil não aceitar, não foi?

— Muito. — Brandon falou com amargura e logo tratou de fazer graça: — Já pensou se você gostasse de uísque e de charutos franceses?

Eleanor estremeceu.

— Jamais!

— Ainda bem.

Os dois riram e prosseguiram no trajeto.

— Estive lendo sobre o alcoolismo — Eleanor disse em voz baixa.

— É mesmo? — Brandon hesitou por um instante. Ela girou a sombrinha, nervosa.

— Muitos acreditam que seja uma doença da mente. Brandon não a encarou.

— Então, devo ser maluco.

— Não é maluco nem é um fraco. Essa é uma doença como outra qualquer. Recorrente e de difícil cura, mas não impossível.

— Pode haver recaídas...

— Como em qualquer outra moléstia. Brandon parou e Eleanor imitou-o.

— Cuidaria de mim se eu ficasse doente aqui, Eleanor, ou me mandaria embora?

Ela já havia presenciado a embriaguez de Brandon e testemunhado seu comportamento selvagem e destrutivo.

— Cuidaria com desvelo.

— Por dever cristão? Ou graças à sua natureza caridosa? Brandon estaria caçoando dela ou de si mesmo? Ou apenas desconcertado?

— Porque eu gosto de você.

Ele desviou o olhar e engoliu em seco. Não deveria estar surpreso pela confissão de Eleanor. Ela jamais o teria beijado se não tivesse por ele algum sentimento, nem acreditaria em sua recuperação se não gostasse dele.

— Obrigado. Espero nunca precisar dos seus cuidados nesse sentido.

— Não pode imaginar como está certo, em seus desejos.

— Eleanor riu. — Sou uma péssima enfermeira.

O grupo retornava para o local do piquenique e eles fizeram o mesmo. Falaram de trivialidades e de acontecimentos familiares.

Os convidados finalmente voltaram à residência e Eleanor foi para seus aposentos. As irmãs entraram em seguida, alvoroçadas.

— Eleanor, os comentários se espalharam. — Phoebe cruzou os braços com semblante recriminatório. — Todos a viram passeando com Brandon.

— E quando voltou, estava afogueada — Muriel resmungou. Eleanor revirou os olhos.

— Claro que eu tinha de estar afogueada. Havia sol.

— Mas era um tipo diferente de rubor — Lydia recriminou-a com um estranho brilho no olhar.

— Não tenho de dar explicações às minhas irmãs mais novas! — Eleanor endireitou as costas.

— Concorro. No entanto qualquer dano à sua reputação repercutirá em nós.

Eleanor fitou Lydia com seriedade.

— Quem é que está falando em reputação?

— Pode ter certeza de que todos já devem estar especulando. — Lydia parecia mais aborrecida do que preocupada.

— Não se pode andar com lorde Creed sem despertar falatórios malévolos.

— A respeito dele ou de mim? — Eleanor irritou-se.

— Também dei uma volta com o visconde — Arabella interveio. — Serei crucificada por isso?

— Ora, não seja tola. Fanny Carson afirma que ele é um conquistador — Lydia retrucou.

— Se tivesse lido o que ela escreveu, Lydia, veria que não é nada disso — Eleanor desmentiu-a.

— Eleanor! Por acaso leu o livro?

Eleanor pegou o volume de cima da mesa-de-cabeceira.

— Li o capítulo referente a Brandon e não encontrei nenhum indício de que ele fosse

dado a conquistas.

— O fato de ter lido essa sujeira mostra como o visconde já a corrompeu. — Lydia não se dava por vencida.

Quanta hipocrisia!

— Não a vi achar que fosse uma sujeira durante a leitura de lady Dumont. Eu até a ouvi pedir emprestado o livro.

Lydia endureceu a expressão e Eleanor preparou-se para uma disputa.

— Ellie — Arabella procurou desfazer os mal-entendidos —, nós apenas receamos que faça algo de que venha a se arrepender.

— Por que eu haveria de lamentar o fato de ter dado a lorde Creed a oportunidade de resgatar seus erros?

— Porque ele não mudou, querida — Lydia insistiu.

— Brandon não bebe mais. — Eleanor teve vontade de estapear Lydia pela expressão de incredulidade.

— Isso é ele quem diz. Não se sabe o que faz às escondidas. Apesar de Eleanor acreditar em Brandon, as palavras de Lydia a assustavam.

— Lydia, se tem provas de que lorde Creed mentiu, por favor, conte para nós.

Lydia deu de ombros e examinou as unhas.

— Nada tenho para contar.

— Então, pare de fazer especulações — Arabella pediu. — Se Eleanor confia em lorde Creed, devemos respeitá-la.

Eleanor fitou Arabella com gratidão.

— Quando ela vier chorando, teremos de respeitar também?

— Fique descansada, Lydia. — Eleanor não escondeu a contrariedade. — Será a última pessoa a quem escolherei para desabafar.

— Minha querida, não pensei fazer pouco caso. No entanto conheço sua pureza, e Brandon Ryland é um homem mundano. Homens como ele sabem mentir para fazer uma mulher acreditar em suas atenções.

Ela falava por experiência própria?

— Creed precisa de uma mulher tão experiente quanto ele — Lydia continuou.

— Está se referindo a si mesma? — Eleanor não resistiu à pergunta.

— Oh, não! — Lydia teve a bondade de enrubescer.

— Eleanor, não é preciso exagerar — Arabella admoestou-a com suavidade.

Phoebe e Muriel fitavam o entrevero com olhar arregalado, estranhando a rudeza de Eleanor.

— Se não se incomodarem — Eleanor reuniu a coragem que lhe restava —, eu gostaria de ficar sozinha.

As quatro se entreolharam, sem discutir. Acostumadas a atender aos pedidos de Eleanor, saíram em fila e Arabella ficou por último.

— Não pretendia deixá-la aborrecida, Ellie.

— Você não me aborreceu, Belle.

Eleanor fechou a porta de seu quarto, sem entender o que estava acontecendo. Elas raramente se desentendiam. A tensão tinha se iniciado com a chegada de Brandon. Lydia estaria se penitenciando pelo que ocorrera havia dez anos e suas advertências eram sinceras?

Eleanor esticou-se na cama e fechou os olhos. Um pouco de descanso antes de se vestir para o jantar seria providencial. E pensando nos beijos de Brandon, adormeceu.

Acordou algum tempo depois quando Mary, a criada, bateu na porta. Eleanor levantou-se, esperou os criados encherem a banheira com água e permitiu a Mary ajudá-la a tirar as roupas. Entrou na banheira, ficou deitada na água quente e lavou-se. Quando saiu do banho, estava mais bem-humorada.

Enxugou-se e vestiu a roupa ajudada por Mary. A criada fez um penteado elaborado, próprio para a noite. Um coque alto com cachos soltos em estilo grego.

O vestido era de seda de cor creme com renda de Bruxelas e tinha mangas curtas e franzidas. O decote acentuava a curvatura do busto. Brincos e gargantilha de pérolas completavam o conjunto.

Como uma jovem tola e inexperiente, Eleanor só pensava na reação de Brandon quando a visse.

Assim que entrou na sala de estar, notou Brandon a um canto. Os cabelos úmidos caíam na testa e o rejuvenesciam. Vestido de negro, apoiado na bengala, conversava com uma loira.

Lydia.

O que ela pretendia tão perto de Brandon? Lydia pôs a mão no braço dele. Brandon levou o copo aos lábios e Lydia teve de retirar a mão. Ele fizera aquilo de propósito? O que estaria bebendo?

Em outra época, Eleanor teria se afastado, acreditando que Brandon preferia mulheres experientes e sensuais como Lydia. Mas o despeito empurrou-a para a frente. Queria saber sobre o que os dois conversavam.

Brandon ergueu a cabeça ao vê-la aproximar-se.

O olhar dele foi de alívio e o sorriso tímido pareceu uma desculpa. Brandon a fitou lentamente de alto a baixo e sua expressão transformou-se. Os olhos brilharam com chama interior e idéia de posse. Um semblante predatório.

Eleanor chegou perto de Lydia.

— Lady Eleanor — Brandon não escondeu a admiração —, esta noite eu a vejo excepcionalmente adorável.

Ela corou e resistiu à vontade de lançar à irmã um olhar triunfante.

— Eu lhe agradeço, lorde Creed. Espero não estar interrompendo nenhum assunto importante, Lydia.

A irmã aparentava a mais completa inocência.

— Claro que não. Eu e lorde Creed estávamos apenas tagarelando.

— Então, não a incomodará se eu o roubar por um momento. — Eleanor passou seu braço no de Brandon. — Lorde Creed manifestou interesse em ver a estufa de cultivo de laranjas. Pensei em fazermos um passeio até lá antes do jantar.

Brandon não escondeu o olhar de surpresa diante da coragem de Eleanor e apressou-se em aceitar o convite.

— Eu gostaria muito, lady Eleanor. — Ele deixou o copo com água sobre uma mesa lateral.

— Não se demorem — Lydia avisou-os, — O jantar será servido logo.

Eleanor sorriu. A Lydia não importava se Eleanor perdesse o jantar. Estaria preocupada com a reputação da irmã ou preferia que ela e Brandon não ficassem muito tempo a sós?

Eleanor ignorou os motivos. Pretendia ficar um pouco sozinha com Brandon. Admitiu o comportamento atrevido quando se tratava de Brandon, mas pretendia marcar o território de sua propriedade.

De braços dados, deixaram a casa pelas portas francesas da sala de estar. Como não pretendiam se demorar, Os convidados pouco teriam o que dizer. Afinal, todos supunham que ela estivesse à procura de um marido.

Eleanor e Brandon andaram pelo jardim em silêncio e a tensão entre eles cresceu.

A estufa localizava-se na extremidade sul. Eleanor inspirou fundo ao abrir a porta. O ambiente úmido tinha aroma de laranjas e limões, doce e cítrico. Delicioso.

— É muito lindo — Brandon comentou enquanto caminhavam pelo recinto. De fora, nada se enxergaria. — Não me lembro de ter pedido para ver a estufa.

— Você não pediu — Eleanor respondeu, sabendo que ele estava consciente do fato.— Eu inventei.

Brandon fingiu espanto.

— Eleanor, está dizendo que planejou tudo para nos afastarmos?

— Sim. — Ela sorriu, matreira.

— Cansou-se de partilhar com os outros a minha companhia?

— Sim — Eleanor repetiu com falsa arrogância.

— Você é muito possessiva — Brandon caçoou. Ela anuiu. Para que esconder a verdade?

— Existe apenas um remédio para uma mulher ciumenta — ele informou-a em voz baixa e rouca.

— Qual é?—Um calafrio percorreu a espinha de Eleanor. Brandon abraçou-a e ela sentiu a bengala roçar-lhe a panturrilha. Ele a apertou de encontro ao peito e fitou-a.

— Oferecer-lhe o que ela deseja. Brandon beijou-a.

Brandon desejava recuperar o tempo perdido. Abraçou-a com força, e Eleanor retribuiu o beijo com o calor nascido do instinto. Apesar de inexperiente na arte de amar, ela sabia como excitá-lo.

A maior vontade de Brandon era proporcionar o que Eleanor queria, e o entusiasmo dela desencadeava o seu.

Nem se zangaria se ela não lhe permitisse mais audácia. Ele se comportava como um canalha, mas era impossível não ceder à tentação. Brandon atenderia ao pedido dela, mesmo se fosse para beijá-la em uma sala lotada de convidados.

Eleanor acariciou-lhe as costas e os ombros. Entrelaçou os dedos nos cabelos da nuca e puxou-os como se quisesse segurar Brandon para sempre. Ele não quis interromper o beijo nem se preocupou em dizer-lhe que nunca a deixaria.

Eleanor possuía graça e flexibilidade incomparáveis. A pele tinha fragrância de

morangos. Doces e selvagens. Brandon adorava o perfume de Eleanor e o sabor de seus lábios.

O busto farto pressionava-se de encontro a seu peito e ele acariciou-lhe as laterais, sentindo a rigidez sob a seda do vestido.

A reação imediata de Eleanor incendiou o sangue de Brandon. Ele prosseguiu as carícias por cima do generoso decote e abençoou a moda que permitia tal liberalidade. Ansiava deitá-la e acariciar-lhe cada centímetro da pele sedosa.

E ela permitiria, com toda a certeza. Naquele mesmo instante.

Eles se atrasariam para o jantar, que logo estaria pronto.

Os convidados fariam especulações a respeito do paradeiro dos dois, pois tinham sido vistos saindo juntos.

Misericórdia!

O que ele pretendia? Arruinar Eleanor? Afinal, tinha intenções de cortejá-la, e não de destruí-la.

Relutante, Brandon interrompeu o beijo e afastou-se. Ela descerrou as pálpebras e fitou-o. Os lábios vermelhos e carnudos eram uma irresistível tentação.

— Perdoe-me. — Brandon soltou-a. Eleanor alisou a frente do vestido.

— Você cometeu alguma ofensa?

Ela pensava ter sido rejeitada?

Brandon passou aos dedos nos cabelos e inspirou fundo para conter o tremor.

— Faz muito tempo que não privo da intimidade de uma mulher. Por isso me excedi.

— Há quanto tempo? — A pergunta foi imediata e tipicamente feminina.

— Mais de um ano. — Ele ofereceu-lhe o braço. — Vamos voltar. Todos devem estar imaginando seu paradeiro.

— E nós não desejamos isso, não é? — Eleanor não escondeu um traço de irritação.

— Não. Não quero ninguém dizendo que me aproveitei de você.

— Eles jamais pensariam o inverso, não é mesmo? Brandon não pôde deixar de rir diante do absurdo da idéia.

— Você é uma dama respeitável.

— Qual o benefício da respeitabilidade? — Ela indagou com pouco caso enquanto saíam da estufa. — Cumpri meus deveres, criei minhas irmãs e três delas enfrentam casamentos infelizes.

Devlin, North e Wynthrope também erravam e Brandon continuava a apoiá-los.

— O que não é culpa sua.

— Se eu não fosse tão respeitável, poderia ter acabado na sua cama em vez de Lydia.

Brandon tropeçou diante do imprevisto da afirmação e a bengala caiu. A pontada na perna foi aguda e Eleanor ajudou-o a equilibrar-se.

— O que, nesta altura, não tem importância, não é?

— Suponho que não.

Eles continuaram o trajeto e Brandon cerrou os dentes por causa da intensa dor.

— Cassie Williams foi sua amante? — Eleanor perguntou depois de alguns minutos.

Ela soubera do episódio por acaso fazia algum tempo e continuava obcecada com as mulheres que haviam passado pela vida de Brandon. A demonstração de ciúme não o aborreceu. Dava-lhe a dimensão do interesse de Eleanor. E era animador.

— Por um curto período.

— Você a amava?

A honestidade nem sempre era o melhor caminho nesses assuntos. Se mentisse que a amara, Eleanor pensaria o melhor sobre ele e poderia ficar enciumada. Se dissesse a verdade, ela o tomaria por um patife.

— Nós ficamos pouco tempo juntos.

— O que houve?

Pobre Cassie. Fora morta pelo homem que pretendia destruir North. Brandon havia iniciado o relacionamento com Cassie na tentativa de salvá-la. Não adiantara.

— Ela morreu.

— Sinto muito. — A expressão de pesar foi sincera.

Ele também sentia por não ter sido capaz de manter a promessa que fizera à moça.

— Não se preocupe. Superei a perda.

E também a vingara. O homem que havia assassinado Cassie fora o mesmo que ele tinha matado para defender North. Harker jamais prejudicaria outra pessoa. Seria melhor mudar de assunto antes de ser obrigado a falar sobre o patife. Era uma história delicada e longa que não deveria ser tratada às pressas nem com a dor que sentia na perna.

— Eleanor, sobre a sua leitura a respeito do alcoolismo... Ainda acredita que possa ser uma doença?

— Ah, sim. Quanto mais leio o trabalho do dr. Trotter, mais me convenço disso.

— Então, dra. Durbane, o que me aconselha como cura?

— Não beber. — A resposta foi imediata. Eles riram juntos.

— Você manterá a promessa de cuidar de mim, se eu tiver uma recaída?

— Sem dúvida.

— Esse é quase um motivo para eu me embriagar de novo. Haviam chegado à porta de acesso à sala de estar. Eleanor se deteve antes de abri-la.

— Eu jamais me perdoaria se fosse a causa de você procurar conforto na bebida.

Conforto na bebida era uma maneira poética demais para descrever sua embriaguez. Eles entraram na residência.

— Ah, chegaram bem na hora! — lorde Burrough exclamou ao avistá-los.

Os convidados não os observaram com curiosidade, o que era um bom sinal. Com exceção de Lydia, que estreitou o olhar e com certa maldade.

Lydia notaria os lábios vermelhos e intumescidos de Eleanor? Ou os amassados do corpete? Ou ainda alguma outra marca reveladora? Caso notasse, contaria ao pai? Lorde Burrough ficaria satisfeito com a amizade renascida entre a filha e Brandon? Ou o expulsaria pelas liberdades tomadas com Eleanor? Seria possível que Lydia desencadeasse uma nova onda de boatos maliciosos?

Brandon não duvidava. Afinal, Lydia fora procurá-lo, apesar de saber que Eleanor gostava dele. Teria de ficar atento para evitar que Lydia destruísse novamente e esperança de felicidade para eles.

Posteriormente, falaria com Eleanor para explicar-lhe que o fantasma da bebida não existia mais. Brandon preferia morrer a ceder outra vez ao vício. E não seria Eleanor quem o conduziria de novo àquele comportamento destrutivo. Também teria de avisá-la, com sutileza, para se precaver contra as intrigas de Lydia, embora não quisesse causar dissabores entre as irmãs.

Eleanor estivera certa. Lydia era uma mulher amarga e infeliz. E por isso pretendia atrapalhar a felicidade das outras. Já o fizera antes. Teria de ser impedida de repetir a dose.

O charuto e o vinho do Porto que se seguiram ao jantar foram um sofrimento. Brandon desejava um drinque para acalmar as pontadas na perna. Se tivesse feito os exercícios necessários, não estaria naquelas condições. O desconforto era por sua culpa, mas seu orgulho não lhe permitia afastar-se das atividades da festa.

Ele trouxera o láudano e, se o tomasse, provavelmente dormiria. Em geral deixava para usar a droga quando o sofrimento e ele próprio se tornavam insuportáveis. E era o que acontecia no momento. Locke o fitava sem cessar. Um provável candidato à sua fúria. Teve de controlar-se para não pular no pescoço do jovem. Se o fizesse, acabaria por prejudicar a opinião de Eleanor a seu respeito. Acalmou-se um pouco ao lembrar que ela não tinha o menor interesse pelos outros solteiros presentes à reunião do pai.

— Cavalheiros, peço que me desculpem. Preciso retirar-me.

Brandon empurrou a cadeira para trás. Levantou-se apoiado na bengala e na mesa. Não houve como disfarçar a careta de dor. Sua perna doía demais. Teria de tomar um cuidado extremo para não tropeçar.

Se ficasse mais um pouco na companhia dos cavalheiros, teria de tomar uma dose de vinho para suportar a agonia da dor. Estava na hora de ir para a cama e entregar-se ao sono induzido pelo láudano.

Lorde Burrough desejou-lhe boa-noite e um bom descanso, tendo em vista o baile programado para o dia seguinte. Brandon sentiu-se enjoado só de pensar em dançar. Seria preferível dormir sobre vidro quebrado. Mesmo assim, assegurou ao lorde que estaria em forma para a grande festa.

— Não se preocupe, Creed — lorde Taylor falou. — Cuidaremos de lady Eleanor durante a sua ausência.

Brandon arreganhou os dentes. Não se tratava de um sorriso e Taylor entendeu a ameaça.

— Faça isso. Tenho certeza de que serão precisos muitos para suprir minha falta.

Brandon chegou a seus aposentos arquejando, suado e zozado de tanta dor. Fechou a porta, arrancou o casaco, jogou-o na cadeira e sentou-se na cama com um grito rouco.

O láudano estava na mesa-de-cabeceira. Tirou a rolha e tomou um gole. O gosto nem lhe pareceu tão ruim. Estendeu-se sobre o acolchoado e esperou.

O entorpecimento chegou devagar. A dor na perna começou a ceder, e a névoa do cérebro, a aumentar. Era uma sensação agradável. Felizmente, os opiláceos não exerciam sobre ele a mesma fascinação do álcool, ou estaria perdido.

O último pensamento coerente antes de adormecer foi a respeito do baile da próxima noite. Esperava poder dançar com Eleanor ao menos uma vez. Gostaria de

abraçá-la de novo. Seria possível acariciar-lhe o busto sem que ninguém percebesse?

Adormeceu inebriado com um sorriso nos lábios.

Eleanor perdeu a alegria ao constatar que Brandon não se encontrava com os cavalheiros. Recriminou-se por esquecer depressa demais o que ele fizera e deixar a paixão recrudescer.

A ausência roubou o encantamento da noite. Eleanor admitiu que passaria o tempo fazendo uma contagem regressiva das horas que faltavam para tornar a ver Brandon. Onde ele estaria?

— Lorde Creed não participará das conversas desta noite — lorde Burrough anunciou para os hóspedes. — Lamentaremos sua ausência.

— Pobre Creed — Locke comentou com pouco caso. — Não posso imaginar como é ser um homem pela metade.

Eleanor fitou-o com desaprovação. Era provável que ele pensasse em dissuadi-la de seus interesses com tais comentários.

— Deve ser difícil imaginar qualquer coisa para quem é bem menos do que isso — Birch declarou, segurando um copo de uísque.

Eleanor não pôde deixar de sorrir. A estima por Birch aumentou um pouco.

Infelizmente, Birch interpretou o sorriso dela de maneira errônea.

— Posso sentar-me a seu lado, lady Eleanor? — ele pediu.

— Claro. — Ela não teve como recusar.

Birch foi o primeiro. Os outros solteiros se revezaram em amabilidades. Até mesmo Locke atreveu-se a ocupar o lugar que vagara.

Havia três hipóteses prováveis. Ou o interesse de Brandon tinha despertado o deles, ou não havia esperança de conseguir a atenção de Eleanor na presença de Brandon, ou tinham descoberto o valor do dote.

De qualquer maneira, o excesso de solicitações deixou Eleanor acabrunhada. Por que eles a rodeavam com tanta insistência?

Cortês e sorridente, ela não se deixou abalar por lisonjas fabricadas de última hora.

As belas palavras e as conversas vazias a cansavam. Os lordes preocupavam-se em sobressair um mais que o outro. O interesse deles era superficial. A maioria nem mesmo a conhecia direito. Julgavam apenas sua aparência e a extensão de sua fortuna.

O pai veio em seu auxílio. Cansado, lorde Burrough decidiu retirar-se e Eleanor fez menção de acompanhá-lo. Ele ainda não estava totalmente recuperado e ela preocupava-se com sua saúde, apesar da desconfiança de que a grave enfermidade havia sido um estratagema para persuadi-la a concordar com a festa.

Burrough entendeu que a filha queria ver-se livre dos rapazes bem-intencionados e aceitou o braço oferecido.

Subiram a escada em silêncio. Entraram nos aposentos dele. Eleanor ajudou-o a tirar o casaco, a desatar a gravata e removeu-lhe os sapatos. Burrough se deitou na cama. A luz discreta suavizou a aparência das rugas.

— Quer que o ajude em mais alguma coisa, papai?

— Não, obrigado, filha. George virá em seguida. — George, seu criado, era filho daquele que o servira anteriormente.

Eleanor sentou-se na beira da cama.

— Tem certeza que não precisa de nada? — Estou bem. Pode ir cuidar dos hóspedes.

— Prefiro ficar aqui. O pai deu risada.

— Os solteiros não a deixam em paz, não é?

— Parecem galos querendo chamar a atenção de uma galinha. Eles não se importam comigo. Querem apenas uma mulher rica.

— Assim acontece na maioria dos casamentos. E o que assegura a continuação da sociedade.

As palavras do pai faziam sentido, apesar de impessoais.

— Não acha que eu deveria esperar mais de um marido?

— Sem dúvida, minha filha. E merece muito mais do que isso.

— O senhor e mamãe foram felizes, não é mesmo?

— Fomos. É nosso casamento foi arranjado.

—E mesmo? — Eleanor sempre pensara tratar-se de um enlace por amor.

— É verdade, minha filha. — Burrough segurou a mão dela. — Tivemos sorte em descobrir que os nossos temperamentos combinavam. Não demorou muito e nos apaixonamos. Quando isso aconteceu, sua mãe já estava grávida.

— De mim?

— Sim, minha querida. Em qualquer um dos casos, por amor ou por acordo, casamento não é algo simples, Ellie. Entendimento, perdão e paciência são apenas três das muitas virtudes que precisamos cultivar para atingir a felicidade. E confiança. Creio que essa é a mais difícil, não é?

— Não estou entendendo.

— Ellie, é preciso confiar no seu próprio valor. Não se culpe tanto e pense em si mesma. Não tema tanto o futuro e aproveite o presente. A felicidade virá muito mais depressa.

Não havia como negar. Eleanor se culpava por muitas coisas, inclusive pela infelicidade das irmãs. Várias vezes refletira que Brandon havia escolhido Lydia porque a irmã tinha mais qualidades do que ela. Naquele dia mesmo, Eleanor fizera perguntas a Brandon sobre uma das suas amantes. Havia sido como se comparar a uma mulher morta.

— Casamentos são parcerias — o pai continuou. — Existem épocas boas e ruins. Há ocasiões em que ficamos com raiva do consorte e acreditamos que não sobreviveremos aos empecilhos.

— E por que tentar? — Eleanor não acreditava que o verdadeiro amor poderia ser tão difícil.

— O amor vale qualquer esforço, Ellie. É ele que nos faz ver o lado bom das coisas e das pessoas. O amor é o que nos faz vencer as batalhas. Acha que eu e sua mãe nunca discutíamos? Por vezes usávamos até de mentiras e desconfianças.

— Sempre pensei que a paz fosse perene.

Burrough tomou um gole de água que estava ao lado da cama.

— Uma vez sua mãe quase me abandonou. Levou você e Arabella para a casa dos pais dela. Eu poderia tê-la impedido, mas o que sabia sobre educação de filhas?

Eleanor não se recordava do episódio. Visitavam muito os avós, mas não lhe ocorreu a lembrança de nenhuma estadia mais demorada.

— Eu pedi perdão à sua mãe, lamentei tê-la aborrecido e jurei nunca mais cometer o mesmo erro. Mantive a promessa, e ela acabou aprendendo a acreditar em mim novamente.

Eleanor perguntou-se por que o pai lhe contava tudo isso.

— Ellie, eu vi a maneira como o seu olhar se cruzava com o de Creed.

Ah, então era por isso!

— E?

— Espero que aprenda a acreditar a confiar nele outra vez. Sei que Brandon lamenta havê-la feito sofrer.

— Papai, o senhor não conhece os detalhes.

— Ele levou Lydia para a cama.

Como o pai soubera? Quem havia lhe contado?

— Quando penso neles juntos...

Burrough apertou-lhe a mão.

— O sofrimento ainda é grande, Ellie, eu sei. Com o tempo, isso passará. Quando entender o sentimento que os une, será mais fácil esquecer e ser feliz. O importante é acreditar e confiar um no outro e em si mesmos.

— Eu gosto de Brandon — Eleanor confessou. — Acho que nunca deixei de gostar. Talvez por isso a traição foi tão dolorosa.

— E?

—Tenho medo de confiar nele, embora não me tenha dado motivos para duvidar da sua sinceridade. É difícil acreditar que Brandon gosta de mim.

— Por quê?

— Porque sou uma solteirona amarga. — As lágrimas queimavam-lhe os olhos. — E se não fui suficiente para ele antes, por que haveria de ser agora?

Lorde Burrough abraçou-a com imenso carinho.

— Ah, minha querida! — O conde a beijou no alto da cabeça, como se ela fosse ainda uma menina. — Será que não entende? Brandon veio à nossa residência por sua causa, mesmo sabendo que não seria bem-vindo. Por sua causa está resistindo à tentação de beber. Por sua causa enfrenta situações que fizeram a perna dele doer tanto que teve de se retirar mais cedo para repousar. Brandon não veio apenas para pedir-lhe perdão, Ellie. Ele veio por sua causa.

Eleanor endireitou-se. Seu coração reconhecia a verdade que a mente insistia em negar. O que Brandon sentia por ela não era uma simples atração física, mas algo mais profundo.

Bem diferente do que ele experimentara com Lydia ou com Fanny Carson.

— E se Brandon não quiser a mulher que sou agora? — Outro receio lhe ocorreu.

— Que tolice, minha filha! Acha que ele teria esperado tanto tempo se não te amasse? Brandon Ryland não está à procura de uma noiva rica. Não precisa disso. Conseguiu superar a ruína social e a quer junto dele. Isso não é o suficiente?

Eleanor fitou o pai e deu-lhe razão. Para ela, era difícil aceitar que um homem tão atraente, forte, determinado e sensual pudesse desejá-la. Era mais fácil culpar-se pelo que acontecera do que acreditar que a bebida o tivesse feito confundi-la com Lydia. Lydia, a irmã adorada corraera atrás de Brandon mesmo sabendo que Eleanor se interessava por ele. Era mais fácil acreditar na preferência de Brandon por Lydia do que na perseguição da irmã.

Era mais simples aceitar que Brandon desejava Lydia do que o próprio receio pelo vício dele. Se tivessem se casado naquela época, a bebida provavelmente teria acabado com a união de ambos. Agora, porém, ela não era mais uma menina, e Brandon superara a doença.

A situação era diferente.

— Obrigada, papai. — Eleanor levantou-se. — O senhor me deu vários motivos para reflexão.

Lorde Burrough arqueou as sobrancelhas e tornou a recostar-se nos travesseiros.

— E sobre isso que vai pensar agora?

— Vou, se me der licença.

— Eu já lhe concedi há mais de vinte minutos. Eleanor sorriu e curvou-se para beijar o rosto do pai antes de sair do quarto.

Ao chegar ao corredor, algo lhe chamou a atenção. Uma mulher se afastava. A distância não permitiu a Eleanor divisar-lhe as feições.

Apesar da pouca iluminação dos candelabros, foi possível distinguir o vestido. Era Lydia, sem sombra de dúvida.

O que sua irmã estava fazendo ali? Os aposentos dela situavam-se no final do outro corredor e a escada ficava no meio das duas alas íntimas. Lydia não precisava ter vindo por ali.

A menos que ela estivesse escutando a conversa do lado de fora do quarto do pai.

Eleanor sentiu o sangue congelar nas veias. Não era um pensamento cristão, mas não podia evitar a suspeita. Se Lydia estivesse escutando, o que teria ouvido?

E o que pretendia fazer com o que ficara sabendo?

Capítulo V

Brandon pretendia anunciar suas intenções naquela noite, quando um baile daria início à última metade da estadia dos convidados na propriedade. Passara uma quinzena na companhia de Eleanor. Nesse pouco tempo havia conseguido que ela lhe desse uma oportunidade e cumprisse o que prometera. Eleanor tinha entendido que ele mudara e mostrava gostar da transformação. Brandon não havia imaginado que chegaria a convencê-la, ainda mais tão rapidamente. Aquele era um exemplo da natureza bondosa e compreensiva de Eleanor. O que a tornava ainda mais digna de admiração.

O beijo na estufa aumentara sua ansiedade. Sonhava com o corpo de Eleanor junto ao seu. Fantasias se sucediam e a deixavam desnuda diante dele. Brandon imaginava as reações dela, e a solidão o fazia sofrer mais.

A atração que sentia por Eleanor era benfazeja. Por longo tempo preocupara-se com o efeito da bebida em excesso sobre seu desempenho. Ele e Cassie haviam desfrutado um relacionamento físico normal. Mas o que sentia por Eleanor era inigualável.

Charles tinha se esmerado em arrumá-lo para o baile. Não havia um fio de cabelo fora do lugar. Até a bengala fora polida pelo criado. A gravata branca havia sido amarrada com um nó simples, à maneira oriental. O paletó e a calça estavam impecáveis.

Eleanor se importaria com a visão desagradável de sua perna? Provavelmente não.

Ela era caritativa e gostava de cuidar dos outros. Estava sempre à volta do pai, das irmãs e até dos criados. Por último pensava em si. Brandon prometeu a si mesmo que passaria o resto da vida procurando atender às necessidades de Eleanor, se ela o aceitasse.

Ele desceu a escadaria às dez, na hora aprazada. Para sua sorte, a perna não o incomodava muito. Esperava poder dançar apenas uma valsa, mesmo que fosse em ritmo mais lento.

Muitas famílias da região também tinham sido convidadas para o baile. O salão estava lotado e Brandon foi anunciado assim que chegou à entrada.

Ele saudou os conhecidos com acenos de cabeça, enquanto procurava Eleanor. De longe viu um vestido verde e aproximou-se, imaginando que fosse Eleanor. Era Arabella.

Arabella saudou-o com um sorriso bondoso e Brandon retribuiu da mesma forma. De todas as irmãs de Eleanor, era a que mais se parecia com ela. Tanto fisicamente como no caráter. Era também a que o tratava com maior cortesia.

Phoebe e Muriel, com vestidos amarelo e azul, respectivamente, fizeram medidas corretas e até sorriram, no momento exato em que Eleanor foi anunciada.

Brandon virou-se e ficou sem fala. Eleanor usava um vestido de cetim cor de

framboesa bordado com minúsculos cristais, que refletiam as luzes enquanto ela se movia. Como jóias, apenas brincos de diamantes. O penteado alto de cachos completava o maravilhoso visual. Deslumbrante.

Eleanor sorriu para todos e fascinou os presentes com sua beleza. Locke e Birch ficaram boquiabertos. Taylor, Faulkner e outro cujo nome Brandon não se lembrava estavam embasbacados.

Ele achou que o momento da competição realmente começava.

Eleanor sorriu para os pretendentes, mas foi Brandon quem recebeu o sorriso mais esplendoroso. Ela se reuniu com as irmãs, sem desviar a atenção dele.

— Lady Eleanor. — Brandon fez uma mesura e ofereceu-lhe a mão. — Esta noite milady está mais adorável do que nunca. — Ele se conteve nos elogios para não chamar a atenção.

— Obrigada, lorde Creed. — Ela enrubesceu.

— Lady Eleanor — Locke aproximou-se e quebrou o encanto —, poderia conceder-me a honra da primeira dança?

Eleanor não pareceu satisfeita com a intromissão e Brandon refreou a vontade de arreentar a bengala na cabeça de Locke.

— Agradecida, lorde Locke. Sem dúvida.

— E a segunda para mim, lady Eleanor? — Birch apressou-se em seguida.

— Certamente, lorde Birch.— Ela sorriu sem entusiasmo. Brandon suspirou, tentando acalmar-se.

— Talvez fosse melhor eu pedir a honra para dançar a primeira valsa com milady.

O sorriso brilhante de Eleanor dissipou as dúvidas de Brandon quanto à preferência dela.

— A primeira valsa é sua, lorde Creed.

Brandon fez uma mesura e afastou-se para não vê-la acompanhar Locke até a pista de dança. Mesmo sabendo que uma anfitriã teria de dar atenção a todos os convidados, não queria ver Eleanor abraçada por outro homem. Deu alguns passos e foi interceptado por lady Dumont.

— Lorde Creed, é um prazer tê-lo conosco esta noite.

— Milady tinha alguma dúvida quanto à minha presença? Lady Dumont abanou-se, coquete. Apesar do vestido rosa um tanto exagerado para a idade, não se poderia dizer que estava ridícula.

— Ah, sim. Imaginávamos que a indisposição da última noite talvez o retivesse por mais tempo em seus aposentos. — Ela o avaliou de alto a baixo com olhar significativo.

Depois do surgimento do livro de Fanny Carson, era como as mulheres presentes ao evento o olhavam.

— Agradeço a sua preocupação, lady Dumont, mas já estou bem.

— Se a aflição o acometer novamente esta noite, por favor, avise-me. Terei o maior prazer em ajudá-lo.

— Creio que não será necessário. De qualquer forma, eu agradeço.

— Um pena. — lady Dumont fitou-o com olhar malicioso. — Se mudar de idéia, sabe onde me encontrar. Boa noite, milorde.

A dama se afastou e Brandon disse a si mesmo que teria de conversar com Wynthrope a respeito dela. Embora Wyn tivesse um caráter excêntrico, não podia entender como o irmão viera a relacionar-se com lady Dumont.

Brandon foi até o lado oposto da sala e reparou que a orquestra permanecia oculta atrás de uma tela. Como a música parecia surgir do nada, ele supôs que a idéia fosse dar uma impressão de magia ao ambiente. Depois de os músicos tocarem a segunda melodia, Brandon pediu que, em seguida, fosse executada uma valsa, pois estava ansioso para segurar Eleanor nos braços. Infelizmente a perna também começava a dar sinais de alerta.

Voltou ao local onde se encontrava antes e esperou Birch trazer Eleanor de volta.

— Obrigado, Birch, por cuidar de lady Eleanor. Agora cuide disto para mim. — Entregou ao jovem espantado a bengala e deixou bem evidente a idéia de posse. Birch e os outros ficariam com Eleanor apenas quando ele permitisse.

Brandon não esperou a reação de Birch. Segurou Eleanor pelo braço, levou-a até o centro do salão e enlaçou-a pela cintura. Ela segurou a mão dele e passou a outra em seu ombro.

— Eleanor, peço que me perdoe por minha postura canhestra. — Brandon inebriou-se com o perfume dela.

— Você está me apertando mais que o devido — Eleanor disse enquanto davam lentamente a primeira volta.

Brandon dançava com cuidado. Um passo em falso e cairia de costas, com Eleanor por cima. O que valeria a pena, apesar da humilhação da queda.

— Não sou mesmo um camarada digno — ele ironizou, admirado por Eleanor conseguir acompanhar-lhe os passos

AINDA TE AMO... 105

incertos. Admitiu que haviam mesmo sido feitos um para o outro.

— Eu percebi. — Eleanor fitou-o com censura. — Foi muito rude com lorde Birch.

Brandon deu de ombros.

— Ele agiu de modo muito pior ao monopolizá-la.

— Nós dançamos apenas uma música e trocamos algumas palavras inocentes!

— E sobre o que conversaram? Eleanor franziu os lábios.

— Isso não lhe diz respeito.

Brandon apertou-a entre os braços. Assustada, ela olhou para os lados e corou.

— Sobre o quê? — ele insistiu e afrouxou o abraço.

— Sobre gado. — Eleanor não disfarçou o aborrecimento.

— Como é?

Que tipo de homem perderia tempo em conversar a respeito de gado com Eleanor, mesmo na presença de muitas pessoas?

— Isso mesmo o que você ouviu. Lorde Birch cria cavalos e queria saber se eu gosto deles.

— Ah, sei.

Ela estreitou os olhos.

— Não precisa ficar com esse ar presumido. Você nunca me perguntou se eu gosto de cavalos.

— Nem seria necessário. Sei que não gosta. Não se espante, Eleanor, conheço muito mais acerca de você do que pode imaginar. Isso acontece por eu prestar atenção e me interessar por tudo o que lhe diz respeito.

Pelo silêncio de Eleanor, Brandon pensou se ela estaria refletindo sobre tudo o que ele descobrira.

Quando a dança terminou, Brandon conduziu-a de volta à companhia das irmãs, requisitou a próxima valsa e afastou-se. Não queria parecer ansioso demais.

Depois da segunda valsa, Brandon levou Eleanor de novo ao convívio familiar e manteve-se afastado durante o jantar. De longe, ela o fitava, certamente comparando-o com os outros candidatos, o que era natural. Mesmo assim, ele estava convicto de ser o alvo da preferência de Eleanor. Agradou-lhe perceber também que ela estreitava os olhos toda vez em que o via conversando com outra mulher.

Mais tarde, Brandon notou que Eleanor saía para respirar ar puro no terraço e seguiu-a. Não seria correto, mas ele não se importava com isso.

Encontrou-a encostada na balaustrada de granito, com o rosto erguido e os olhos fechados. A luz de uma lanterna lateral iluminava-lhe as feições delicadas, e Brandon admirou a beleza de Eleanor, que só aumentara com o passar dos anos.

— Não deveria estar aqui sozinha — ele admoestou-a ao se aproximar.

A perna começava a latejar e Brandon pediu a Deus um pouco mais de tempo com dores suportáveis.

Eleanor descerrou as pálpebras e fitou-o por sobre o ombro.

— E você não deveria estar sozinho aqui fora comigo — ela declarou com um sorriso.

Brandon também sorriu e apoiou-se na amurada ao lado de Eleanor.

— Você tem toda a razão. O que faremos a respeito? Ela suspirou.

— Suponho que um de nós deverá entrar.

Brandon acariciou-lhe o rosto. A pele de Eleanor era macia.

— Ou poderíamos ficar daqui. Ela pestanejou.

— Não deveríamos arriscar, Brandon. Alguém poderá ver-nos e...

— Não diga nada. — Ele fechou-lhe os lábios com a ponta do indicador. — Deixe-me tocá-la.

Eleanor consentiu, embora receosa.

— Sua beleza me fascina. — Brandon passou a ponta dos dedos no lábio superior e na face sedosa. — A dor na minha perna nada significa se comparada ao aperto que sinto no coração toda vez em que a vejo.

Eleanor entreabriu a boca. Ele não resistiu à irresistível tentação do hálito quente e úmido e beijou-a. Os lábios dela eram doces e tinham sabor de vinho. Brandon estremeceu.

Ah, como a desejava!

Ele reuniu coragem e afastou-se. Prometera que seria apenas um toque, e aquele local era completamente inadequado para qualquer outro carinho.

Eles se fitaram, muito próximos um do outro, e um intenso calor envolveu-os. O olhar brilhante de Eleanor se ocultava sob as pálpebras semicerradas. Interromper o beijo não agradou a nenhum dos dois.

— Desculpe-me. Eu deveria ter mais controle — Brandon declarou.

Eleanor passou a língua nos lábios.

— Não se preocupe. Eu não me aborreci.

De dentro, escutaram uma nova valsa que se iniciava. Brandon disse a si mesmo que depois daquela música, pensaria na perna.

— Dance comigo mais uma vez, Eleanor. — Ele apertou-lhe a mão.

Eleanor negou com um gesto de cabeça.

— Não posso.

— Por quê?

— Você sabe. O que as pessoas diriam?

— E isso lhe importa?

— Claro! — Ela desvencilhou a mão.

— Mentirosa. — Brandon inclinou-se e roçou os lábios no lóbulo da orelha de Eleanor.

Ela estremeceu.

— O que foi que disse?

— Se você se importasse com a opinião dos outros, teria impedido minha presença na sua casa.

— Tentei fazer com que papai o mandasse embora, mas não adiantou.

Brandon riu. Na certa, Eleanor não tentara com muito empenho.

— Vamos dançar e não se importe com o que possam dizer. Esta é a sua casa. Você pode dançar com quem quiser.

Brandon tentou afastá-la da balaustrada. Em vão.

— Será nossa terceira música — ela argumentava — e você não dançou com mais ninguém. Dará a impressão de que temos um compromisso.

Brandon encarou-a. Seria tão difícil entender?

— Não dancei com ninguém, pois pretendo declarar minhas intenções.

Eleanor arregalou os olhos, e ele Brandon pensou em duas enormes águas-marinhas.

— Eu...

— Não diga nada, Eleanor. Apenas uma vez atire a respeitabilidade ao vento e satisfaça a minha vontade. Faz muito tempo que não mexo os pés num salão de dança. — Brandon empregava chantagem emocional apenas em última instância.

Eleanor poderia ter-se recusado, mas não o fez. Ela queria muito permanecer nos braços de Brandon. Ele a conduziu até o centro do salão para dançar a terceira valsa. Na manhã seguinte, todos saberiam que Brandon Ryland pretendia casar-se com Eleanor Durbane e que ela consentiria.

Tarde da noite, após o término do baile, Eleanor estava deitada na cama, pensando

em Brandon e no que havia acontecido.

A brisa entrava pelas janelas e balançava as cortinas. Logo amanheceria.

Considerou-se satisfeita. As irmãs trataram Brandon com cortesia, embora o tivessem feito apenas a seu pedido.

Brandon lhe dispensara a máxima atenção, e as três valsas fizeram todos, inclusive ela, pressupor o que ele planejava. Torná-la sua esposa.

Era mesmo inacreditável, depois de tudo o que acontecera entre ambos havia dez anos! Brandon ainda não havia feito o pedido oficial, mas Eleanor tinha certeza de que ele o faria sem demora. A intenção não era fazê-la esperar só por havê-lo rejeitado naquela época. Seria muita crueldade. A hesitação poderia ser o receio de ela não o aceitar mais uma vez.

Brandon não entendera que os beijos e o comportamento mais livre de Eleanor eram um indício de concordância?

Era evidente que ele a respeitava e por isso mesmo não a havia seduzido quando ela era mais jovem. Mesmo sem nada ter dito, ele deixara claro que pretendia torná-la sua esposa.

Porém Eleanor queria mais do que intenções. Tinha trinta e dois anos e estava cansada de sentir-se frustrada e insatisfeita. De acordo com Fanny Carson, Brandon sabia satisfazer uma mulher, e Eleanor pretendia ser a única mulher a usufruir as atenções dele.

Acima de tudo, ela desejava fidelidade, mesmo sem a certeza de ser amor o que sentia por Brandon. Se o amor estivera latente, desabrocharia com exuberância quando se casassem. Apesar de sua incerteza, queria que ele a amasse. Não obstante seu passado dissoluto, Brandon era um homem leal aos amigos e à família. Amava de maneira intensa e perseguia os objetivos com tenacidade.

Eleanor lembrou-se do acidente que vitimara o pai dele. Brandon havia quebrado a perna em vários lugares. O médico não dera esperanças de sobrevivência, mas ele se recuperara depois de muito sofrimento e uma grave febre. Brandon tinha vontade férrea e, se quisesse, poderia mover montanhas.

Eleanor pensou em ir até os aposentos dele, pois ninguém ficaria sabendo. Brandon estaria dormindo? Ou, acordado como ela, desejaria que o tempo na estufa houvesse se prolongado? Se não fosse o jantar, teriam feito amor lá mesmo.

Uma batida suave na porta interrompeu-lhe os escandalosos pensamentos. Tremendo de excitação, pois poderia ser Brandon, Eleanor saiu da cama e abriu a porta.

Era Lydia.

Trazia um xale amarrado nos ombros e um castiçal.

— Não precisa ficar tão desapontada, Ellie. — Lydia entrou. — Estava esperando alguém?

— Claro que não. — Eleanor apenas tivera esperança de que fosse Brandon. — E muito tarde. O que houve?

Sua irmã parecia tensa.

— Preciso falar-lhe. Eu já deveria ter desabafado há tempos. Eleanor achou melhor fingir ignorância. De nada adiantaria Lydia saber que havia condenado a própria irmã à infelicidade. Afinal, ela não soubera que Eleanor e Brandon tinham assumido um compromisso. Seria possível que Lydia soubesse?

— Vamos nos sentar— Eleanor sugeriu, apontando a cama.

Pareciam ter voltado ao cenário da infância. As duas de camisola e Lydia pedindo conselhos tarde da noite. Infelizmente, porém, não eram mais duas meninas.

— Prefiro ficar em pé. — Lydia, descalça, andava de um lado para outro sem parar.

— Lyddie, vai abrir um buraco no tapete. Fale, o que houve? Apesar da expressão sombria e da postura tensa da irmã, Eleanor não pôde deixar de pensar se tudo não tinha sido ensaiado. Seria possível que Lydia estivesse fingindo?

— E sobre lorde Creed — Lydia disse em voz baixa.

Eleanor estivera certa. Só não entendia a escolha do momento para confissões. Afinal, Lydia mantivera silêncio por tantos anos... Talvez na época achasse mais conveniente não falar, pois Eleanor e Brandon haviam rompido. Era possível que agora duvidasse da sinceridade de Brandon e resolvesse adverti-la. Ou podia ser que Lydia estivesse com ciúme e não admitisse o retorno de Brandon para Eleanor.

— O que há com lorde Creed? — Eleanor demonstrou tranquilidade.

— Ah, Eleanor! — Com aparência angustiada, Lydia caiu de joelhos diante da irmã. — Eu sinto muito...

Eleanor arqueou as sobrancelhas. O espetáculo era constrangedor. Ou Lydia estava realmente angustiada, ou se tratava de uma farsa bem representada.

Eleanor acariciou a cabeça da irmã, sem saber que atitude tomar.

— Sente o que, minha querida? — Ela esperara uma década pela confissão e estava disposta a consegui-la.

— Tem de acreditar em mim! — Lydia ergueu o rosto contorcido pelo sofrimento. — Eu não sabia do compromisso!

Ah, que Deus a perdoasse!

— Que compromisso? Do que está falando?

— Você vai me odiar, com certeza!

— Isso jamais acontecerá. — Tratava-se de sua irmã, apesar de tudo.

— Procure entender — disse Lydia.—Eu era muito infeliz no casamento. Brandon era muito atencioso e encantador.

— Não precisa se desculpar, Lydia. O que houve?

— Eu só queria avisá-la para não ignorar a espécie de homem que ele é.

Eleanor sabia muito bem.

— Continue — pediu. Lydia começou a soluçar.

— Brandon me seduziu!

Eleanor acariciou os cabelos da irmã e olhou pela janela aberta. Lydia parecia sincera em meio a tantas palavras falsas. Talvez estivesse arrependida ou pensasse em si mesma como vítima.

Ora, mesmo se aquilo fosse verdade, Eleanor vira o suficiente para saber que a sedução tinha agradado a Lydia.

Existia a possibilidade de não apreciar o papel de irmã malvada e receasse o ódio de Eleanor. O melhor seria esclarecer tudo.

— Lydia, querida. Não se aborreça tanto. Eu sei o que houve.

— Sabe?

Eleanor concordou com um gesto lento de cabeça.

— Sei. Brandon me contou. — Nova mentira.

— Contou?

Eleanor teve de morder a parte interna da bochecha para não rir e recriminou a si mesma por tanta maldade. O pior era gostar do estado de confusão de Lydia. Passou novamente a mão na cabeça da irmã.

— Brandon confessou tudo depois de termos feito as pazes. Eu sabia que ele tinha estado com uma mulher. Por isso o rejeitei. E Brandon confessou para que não houvesse mais dúvidas entre nós. É horrível o que a bebida pode fazer a um homem, não é mesmo?

Lydia levantou-se.

— Bebida?

Talvez Eleanor tivesse exagerado, mas não havia volta.

— Brandon me contou que estava bêbado naquela noite. Sei que isso é um consolo pequeno, mas esteja certa, ele Brandon jamais teria feito aquilo se estivesse sóbrio.

Lydia emudeceu.

Eleanor tratou de afastar o sentimento de culpa. Se sua irmã estivesse sendo sincera, a confissão a faria sentir-se menos angustiada e a ajudaria a perdoar Brandon. Se estivesse mentindo, ficara sabendo que Eleanor acreditava na versão de Brandon.

E era a mais pura verdade. Eleanor acreditava muito mais em Brandon do que em Lydia.

Eleanor levantou-se.

— Para mim, Lydia, é muito importante que você tenha encontrado coragem para confessar. Mas está na hora de esquecermos tudo isso. Passado é passado. Se quiser fazer as pazes com alguém, terá de ser com Brandon.

Lydia também levantou-se. O ódio presente em seu olhar era inequívoco e intenso. Eleanor recuou, assustada. O impasse durou alguns segundos e Lydia voltou a mostrar-se pesarosa.

— Tem razão. Obrigada, Eleanor. Sinto-me melhor agora. Eleanor abraçou a irmã pelos ombros e a conduziu até a porta.

— Fico satisfeita. Agora vá dormir e não se aborreça mais. Está bem?

Lydia anuiu e foi embora. Eleanor fechou a porta e voltou para a cama. Apesar de imersa num redemoinho, ela estava feliz.

E o coração a avisou para não acreditar na irmã, e sim em Brandon.

Capítulo VI

Na manhã seguinte, às onze e meia, Brandon desceu para o café da manhã sentindo-se feliz como nunca. Sorridente e barbeado, nem mesmo deu atenção ao latejar na perna. O dia manhã lhe pareceu maravilhoso, apesar de nublado.

A maioria dos convidados ainda dormia, pois o baile terminara às cinco horas.

Birch estava presente na sala de almoço e fitou Brandon como quem reconhecia a superioridade do rival, porém decidido a lutar.

Arabella e o marido, Henry, que também se encontravam sentados, acenaram boas-vindas. Brandon cumprimentou os três companheiros e, com fome, foi até o bufê onde o aroma era convidativo. Havia ovos cozidos, presunto, salsichas, pão, arengue defumado, frutas e geléia.

— Café, Creed? — Henry perguntou-lhe.

— Por favor. — Brandon aceitou, sentando-se. Quando Eleanor entrou, ele terminara de comer e tomava a segunda xícara de café. Pálida e com olheiras, parecia não ter dormido à noite. Brandon rezou para que não fosse por sua causa.

Na certa, havia sido repreendida pelas irmãs por dançar demais com ele, ou algum dos convidados poderia tê-la ofendido, ou ela talvez tivesse decidido mais uma vez rejeitá-lo.

Eleanor cumprimentou a todos com um sorriso forçado e sentou-se em frente a Arabella, à direita de Brandon. Acomodar-se ao lado dele serviria para aumentar os boatos, depois de ambos terem dançado três valsas na noite passada. Ou ela sugeria gostar dele, ou não se importava com o que os outros diriam.

— Dormiu bem, lady Eleanor? — Brandon perguntou. Ela virou-se com fisionomia cansada e triste.

— Obrigada por perguntar, lorde Creed. Creio que a agitação da noite me manteve acordada por muito tempo.

Brandon tomou o café pensando que teria de falar com Eleanor a sós. Mas como?

Mais convidados foram chegando e, depois de algum tempo, Eleanor desculpou-se, alegando que iria fazer um passeio. Brandon esperou um pouco e também saiu.

A suposição dele estava correta. Eleanor o aguardava na estufa.

— O que aconteceu? — Brandon perguntou. Ela esfregou a nuca.

— Diga-me que não seduziu minha irmã.

Não era o que ele esperava, mas também não foi uma surpresa.

— O que houve, Eleanor? Por que a pergunta?

— Lydia foi ao meu quarto de madrugada.

Brandon deveria ter desconfiado que Lydia causaria problemas. Mulheres infelizes querem a infelicidade de outras.

— E disse que eu a seduzi? Eleanor anuiu.

Era bem provável ela ter acreditado na irmã.

— E quando foi que teria acontecido a alegada sedução? — ele quis saber.

— Naquela noite.

— Há dez anos?

Eleanor tornou a anuir. Por um momento, Brandon pensou em permitir-lhe acreditar nas palavras de Lydia, para impedi-la de sofrer.

Qual seria a verdade? Ele não se considerava capaz de ter cometido uma insanidade daquelas. Mas quase nada se lembrava naquela noite em decorrência da embriaguez.

— Eu já lhe disse que a confundi e pouco ou quase nada me recordo do que houve.

Eleanor cruzou os braços, num gesto instintivo de proteção.

— Ela afirmou que você foi muito atencioso.

Ah, então Lydia pretendia fazer Eleanor acreditar que havia sido mais vezes, e não apenas uma noite.

— Nunca me interessei por Lydia. Nem antes e muito menos agora.

A esperança na fisionomia de Eleanor era de cortar o coração.

— Então, você não teve um *affair* com ela?

— Eu já não lhe disse que tal fato nunca me passou pela cabeça?

Eleanor entendia, mas custava-lhe a não acreditar em Lydia, sua irmã. Brandon lembrou-se de Wynthrope, que costumava mentir e muitas vezes para esconder o passado. Nem por isso, porém, deixara de gostar do irmão.

— Eleanor, o que lhe diz seu coração?

— Lydia é minha irmã. — Os olhos estavam marejados de lágrimas. — Porém meu coração diz para eu acreditar em você. Ele está errado?

— Eleanor...

Ela ergueu a mão para impedi-lo de falar.

— Não me importo se você tem sido desonesto ou não. Eu lhe imploro para me dizer a verdade e jamais tornarei a importuná-lo com perguntas.

Brandon segurou-a pelos ombros.

— Não tive nenhum caso com sua irmã. Não sei o que houve, mas aconteceu uma única vez, naquela noite nebulosa. E foi Lydia quem me procurou. Se eu estivesse sóbrio, nada teria acontecido. Infelizmente, não foi o que ocorreu e terei de conviver com isso.

Não lhe restavam argumentos. Não tinha defesa nem provas. Ou Eleanor acreditava, ou não.

Ela virou o rosto. Nunca parecera tão frágil.

— Lydia mentiu para mim — Eleanor sussurrou. — Por que ela fez isso?

— Não sei. — Brandon não pensou em enunciar nenhum dos motivos que lhe ocorriam.

— Pode ser que Lydia se veja no papel de vítima e queira me proteger para eu não sofrer de novo. — Mais uma vez a esperança de Eleanor foi comovente.

— É possível.

— Ou ela não suporta ver a felicidade dos outros porque a sua vida é infeliz. — Eleanor abaixou os ombros.

— Também é uma hipótese. — Brandon procurou manter a neutralidade.

— Minha irmã procurou reatar o relacionamento? — Eleanor encarou-o, sombria.

Ele lhe prometera honestidade.

— Suspeita dela por ciúme?

— Não sei. — Eleanor suspirou. — Não quero desconfiar de Lydia. Mas o meu coração me diz que você é confiável.

Ela não conhecera as durezas da vida, exceto a traição dele. E teria de aceitar a deslealdade da irmã.

— Sinto muito, Eleanor.

— Por quê?

— Por minha participação nesse embate. Se naquela noite eu estivesse em meu juízo perfeito, nada disso teria acontecido.

— Obrigada. — O sorriso de Eleanor foi triste. Depois de alguns instantes de silêncio, ela recuou. Teria a interferência de Lydia destruído a oportunidade de eles serem felizes?

— Eleanor, você me pediu para ser sincero, e agora eu lhe peço o mesmo.

— Claro.

Brandon aproximou-se.

— Ainda tenho uma chance de conquistá-la, Eleanor Durbane? Ou devo desistir e voltar para Londres?

Um leve tom rosado substituiu a palidez de Eleanor. A alegria tomou o lugar do medo. Por um instante, Brandon pensou que ela o rejeitaria.

— Não. Não volte para Londres. — A aceitação era visível em seu olhar.

Eleanor atirou-se nos braços de Brandon e escondeu o rosto no ombro dele, como uma criança à procura de consolo. Brandon aconchegou-a e fechou os olhos em uma prece de agradecimento.

— Estamos convivendo há apenas uma quinzena. Não será pouco tempo para nos sentirmos tão ansiosos? — ela perguntou.

Por que Eleanor sempre questionava os fatos em vez de aceitá-los de maneira simples?

— Eleanor, nós dois sentimos falta um do outro durante esse tempo todo. Eu sinto a sua fragrância no ar que respiro. Nos meus sonhos, você é uma presença constante. Meu coração nunca a esqueceu.

Ela fitou-o com o olhar brilhante pelas lágrimas que marejavam seus olhos. Acariciou-lhe a face, e Brandon admitiu que nunca sentira tanta leveza.

— Nem o meu, Brandon. Ele pressionou os lábios contra os de Eleanor, com o coração disparado de alegria e desejo. Brandon prometeu a si mesmo que ela seria sua para sempre. Se dependesse dele, jamais a deixaria e a cortejaria, para que todos soubessem de suas intenções. E falaria com lorde Burrough, quando Eleanor tivesse certeza de que desejava aceitá-lo como marido. Tudo daria certo. Apenas Eleanor poderia impedir o curso dos acontecimentos.

Eles voltaram da estufa e Eleanor subiu para o quarto. A conversa ordenara seus pensamentos confusos e não havia como duvidar da verdade. Confiava em Brandon. Era possível que ele estivesse certo. Lydia havia se convencido da própria versão dos fatos e a dera como verdadeira.

Ou, então, sua irmã pensava apenas em protegê-la de um homem a quem não conferia qualidades.

O que também não faria diferença. O importante era que Brandon e Eleanor se entendiam e gostavam um do outro. Eleanor estava convencida de que os sentimentos tinham ficado apenas abafados durante aquele tempo todo, ocultos pela raiva, pelo sofrimento, e por isso afloraram tão rapidamente.

Era estranho imaginar como as emoções não haviam sido extintas em uma década. Afinal, ela era filha de um conde e pretendentes não lhe faltaram. Mas Eleanor nunca experimentara por nenhum deles o desejo que sentia por Brandon.

Talvez fossem as falhas dele que o tornavam atraente. Ou melhor, o fato de Brandon se propor a superá-las com determinação. Inteligente e sincero, ele era um apoio seguro para todas as horas. Brandon entendia que a verdade era necessária, embora nem sempre fosse agradável.

Ele tinha enfrentado uma tremenda batalha e vencido. As leituras de Eleanor a convenceram das dificuldades em deixar o vício da bebida. Muitas vezes o corpo e a mente se rebelavam contra a abstinência. As pessoas enxergavam coisas inexistentes e eram tomadas de terríveis tremores. Sentia o coração apertado ao pensar que Brandon podia ter passado por aquele processo. E enfrentara tudo sozinho.

Se eles não houvessem rompido, Eleanor poderia tê-lo ajudado naqueles períodos difíceis. Mesmo assim, Brandon vencera a batalha pessoal. Tinha se tornado um homem melhor.

E imaginar que, quinze dias antes, ela se preparara para expulsá-lo de sua casa! Brandon tinha vindo para provar que mudara e conseguira seu objetivo. Eleanor havia testemunhado como ele resistira à tentação dos que lhe ofereciam bebidas e o vira triunfar. Brandon não tinha se interessado por nenhuma mulher presente ao evento, nem mesmo por aquelas que o assediavam... como Lydia.

O relato de Lydia só viera reforçar a explicação de Brandon de ele ter pensado tratar-se de Eleanor naquela noite. Apesar do sofrimento, o triste episódio era passível de ser entendido. A ferida começava a cicatrizar e seria preciso esquecer o passado e concentrar-se no futuro. Durante muito tempo Eleanor pensara apenas no porvir ao lado do pai e das irmãs, de quem sempre havia cuidado como se fosse mãe. Estava na hora de refletir sobre si mesma. Era uma situação que nunca lhe ocorrera.

Ela desejava estar ao lado de Brandon e ansiava por suas carícias e beijos. Queria seu companheirismo e partilhar a vida com ele. Se ainda não o amava, isso não demoraria a acontecer. Nem podia imaginar outra mulher ao lado de Brandon para o resto da vida, pois a raiva a consumiria.

Estava decidida a agir para que ele fosse seu e de ninguém mais. Sabia o que teria

de fazer e precisava apenas de um pouco de coragem. Teria de provar a Brandon que o desejava e forçá-lo a admitir os sentimentos por ela. Aquele talvez fosse o sinal que ele estava aguardando.

Ainda era cedo. O plano teria de aguardar até a noite. Eleanor deitou-se na cama e fechou os olhos. Adormeceu, segura de que, antes do final da semana, estaria noiva de Brandon Ryland.

— Ellie, podemos conversar? — Arabella parecia preocupada. O que não era usual.

Eleanor esperava que não se tratasse de mais um episódio da pseudo-sedução de Lydia.

— Sem dúvida, minha querida.

Após o jantar, os convidados haviam se reunido no salão e as conversas se sucediam animadas. A um canto, lady Dumont providenciava um jogo de cartas. Em outro, lorde Merrott entretinha os homens com relatos de caçadas. Dois cavalheiros jogavam xadrez. Algumas damas andavam de um lado para outro, tagarelando sobre trivialidades. Locke tomava um drinque, solitário. Liam-se histórias para quem quisesse escutar. Anedotas picantes provocavam gargalhadas.

Ninguém notou que Eleanor e Arabella se afastavam do ambiente festivo. Como chovia, não puderam sair. Dirigiram-se à sala íntima que a mãe costumava ocupar. Era um local onde não seriam interrompidos, a não ser que fosse por uma das irmãs.

— Do que se trata, Belle? — Eleanor perguntou depois de fechar a porta.

Arabella sentou-se em uma poltrona, torcendo as mãos.

— Eleanor, não pense que sou intrometida. — Arabella estava anormalmente sombria.

— As irmãs têm esse direito. — Eleanor sorriu sem vontade.

Deus não haveria de permitir que Arabella confessasse ter dormido com Brandon!

— Belle, por favor, diga logo o que houve. — Eleanor não seria capaz de perdoar mais uma traição.

— Tive uma conversa muito séria com Lydia ontem à noite.

— A respeito de lorde Creed?

— Sim. — Arabella surpreendeu-se. — Por quê?

— Ela falou também comigo.

— Verdade? — Arabella arqueou as sobrancelhas.

— Sim. — Eleanor sentiu um gosto amargo na boca. De nada adiantara guardar o segredo durante tantos anos? Todos estavam a par do ocorrido. — Lydia lhe contou que foi seduzida por lorde Creed?

— Isso mesmo. — Arabella enrubesceu.

— Acreditou nela?

— Claro. É minha irmã.

— Apesar de Lydia também ser minha irmã, não creio que ela e Brandon tiveram um caso.

Arabella suspirou.

— Lorde Creed deixou você cega, Ellie.

— Não, Belle. Lydia é quem a está enganando.

Lydia era esperta. Sabia que Eleanor acreditaria em Arabella.

— Querida, sei que é difícil de aceitar e... Eleanor ergueu a mão.

— Não há nada para ser ou não aceito. Eu acredito na versão de Brandon. Ponto final.

— Lydia faz parte da família. Por que mentiria para nós?

— Não sei. Pergunte a ela.

— Eleanor, por que teima em confiar nesse homem? Há um mês nem queria ouvir falar no nome dele.

— Há um mês eu concordaria com o que está me dizendo.

— Não entendo. Lydia não lhe confessou o caso ontem à noite?

— Sim, mas eu já sabia.

— Por isso se recusou a casar com Brandon!

— É verdade. Eu os encontrei juntos.

— Ah, Ellie! Que horror!

— Foi mesmo.

— E como pode acreditar nele depois de testemunhar a realidade com os seus próprios olhos? — Arabella não se conformava.

— O que vi foi diferente do que Lydia contou a nós duas. Brandon admitiu estar embriagado quando Lydia foi procurá-lo. Foi na noite em que ele me fez a proposta. Belle, Brandon pensou que fosse eu!

— Não pode ser. — Arabella sacudiu a cabeça. — Ele está mentindo!

— A versão de Brandon faz mais sentido que a de Lydia. Ela afirma que na época não sabia do nosso comprometimento. Era uma mulher infeliz procurando por algo que não encontrava com o marido.

— Não posso acreditar nisso.

— Arabella, Lydia esperou dez anos para confessar. Por que ela não disse tudo antes? Com paciência, esperou Brandon voltar à minha vida para então falar. Desde que ele veio para esta *house party*, Lydia só teve uma preocupação: eu não deveria perdôá-lo. Por quê? Por que ela esperou Brandon dançar comigo três vezes em uma demonstração pública das suas intenções?

— Por que Lydia não queria lhe causar aborrecimentos nem vê-la casada com um homem que a fez sofrer.

— Só porque Brandon se deitou com Lydia não quer dizer que ele pretenda me fazer sofrer!

— Ele traiu a promessa que lhe fez! — Eu já lhe disse que Brandon confundiu Lydia, pensando que fosse eu. Ele estava embriagado. Nem mesmo se lembra do que aconteceu.

— Conveniente demais, não acha?

— Se Brandon não se importasse comigo naquela época, não estaria aqui agora. Nem tentaria provar com tanto empenho que mudou.

Arabella ficou pensativa e suspirou.

— Não vou conseguir dissuadi-la, não é mesmo? Eleanor negou com um gesto de cabeça.

— Não.

— Acho terrível que prefira acreditar nele a aceitar as palavras de Lydia. Não leu o livro de Fanny Carson? Não viu do que ele é capaz?

— Li e entendi. Também sei que Lydia esperava que nós duas tivéssemos essa conversa. Não tenho dúvida de que ela a procurou logo depois de falar comigo.

— Essa é uma acusação terrível, Ellie.

— Faltavam quinze minutos para as seis quando Lydia foi ao meu quarto. Quando ela foi procurar você?

Arabella engoliu em seco.

— Às seis e quinze.

Nada mais havia para ser dito. Por alguns minutos as duas se entreolharam com tristeza.

— Belle, Brandon foi muito franco comigo e lamenta o que aconteceu. Não tenho motivo para duvidar dele. A menos que Lydia tenha dado a você razões para acreditar que o caso deles continuou.

— Não, claro que não. Ellie, não me agrada pensar que Lydia tentará lhe causar problemas.

— Também não gosto de pensar nisso. Prefiro crer que ela está convencida de que Brandon não me merece e não deseja que eu cometa um erro. Qualquer outra coisa será muito dolorosa de acreditar.

As duas irmãs conversaram durante algum tempo antes de voltar à sala de estar. Eleanor notou de imediato a ausência de Lydia.

Do outro lado, Brandon procurou-a com o olhar. Eleanor sentiu-se arrepiada com a intensidade da emoção transmitida. Em poucas horas, ela executaria o plano.

Antes do amanhecer, Brandon lhe pertenceria.

O corredor estava em silêncio. Os candelabros nas paredes iluminavam apenas o suficiente para que os convidados pudessem orientar-se. Eleanor deixou seu quarto e, mesmo no escuro, não se perderia.

Os aposentos de Brandon situavam-se na extremidade da ala leste, a dos convidados. Os aposentos familiares ficavam a oeste. Eleanor caminhou na ponta dos pés, procurando fazer com que as tábuas do assoalho não rangessem.

Não bateu na porta para evitar que ouvidos estranhos a escutassem. O coração disparava em seu peito. Se a encontrassem, estaria arruinada para sempre. Brandon se sentiria obrigado a desposá-la. E ela nunca saberia se o pedido havia sido feito por amor ou por falta de alternativa.

Eleanor estremeceu com o ruído da maçaneta que se abria. Apesar de insignificante, na casa deserta pareceu o ruído de uma tampa de piano que despencava. Ela abriu a porta, entrou depressa, fechou-a e encostou-se na madeira grossa de carvalho. Inspirou fundo para acalmar coração e pulmões. Os únicos sons audíveis eram a respiração de

Brandon e um ressonar ocasional.

Na penumbra, só se enxergavam o contorno dos móveis. Pé ante pé, Eleanor foi até a cama. Brandon dormia. Sozinho.

A apreensão era absurda. Por que ele não deveria estar sozinho?

Apavorada, pensou no que aconteceria se Brandon acordasse. Mas, afinal, não tinha sido para isso que viera?

Sentou-se na cama e apoiou a mão no braço que estava sobre o acolchoado. Musculoso, quente e suave.

Fascinada, Eleanor continuou a exploração.

A musculatura do ombro era tão firme quanto os ossos. Ela acariciou-lhe a omoplata, o pescoço, a face e os cabelos.

Brandon mexeu-se.

Assustada, Eleanor tirou a mão, mas ele agarrou-lhe o pulso.

— Eleanor?

— Sou eu.

Brandon apoiou-se no cotovelo.

— Mas... o que está fazendo aqui? — A voz ainda estava rouca de sono.

Ela estremeceu.

— Não lhe parece óbvio? — Eleanor sussurrou, sedutora. — Estou planejando seduzi-lo.

Brandon piscou, sem acreditar no que ouvia.

— Planeja fazer o quê?

— Seduzi-lo. — A confiança de Eleanor evaporava. Por que ele fazia perguntas?

Brandon sentou-se. Os lençóis deslizaram e deixaram-no desnudo da cintura para cima. Ele passou a mão no rosto.

— Eleanor, não deveria estar aqui. Se nos encontrarem, estará perdida.

Ela não escutava, fascinada pelo peito de Brandon. Quando o tinha visto sem roupas junto com Lydia, o choque *não* lhe permitira apreciar a imagem. Agora estava próxima e a lua era generosa. Foi possível analisar cada centímetro daquele corpo escultural.

A pele era bronzeada. Os músculos do peito e braços deixaram-na fascinada. Os pêlos escuros formavam um contorno natural para as colinas e vales do tronco e estômago. Como seria acariciar tudo aquilo?

Brandon olhou para si mesmo e depois a fitou, como se desculpando pela nudez.

— Sei que tenho o físico de um trabalhador. De alguma forma preciso compensar o ferimento.

— Você parece um deus grego — Eleanor murmurou. — Michelangelo ficaria inspirado ao vê-lo.

Ele não pode deixar de rir.

— Duvido um pouco, mas obrigado de qualquer forma. Eleanor, pare de me olhar dessa forma.

— Por quê? — Ela fez menção de alcançar-lhe o estômago. Brandon segurou-lhe o

pulso.

— Porque estou me controlando ao máximo para não beijá-la.

Corajosa, Eleanor fitou-o.

— Brandon, estou ficando cansada desse seu controle. Quero que me abrace e me beije. Solte minha mão e deixe-me acariciá-lo.

Ele não a soltou. Inclinou-se para a frente e Eleanor sentiu o calor e a fragrância de sândalo.

— Não quero me aproveitar da sua pureza, Eleanor. Ela estremeceu.

— Você é um convidado na minha casa. Para todos os efeitos, eu é que me aproveitarei de você, se me permitir, é claro.

Brandon não achou graça na provocação.

— Se encostar um dedo em mim, não ficarei satisfeito enquanto não fizermos amor — ele preveniu-a com seriedade.

Eleanor sorriu e acariciou-lhe a face.

— Meu querido Brandon. Eu também não ficarei satisfeita enquanto não fizermos amor.

Ele beijou-a. Eleanor entreabriu os lábios e gemeu. Com a língua ávida, Brandon procurava desvendar-lhe os mistérios da boca. Ela sentia o coração tresloucado batendo no peito e um tremor percorrer-lhe a espinha dorsal.

Brandon estendeu-se na cama. Eleanor, sobre ele e sem interromper o beijo, deliciava-se com o calor das mãos de Brandon que atravessava o tecido fino da camisola e do penhoar. Delicadamente, ele passou as mãos na frente de Eleanor e desamarrou a fita de cetim que prendia o robe. Ela afastou o torso e permitiu que Brandon completasse a tarefa, tirando-lhe a peça pelos ombros e braços.

Eleanor sentiu a brisa fria da noite nas costas. Brandon sentou-se na cama e puxou a camisola para cima.

As incertezas de Eleanor se apagaram. Brandon a admirava como se ela fosse uma deusa. Mesmo que seu corpo não fosse perfeito, nessa noite ele seria, pelo menos aos olhos de Brandon Eyland.

— Muitas vezes imaginei este momento — Brandon confessou *com voz rouca*. — Nem mesmo tenho certeza se tudo é real.

As palavras dele tocaram o coração de Eleanor. Devagar, ela tirou a fita dos cabelos, que despencaram como uma cascata. Queria sentir neles as mãos de Brandon. A apreciação dele trazia-lhe coragem.

— Toque em mim — Eleanor sussurrou. — Constate que não faço parte de nenhum sonho.

Com extrema leveza, Brandon acariciou-lhe os braços e o pescoço. Segurou-lhe o queixo e tornou a beijá-la. Com excessivo comedimento sob o ponto de vista de Eleanor. Ela queria paixão e precisava que Brandon demonstrasse toda a força de seu desejo, pois pretendia retribuir em igual medida. Desesperada, agarrou-se nos ombros dele e puxou-o para mais perto. Brandon beijou-lhe o pescoço. A seguir, com os lábios e a língua, percorreu uma trilha pelos ombros e colo. Eleanor sentia a respiração cada vez mais difícil, à medida que os beijos se tornavam mais ousados.

Brandon tornou a beijar-lhe os lábios. Depois, outra vez o queixo, o pescoço e os

ombros. Eleanor acariciava-lhe as costas entre meneios felinos. Os carinhos dele a fizeram pensar no paraíso. Sem nunca ter experimentado o amor físico, não ignorava o que se passava entre um homem e uma mulher. Mas jamais imaginara o prazer das sensações que ora a acometiam.

Estavam deitados lado a lado e Eleanor se perguntava o que teriam de fazer. Conversar? Sair da cama? Ou ao menos se vestir? Brandon antecipou-se e evitou-lhe uma decisão indevida. Abraçou-a. Eleanor aconchegou-se no corpo suado e teve certeza de que nada melhor havia no mundo.

Olhando-a intensamente, ele afastou-lhe os cabelos do rosto. Eleanor imaginou como estaria desgrenhada, mas refletiu que valera a pena. Com sono, deixou o problema dos cabelos para depois. Aninhou-se com mais conforto e adormeceu.

Brandon permaneceu acordado, o que era totalmente fora de seu padrão. Abraçando Eleanor, admirou-se como ela era cálida e suave. Os cabelos perfumados e a pele sedosa completavam o encanto. A respiração tranqüila de Eleanor era interrompida de vez em quando por um ressonar mais forte.

O contentamento dominou-o. Poderia ficar eternamente com ela nos braços. A noite manteria o segredo e a segurança deles.

Ah, se isso fosse possível!

Brandon nunca sentira satisfação tão completa. Poderia jurar que ambos tinham sido feitos um para o outro. Nem mesmo teve coragem de acordá-la para Eleanor voltar ao seu próprio quarto. Era uma sensação divina ficar abraçado com ela.

Seus desejos mais profundos começavam a tornar-se realidade. Eleanor estava a seu lado, acreditava nele e o desejava. Após haver-lhe entregado a inocência, ela lhe concederia o coração?

Como havia muito não acontecia, Brandon sentiu a necessidade de incendiar-se uma vez mais. Receou acordar Eleanor. Além do mais, uma donzela por certo demorava a recuperar-se.

Eleanor, de costas para ele, acomodou-se melhor.

— Será que é o que estou pensando? — ela perguntou, sonolenta.

Brandon acariciou-lhe o estômago.

— Sem dúvida. Mas não se incomode. Vai passar. Eleanor insinuou-se com outras intenções.

— Vai me despedir tão depressa, Brandon? Quanta rudeza...

— Nunca mais diga isso, querida. Eu jamais a mandaria embora.

— Mil perdões, Brandon.

— Está perdoada.

Ele refletiu que Eleanor se tornaria uma excelente mãe. Melhor do que a dele próprio e a quem tão pouco conhecera. A maior parte de sua infância tinha sido passada entre ensinamentos de como se tornar um futuro visconde.

— Jamais conheci mulher tão maravilhosa e perfeita — Brandon sussurrou.

O sorriso dela foi sedutor.

— Ninguém é perfeito, Brandon, embora eu seja tentada a dizer que estou vendo uma imagem que se aproxima da perfeição.

Ele sentiu um nó na garganta. Eleanor ainda não vira sua perna, mas o instinto lhe dizia que ela não daria importância à imperfeição. Provavelmente, se comoveria com a dor que não o abandonava, porém não sentiria repulsa.

— Para mim, lady Eleanor Durbane é incomparável.

— Isso me faz supor que somos belos um para o outro.

Deus, ela acabaria por matá-lo! Eleanor poderia imaginar a esperança e a ternura contidas naquela afirmativa? Brandon sentiu um aperto no coração.

— É. Pode ser.

Beijou-a e mais uma vez deliciou-se com o calor daqueles lábios voluptuosos. O amor deles foi ainda mais intenso e apaixonado.

Brandon refletiu sobre a possibilidade de Eleanor ficar grávida. Não tinha lhe ocorrido trazer uma proteção, mas, na verdade, não imaginara que chegariam a fazer amor. O estranho era a idéia de um filho com Eleanor não o aborrecer em absoluto. Emocionou-se ao refletir sobre uma família e Eleanor ser mãe de seus filhos. Também teve certeza de que mataria quem ousasse encostar um dedo nela depois do que acabava de acontecer entre ambos. Poderia ser Birch, Locke ou outro qualquer.

Bem mais tarde, encontraram forças para falar. Eleanor estava com a cabeça entre o queixo e o ombro de Brandon, que lhe acariciava os cabelos sedosos. Admitiu que teria de ajudá-la a desembaraçá-los.

— Acho que estou com câimbra nos quadris — ela murmurou, esticando as pernas.

Na certa, eram os excessos a que haviam se entregado. Brandon segurou-a pela cintura, deitou-a de lado e massageou-lhe os músculos doloridos até Eleanor garantir que se sentia bem melhor.

Ele trouxe a bacia com água e um pano. Primeiro lavou Eleanor, que tentou recusar as atenções, mas Brandon não lhe deu ouvidos e prosseguiu. Depois, lavou a si mesmo, voltou para a cama e tomou-a outra vez nos braços.

— Preciso voltar para o meu quarto — Eleanor lembrou-o.

— Eu sei.

Brandon não gostaria de deixá-la ir, mas era inevitável. Não deveriam descobrir o que acontecera entre eles.

— Poderemos repetir tudo amanhã? — ela murmurou. A timidez com que a pergunta foi feita fez Brandon dar uma risada.

— Com uma condição.

— Qualquer uma. — Eleanor sorriu, radiante.

— Case-se comigo.

Ela perguntou a si mesma se escutara corretamente.

— Será que o ouvi pedir-me em casamento? — Seu coração batia desordenado.

— Sim. — Brandon sorriu. — Quer que eu repita a pergunta?

— Não será necessário. — Eleanor sacudiu a cabeça.

Brandon queria passar o resto da vida ao lado dela. Queria filhos e que Eleanor o ajudasse a criá-los. O plano dera certo! Ela o seduzira e escutara a pergunta tão ansiada. Embora não houvesse declaração de amor, Eleanor não se aborreceu. Brandon não faria amor com ela sem o envolvimento de algum tipo de emoção, nem teria feito a proposta se

essa emoção não fosse profunda. Havia muito mais do que desejo entre eles.

— Estou aguardando uma resposta. — Brandon já não sorria.

Um pensamento terrível passou pela mente de Eleanor.

— Minha família não aprovaria.

De início, Arabella estivera a seu lado e havia se mostrado disposta a convencer as irmãs. Mas depois da conversa com Lydia, já não confiava em Brandon. Portanto não tentaria mudar a opinião das outras.

— O que me importa isso? — Brandon resmungou, carrancudo. — Eu não pretendo me casar com suas irmãs.

— Bem, e meu pai?

— Seu pai gosta de mim — ele respondeu, convicto. Era verdade. Além disso, aos trinta e dois anos, Eleanor não precisava necessariamente do consentimento do pai para casar-se.

— Lorde Burrough sabe o que aconteceu com Lydia? Eleanor fez que sim com um gesto de cabeça. Brandon ergueu-se em um cotovelo e apoiou a cabeça com a mão.

— Ele lhe disse?

— Sim. E foi você quem confessou, não foi? — Se o pai dela não gostasse de Brandon, certamente o teria matado.

— Claro que o fato não lhe agradou. Mas seu pai entendeu que eu estava bêbado e que lamentava o fato. Lorde Burrough quer a sua felicidade, Eleanor, e está convencido de que apenas eu poderei ser responsável por isso.

O pai dela estava de acordo e as irmãs acabariam aceitando, uma vez conhecendo o homem maravilhoso que Brandon se tornara.

— Lorde Burrough me revelou que durante esses anos todos eu não fui esquecido. — Brandon acariciou-lhe a face com a ponta do polegar.

Eleanor fingiu pouco caso.

— Não se sinta lisonjeado. Ele falou isso como bom casamenteiro que é.

— Bem, seu pai acredita que eu retribuo os sentimentos e por isso aceitei o convite para a festa.

— E isso é verdade?

— Eu não confirmei nada.

— Mas está aqui. — Eleanor sorriu.

— E esta nobre dama nos meus aposentos. — Brandon deu uma piscadela e tornou a beijá-la.

As palavras se tornavam desnecessárias diante da ternura do beijo. Brandon afastou os lábios e fitou-a, ansioso.

— Então, aceita casar-se comigo?

— Sim, eu aceito — Eleanor sussurrou com olhar brilhante. Ele beijou-a de novo e dessa vez com maior intensidade.

Eleanor prendeu a respiração, e o bom senso pareceu abandoná-la.

— Quero lhe fazer um pedido — ela disse depois de se aconchegar novamente.

— Sempre receei pedidos feitos por mulheres — Brandon fez graça. — O que deseja?

— Não quero que ninguém saiba do nosso compromisso até eu ter a oportunidade de falar com a minha família.

— Claro. Pode contar com a minha promessa. Também não tenho ninguém aqui a quem dar a auspiciosa notícia.

Eleanor saiu dos aposentos de Brandon antes do amanhecer. Apesar de cansada e sonolenta, voltou feliz para o seu quarto.

Finalmente se tornaria lady Creed. Deixaria a casa de seu pai e teria seu próprio lar.

Voltou para a ala dos aposentos familiares com o mínimo de ruído. Pensou no pai. Ele exagerara a doença para convencê-la a concordar com a festa. O que não eliminava o fato de que sua saúde não se encontrava em bom estado. Quem cuidaria de lorde Burrough quando Eleanor fosse embora? Uma alternativa seria o pai morar com Brandon e ela depois do casamento. Mas ele jamais aceitaria o convite, pois não gostava de ser um peso para ninguém.

Seu pai sempre dissera que lhe agradaria passar mais tempo na casa de Londres, o que seria uma ótima solução. Lydia e Phoebe moravam em Londres. Eleanor e Brandon também permaneceriam boa parte do ano na capital. Londres contava com muitos médicos e farmácias caso Burrough precisasse de assistência, e Eleanor decidiu falar com o pai sobre o assunto o mais depressa possível.

Antes de tudo, seria preciso anunciar o noivado para a família. Não poderia esperar muito, pois não queria dar a Brandon a oportunidade de mudar de idéia.

Entrou em seu quarto ainda zozza pela súbita mudança de acontecimentos em sua vida, depois de uma década de quase apatia.

Apesar da excitação, ou talvez por ela, deitou-se e adormeceu em minutos. Acordou às nove horas e refletiu que daria tempo para se reunir com a família antes de os convidados começarem a descer.

Tocou a campainha para chamar a criada e a governanta. As duas estranharam quando Eleanor pediu à sra. Blynn para chamar as irmãs e o pai. Sabedoras dos objetivos daquela festa em Burrough e curiosas, elas imaginavam qual teria sido a resolução de milady. Eleanor nada disse por não querer criados especulando. Ela e Brandon anunciariam publicamente o noivado quando achassem necessário.

Depois de uma hora, Brandon, Eleanor, o pai e as irmãs se reuniram na sala íntima usada por sua mãe. A pedido de Eleanor, as irmãs vieram sem os maridos. Ela não gostava de três cunhados e também receava uma discussão. Quanto mais pessoas, mais desavenças.

O pai e as irmãs olhavam para Eleanor e Brandon, que se conservavam sentados e imóveis. A expectativa era grande e a tensão aumentou até se tornar insuportável. Eleanor também sentia incerteza diante do futuro; Imaginava se um homem tão experiente como Brandon não se aborreceria com ela, uma solteirona recatada. Receava inclusive não poder ajudá-lo a combater o terrível vício da bebida. Não entendia por que as incertezas voltavam a perturbá-la.

— Não os prenderei por muito tempo — Eleanor anunciou.

— Sei que todos têm tarefas pessoais a cumprir por causa da festa.

— Preferimos escutar o que tem para nos dizer. Não gostamos de boatos. — Arabella sorriu, apesar da ansiedade.

Eleanor anuiu e fitou o pai, talvez o único que aceitaria a notícia com alegria.

— Papai, lorde Creed pediu-me em casamento e eu aceitei.

Lorde Burrough demonstrou satisfação pelo anúncio, mas as irmãs trocaram olhares espantados. Lydia era a menos entusiasmada. Muito bem-educadas, às Durbane não fariam oposição diante de Brandon. Talvez até o fizessem na ausência do conde.

— Uma excelente novidade!— O pai falou alto e levantou-se.

Foi até Eleanor com os braços estendidos, e ela o abraçou com alegria.

— Estou muito feliz por ver que os dois fizeram as pazes — lorde Burrough murmurou no ouvido da filha antes de soltá-la.

Em seguida, ele aproximou-se de Brandon e cumprimentou-o com um forte aperto de mão.

O semblante sério das irmãs aborreceu Eleanor.

— Minhas irmãs não pretendem me felicitar? — Ela usou o mesmo tom de quando as repreendia na infância.

Arabella levantou-se. Sempre fora a primeira a reconhecer a autoridade de Eleanor. Apesar das possíveis restrições a Brandon, ela a apoiaria.

— Estou feliz por sua causa. — Arabella abraçou-a. — De verdade.

Eleanor ficou comovida.

— Obrigada.

— Eleanor merece apenas o melhor. — Arabella estendeu a mão para Brandon. — Espero que milorde entenda isso.

Eleanor arregalou os olhos diante do comportamento protetor da irmã. Além do mais, era curioso ver uma mulher doce como Arabella ameaçar Brandon.

— Farei o que estiver ao meu alcance para assegurar-me disso. — Brandon sorriu para a futura cunhada.

A resposta agradou a Arabella. Ela o abraçou e tornou a sentar-se.

Muriel e Phoebe foram as próximas e imitaram o comportamento de Arabella. Lydia foi a última a se manifestar. — Estou feliz por sua causa — Lydia repetiu as palavras de Arabella e, rígida, recebeu o abraço de Eleanor. Eleanor sentiu uma ponta de falsidade na atitude de Lydia. O abraço foi frio e o sorriso não alcançou os olhos. Eleanor teve receio da amizade entre elas ser rompida para sempre. Lydia, mesmo com todos os seus motivos, jamais a perdoaria por ter aceitado a proposta de Brandon. Lydia aproximou-se de Brandon com um brilho diferente no olhar, como se o desprezasse por ele haver cometido um grande erro. Quase uma promessa de que o faria pagar por isso.

— Será ótimo contar com a sua presença na nossa família, — lorde Creed — Lydia disse com voz baixa e rouca. A hostilidade não escondia um traço sensual.

Brandon, sem se perturbar, curvou-se sobre a mão de Lydia, que foi a única a não o abraçar, e sorriu. Apenas o olhar foi cauteloso.

— Eu lhe agradeço a gentileza. Procurarei chamá-la de irmã.

Lydia cerrou os dentes. A última coisa que desejava era ser chamada de irmã por Brandon.

A cavalgada da tarde teve de ser cancelada por causa da chuva, e os homens buscaram diversos meios de entretenimento. Alguns jogaram bilhar, outros se entreteram com cartas. Um grupo preferiu conversar ao pé da lareira e tomar vinho.

Brandon sentou-se em um dos cantos e tomou café com os solteiros. Eleanor, na outra ponta, bordava com Arabella e algumas damas.

— Creed, como vai a corte a lady Eleanor? — Lorde Merrott aproximou-se com um copo de uísque na mão.

Brandon reparou que os homens o fitavam como urubus em volta da carniça e teve vontade de mandá-los embora, pois Eleanor era sua. Concluiu que eram uns idiotas e deu de ombros.

— Vai indo.

Stevenson, o sexto solteiro, fez pouco caso.

— Lady Eleanor o favorece com atenções. Eu diria que ela já não é nenhuma menina para se restringir a poucas chances.

— Ela pode apenas estar demonstrando bom gosto — retrucou Brandon.

— Ah! — Locke ironizou. — Lady Eleanor parece uma estátua de gelo. Burrough está tentando vendê-la, mas nenhum de nós ainda a experimentou!

— Locke! — Birch interveio. — Eleanor é uma lady, e não uma das suas meretrizes!

— Bobagem. Ela pensa conquistar-nos brincando de donzela, mas as mulheres são todas iguais, e lady Eleanor não é uma exceção. Posso apostar que não será preciso mais do que cinco minutos com ela para provar isso.

Brandon levantou a bengala e encostou-a na garganta de Locke. Um bom empurrão e Locke nunca mais falaria.

— Toque em lady Eleanor e eu o farei em pedaços! Locke fitou-o, aterrorizado. Anuiu com um movimento leve, pois a ponta de metal lhe apertava a garganta. Ouvira falar do envolvimento de Brandon na morte de Harker e sabia que ele não se intimidava com nada.

— Está certo, Creed — Birch interveio novamente e os outros se limitaram a observar o entrevero. — Locke, como sempre, comporta-se de maneira estúpida. Ele jamais faria nenhum mal a lady Eleanor.

Os que, estavam mais afastados felizmente não perceberam a discussão.

— Isso mesmo — Locke concordou. — Jamais. Brandon afastou a bengala devagar. Era possível que Locke estivesse falando por falar, mas Brandon não tolerava nenhuma insinuação a respeito de Eleanor, ainda mais uma tão vulgar como aquela. Sentira o sangue ferver. Mataria Locke ou qualquer outro que ousasse encostar um dedo em Eleanor.

— Queiram desculpar-me. — Brandon ficou em pé com a ajuda da bengala.

Irritado, queria afastar-se de Locke para não cometer um desatino.

Locke esfregou a garganta, e todos os solteiros observaram Brandon caminhar para o outro lado. Entre a aversão e o respeito, restava uma certeza: os sentimentos de Brandon por lady Eleanor eram mais profundos do que os deles e não admitiriam interferência.

Brandon foi para a biblioteca. Um livro seria o melhor remédio para fazê-lo esquecer a ofensa e o ajudaria a passar o tempo. Se continuasse na companhia dos convidados, seria capaz de contar a verdade ou matar um engraçadinho.

Encontrou *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, e se entreteve por quinze minutos antes de a porta ser aberta. Brandon pensou que fosse Eleanor. Não era.

Lydia entrou e bloqueou a única saída. Exceto a janela.

— Espero não estar perturbando — ela falou com voz aveludada e postura rígida.

Brandon resolveu não ser grosseiro com a família de Eleanor antes de providenciar a licença de casamento.

— Estou apenas relendo Swift. — Ele fechou o livro. — Nada significativo. Em que posso servi-la?

Assim que pronunciou as palavras, Brandon entendeu a péssima escolha das mesmas. A hostilidade de Lydia era palpável.

— Suponho que milorde está muito orgulhoso de si próprio.

— Por que diz isso? Ela revirou os olhos.

— Ora, por ter convencido minha irmã a aceitá-lo.

— Estou muito feliz.

— Eu sei. Agora ela nos disse. — Lydia abaixou o olhar.

— Não foi como antes.

Brandon teve vontade de rir diante da expressão fingida de culpa. Lydia queria dar a impressão de que lamentava o sofrimento causado a Eleanor.

Tudo seria diferente. Brandon estava sóbrio, mais maduro e não iria para a cama com Lydia. Eleanor não encontraria motivos para não confiar nele.

— Nada mais será como antes.

— A sobriedade não modifica um homem, Brandon. Só o torna mais criativo.

Ele imaginou por que o marido de Lydia a deixara tão amargurada.

— Eu mudei em vários aspectos e Eleanor foi capaz de entender isso. Lamento que milady não possa enxergar a verdade. — Brandon não lamentava nada, apenas sentia piedade de Lydia.

— Quando milorde se cansar de Eleanor e quiser algo novo, não venha choramingar junto à minha porta — ela falou com desprezo. — Pode estar certo, de que não será bem-vindo.

Lydia confiava muito em seu poder de sedução.

— Nunca me cansarei de Eleanor. Mas se isso chegasse a acontecer, certamente não seria à sua porta que eu iria choramingar.

— Eu lhe servi muito bem... naquele tempo.

Que transtorno! Algumas horas de embriaguez vividas dez anos antes nada significavam para ele, mas muito para ela.

— Foi apenas uma noite da qual nem me lembro.

— Ora, não creio que tenha esquecido! — Lydia adiantou-se. — Milorde afirmou que me amava!

Brandon não recuou. Não se sentia ameaçado por tanto fervor, mas também não se sentia à vontade.

— Eu estava bêbado.— Era difícil ficar com raiva de uma criatura patética. —Sinto muito pelo mal-entendido. Nunca nutri sentimentos desse tipo a seu respeito.

— Somente por Eleanor, não é?

— Sim.

— Milorde não serve para ela! — A petulância era a de uma criança. — Estamos convictos disso.

O que também não era novidade. Mas seria preciso bem mais do que algumas palavras para fazê-lo mudar de idéia.

— Então, tenho muita sorte por Eleanor não compartilhar essa crença.

— Milorde a fará sofrer!

— Não por minhas atitudes nem por minha vontade.

— Milorde nada poderá fazer a respeito. É a sua natureza. Lydia atingira um alvo. Seria incapaz de fazer Eleanor feliz? Ele a faria sofrer de maneira irreparável? Não, não faria isso.

— Esta conversa está ficando cansativa — Brandon falou em voz de comando. — Queira desculpar-me, milady, mas tenho coisas mais importantes a fazer do que escutar suas acusações.

— Como correr para Eleanor, lorde Creed? — Lydia deu um sorriso zombeteiro.

Incomodou-o ela ter adivinhado as pretensões dele.

— Na verdade — Brandon disfarçou —, achei que antes seria interessante dar uma palavrinha com seu marido.

Ele passou por Lydia e chegou à porta. Satisfeito, viu-a empalidecer. Embora fosse cruel, o gesto era necessário para o seu orgulho.

— Tenha cuidado se pretende me aborrecer, milady. — Brandon se deteve e abriu a porta. — Não se engane. Não hesitarei em tomar uma atitude em represália.

Brandon só conseguiu falar com Eleanor à noite, na sala de lady Burrough, e a portas trancadas. Acenderam um abajur, sentaram-se no sofá e ele a abraçou pelos ombros. Odiou estragar a alegria dela, mas não houve como evitar o relato.

— Tive uma discussão com Lydia hoje. Eleanor endireitou as costas.

— Sobre o quê?

Brandon relatou o ocorrido, palavra por palavra. Arriscou-se a despertar a má vontade de Eleanor.

— Lydia é muito protetora. — Ela suspirou e sacudiu a cabeça.

Brandon evitou discordar com ironia.

— Ela está com ciúme.

— Pode ser. Lydia quer que o meu casamento seja horrível como o dela.

— Eleanor, eu me admiro pela sua bondade e compreensão. Ela sorriu.

— Lydia é minha irmã.

— Entendo, eu também tenho irmãos. Não me leve a mal, mas não confio nela.

Eleanor anuiu e acomodou-se nos braços de Brandon, Eles ficaram sentados em silêncio, escutando a chuva cair. Vez por outra, um trovão distante.

— Estive pensando... — Eleanor murmurou um pouco mais tarde.

— Sobre o quê?

Ela acariciou-lhe a coxa.

— Sobre a última vez em que estivemos juntos e sozinhos. No quarto, desnudos e na cama.

— Está pretendendo seduzir-me de novo?

Eleanor jogou a cabeça para trás e fitou-o com olhar brilhante.

— Eu seria bem-sucedida se tentasse?

— Com certeza! — Brandon estava ansioso. — Mas aqui? Ela olhou em volta.

— Um bom local como outro qualquer.

Eleanor era linda, sedutora e... prática, o que agradava a Brandon ao extremo. Era inteligente, divertida e sincera quanto aos desejos e sentimentos. Eleanor gostava dele e o desejava. Mas ela o amava?

Por ora, fazer amor seria suficiente para Brandon, se bem que o objetivo maior fosse atingir o coração de Eleanor e assim poder entregar o seu. O que não o impediu de permitir que ela concretizasse o plano imediato. Eleanor beijou-o e eles se envolveram nos arroubos de um amor tempestuoso ali mesmo, na sala de lady Burrough.

— Brandon, nunca imaginei que eu pudesse sentir tanto prazer — Eleanor disse mais tarde, encostada nele. Acho que fomos feitos um para o outro.

O próprio Brandon já pensara nisso.

— Sem dúvida. Nós nos pertencemos.

— Acredito que vou gostar do nosso casamento — ela o informou.

Brandon riu e abraçou-a com energia.

— E eu tenho certeza de que adorarei o nosso casamento. Ele beijou-a e imaginou que seu coração fosse arrebentar de alegria.

Nada poderia separá-los. Nada.

Capítulo VII

Eleanor aguardava com ansiedade o casamento, e não apenas pelo dedo do pé machucado durante as acrobacias amorosas no sofá. O pé continuava latejando e ela sentia vontade de praguejar como um homem.

Uma vez casados não haveria mais necessidade de escapadelas noturnas nem receio de que fossem apanhados.

Suspirou e mancou até a porta. Eram duas e meia da manhã, os hóspedes dormiam e Eleanor ia ao encontro de Brandon. Seu coração batia em descompasso pelo receio de que descobrissem os encontros secretos. Nesse caso, os falatórios sairiam de Burrough e alcançariam Londres. Mesmo se o enlace fosse anunciado em seguida, não faltariam boatos de que Brandon se vira obrigado a casar.

Uma pena Eleanor não ser como ele, que não se incomodava com a opinião dos outros. Para ela, era diferente, pois comentários maliciosos poderiam ser um desastre para a sua família.

Eleanor chegou aos aposentos de Brandon sem ser vista. Não bateu, como de costume, para não alertar ninguém, abriu o trinco e entrou. Havia planejado o encontro antes. Brandon lhe mandara um aviso.

Um abajur estava aceso em cima da mesa-de-cabeceira e, como em todos os quartos dos hóspedes, a decoração era neutra em tons de azul e branco. Da janela avistava-se o jardim e o lago.

Sorrateira, Eleanor foi até a cama onde uma pessoa estava sob o acolchoado. Brandon teria adormecido?

Franziu o cenho. O corpo na cama era pequeno demais para ser dele.

Pequeno, voluptuoso e loiro.

Eleanor estacou, petrificada. Havia uma mulher na cama de Brandon.

Não se tratava de uma desconhecida, mas sim de lady Dumont. A dama se encontrava sem roupas e pareceu tão surpresa quanto Eleanor.

— Lady Eleanor! — Lady Dumont sentou-se e levantou os lençóis até o pescoço, horrorizada. — O que está fazendo aqui?

Eleanor sentiu calor, depois um frio intenso e, em seguida, mais nada. Apenas um vazio.

— Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta, mas a resposta é óbvia demais.

— Assim suponho. — Lady Dumont arqueou as sobrancelhas. — Contudo o motivo por que milady se encontra aqui não me parece tão evidente.

Eleanor estava com um nó na garganta.

— Eu precisava falar com lorde Creed.

Lady Dumont cobriu-se melhor e olhou ao redor do quarto.

— Ele não está. O que era incontestável, a menos que o patife estivesse escondido embaixo da cama. Como Brandon ousara fazer isso de novo com ela?

— Percebe-se. Eu poderia esperar, mas o quarto está abafado demais. Boa noite.

Eleanor precisava sair depressa antes que as lágrimas comesçassem a deslizar.

Como Brandon pudera repetir a traição e ainda por cima com lady Dumont?

Ele não tinha o mínimo de autocontrole ou talvez houvesse substituído a volúpia do álcool pelas mulheres. Eleanor viu duas taças de vinho pela metade ao lado da cama.

Aquilo lembrava um pesadelo. Brandon Ryland estaria mentindo desde a chegada a Burrough? Afirmara não ser um libertino e ter largado a bebida, mas as evidências eram todas contrárias.

Eleanor não queria enxergar mais evidência nenhuma. A dor era insuportável. Poderia jurar que lady Dumont a esfaqueara.

— Por favor, diga ao visconde que estive aqui. — Eleanor virou-se para a porta.

Não dera três passos quando escutou as palavras de lady Dumont: — Milady está apaixonada por ele.

A acusação colou-se na epiderme de Eleanor como óleo espesso. Ela se voltou devagar.

Talvez lady Dumont pudesse informá-la por que um homem como Brandon nunca estava satisfeito com apenas uma mulher.

— O que foi que disse?

Lady Dumont demonstrava consternação.

— Lady Eleanor, eu lhe devo um esclarecimento.

Até onde aquela mulher pretendia levar o ultraje? Ela se encontrava na cama de Brandon, a mesma que abrigara o primeiro ato de amor deles. Uma verdadeira profanação contra as expectativas e os sonhos de Eleanor. Ela jurou que mandaria queimar aquela cama, quando Brandon fosse embora.

— Eu lhe asseguro, lady Dumont, que não me deve nada.

— Não é o que milady está pensando, eu...

Lady Dumont parecia mais jovem, com os cabelos soltos nos ombros. Por isso Brandon a achava atraente. Ele gostava de loiras.

— Ora, é exatamente o que estou pensando. Queria desculpar-me, lady Dumont. Seu amante retornará logo.

Eleanor tinha de ir embora com urgência.

— Por favor, deixe-me explicar. — Lady Dumont fez menção de sair da cama, mas lembrou-se de que estava despida.

Eleanor ignorou-a e deixou o quarto. Sem importar-se com mais nada, nem com a reputação, levantou a barra da camisola e correu até chegar à ala familiar. A dor no dedo espalhava-se pelo pé e pela perna, abafando um pouco o sofrimento da alma.

Entrou em seus aposentos, um santuário creme e dourado para um coração partido. Andou de um lado para outro para acalmar a fúria, apesar do pé machucado. Tinha receio de deitar-se e nunca mais se levantar.

Como pudera ser tão estúpida e confiar cegamente naquele homem? Ele teria bebido outra vez? E o que importava isso? Era uma rematada estupidez tentar descobrir desculpas para o que acontecera.

Eleanor franziu os lábios. Teria Brandon confundido lady Dumont com ela? Seria aquela uma nova desculpa conveniente para ter outra mulher na cama, quando deveria estar com ela?

Eleanor se deteve. O fato era bizarro demais para ser verdadeiro. Por que Brandon havia marcado um encontro com lady Dumont e com ela ao mesmo tempo? Por que lady Dumont estava na cama sozinha? Ela lhe parecera constrangida e quisera inclusive se explicar. Explicar o quê? O que estaria fazendo no leito de Brandon?

Lady Dumont e Brandon estariam envolvidos em um *affair* e ela havia planejado uma visita-surpresa? Não. Os boatos teriam se espalhado rapidamente. Lady Dumont estava longe de ser discreta e seria a primeira a cochichar a novidade.

Nada daquilo fazia sentido. Brandon não era nenhum tolo e não teria marcado um encontro com as duas, ainda mais no próprio quarto. Se fosse o caso, ele teria ido aos aposentos da amante.

Como poderia casar-se com Brandon, em meio a tantas dúvidas? Devia haver alguma explicação para o fato de lady Dumont estar no quarto de Brandon. Talvez ela tivesse entrado por conta própria e com o propósito de seduzi-lo. Brandon provavelmente nem sabia que lady Dumont se encontrava lá.

E onde estaria ele? Mandara-lhe um bilhete dizendo que a esperaria.

Eleanor não confiava em Brandon, ou, para ser sincera, não confiava em si mesma. Não se considerava capaz de conservar o interesse dele, para quem seria fácil encontrar outra melhor do que ela. Embora o tivesse perdoado pelo que havia acontecido com Lydia, Eleanor acreditava que, naquela distante noite, uma parte do cérebro de Brandon soubera de quem se tratava, pois nunca tentara seduzi-la, e com Lydia havia sido simples.

Não confiava em Brandon e muito menos nos seus sentimentos. Ela havia lhe entregado a virgindade por gostar dele. Homens não tinham esse problema. Brandon afirmara não haver amor envolvido nos relacionamentos com Fanny Carson nem com sua última amante.

Eleanor queria ser mais que uma amiga ou companheira de cama. Queria ser amada. Ela e Brandon mereciam não apenas amor, mas também confiança, honra e respeito.

Sair correndo do quarto dele e pensar o pior não era, porém, prova de respeito.

Como e por que lady Dumont entrara naqueles aposentos? Por quanto tempo estaria lá?

Por mais leviana que fosse, lady Dumont não iria para a cama de um homem sem ser chamada. Quem a tinha convidado? Não fazia sentido Brandon havê-la chamado e não se encontrar lá.

A menos que Brandon tivesse planejado o encontro entre ela e lady Dumont para testar a confiança da futura esposa. O que seria um absurdo. Ninguém em perfeitas condições mentais faria algo tão ridículo.

E se ele houvesse mudado de opinião, não quisesse mais se casar com ela e engendrasse um plano para romper o compromisso? Ah, que despropósito!

Teria de haver uma explicação racional para aquele impasse. Lady Dumont havia tentado oferecer uma, mas Eleanor não se preocupava em ouvir. Recriminou-se. Se tivesse ocultado as emoções como costumava fazer, haveria ao menos ouvido o que lady Dumont tinha para lhe dizer.

O que lady Dumont estaria fazendo nos aposentos de Brandon?

Havia muitas questões e respostas que não faziam sentido. As diversas teorias eram afastadas por serem irrelevantes. O melhor seria falar com lady Dumont. Quando e se Brandon voltasse, daria as explicações que faltavam.

Porém um desafio se impunha: acreditar ou não no que os dois diriam.

E como enfrentar lady Dumont sem deixá-la com a certeza de seu amor por Brandon? Eleanor não podia permitir que tal coisa ocorresse. Era verdade que lady Dumont parecera preocupada, mas sua fama era conhecida. Eleanor não acreditaria nela, por mais que se esforçasse.

Brandon seria a única pessoa que poderia dizer-lhe a verdade. Mas então seria tarde demais.

Algo estava errado.

Cuidadoso, Brandon perscrutou a escuridão. A cabana empoeirada cheirava a bolor e a mobília estava coberta com panos sujos. O ar quente e denso fazia supor que o local não era usado havia muito tempo. Os próprios rastros marcavam a poeira do chão.

Era ali que Eleanor pretendia encontrá-lo? Impossível. Mesmo assim, as instruções no recado não deixavam dúvidas. Aquela cabana fora o local escolhido por ela para passarem alguns momentos deliciosos.

De início, Brandon havia pensado que um contratempo impedira Eleanor de tornar a cabana apresentável. No momento, não tinha tanta certeza. Era possível que ela não quisesse despertar as suspeitas do criado encarregado da tarefa, ou que as obrigações de anfitriã a houvessem retido na mansão. Contudo o atraso de mais de meia hora não era do feitio de Eleanor. Ela não o deixaria esperando tanto tempo nem acharia romântica aquela choupana imunda.

O melhor seria não se preocupar em excesso. Na certa, existia um motivo plausível para Eleanor não ter vindo e talvez houvesse uma mensagem explicativa no quarto dele. Não adiantava esperar mais. Eleanor não viria.

Usou a bengala para afastar os obstáculos do chão. Assim evitaria tropeçar e cair. Se o caminho de volta à luz do dia poderia trazer empecilhos, à noite seria ainda mais perigoso. Apesar de o trajeto ser bem cuidado, havia raízes expostas e sulcos. Um passo em falso era passível de resultar numa queda. Deus que o livrasse de quebrar a perna doente ou até a outra. Além disso, como poderia explicar estar tão longe de casa tarde da noite? Teria de se arrastar de volta à civilização ou passar pelo constrangimento de esperar que o encontrassem.

Devagar, amaldiçoando a perna, chegou ao jardim e prosseguiu pela alameda de pedras brancas.

Quando entrou na residência, seu joelho latejava, incomodando bastante. Fora um longo percurso de ida e volta. E ainda havia permanecido em pé durante o tempo em que estivera na cabana. Não culpava Eleanor por seu desconforto, mas estava ansioso para ouvir a explicação dela a respeito do incidente.

Na mansão às escuras, Brandon quase tropeçou por duas vezes. O que piorou seu mau humor e a dor na perna. Se não houvesse nenhum recado de Eleanor em seus aposentos, poderia imaginar que realmente ela fora atender a alguma emergência. Nesse caso, falaria com Eleanor apenas no dia seguinte.

Não encontrou seu quarto vazio.

Lady Dumont, sentada na cama de camisola e penhoar, com os cabelos soltos nas costas, seria uma visão sedutora para muitos homens, mas não para Brandon. Ele se lembrou de Joana d'Arc a caminho da fogueira.

Brandon fechou a porta com cuidado, para evitar que os vissem juntos. Jamais conseguiria explicar o fato a Eleanor. Ela imaginaria o pior, e com razão, diante da cena.

— Por favor, explique-me a sua presença nos meus aposentos e em trajes de dormir. — Brandon não se preocupou com a cortesia, desnecessária naquelas circunstâncias.

Lady Dumont fitou-o com remorso, expressão incomum para ela.

— Milorde me convidou.

— Como foi que disse? Eu me lembraria se o tivesse feito. Asseguro-lhe que tal convite nem me passou pela cabeça.

— Eu também estranharia receber uma mensagem sua nesses termos, se milorde não houvesse confessado ontem a uma pessoa sua afeição por mim.

Alguns anos antes, Brandon teria creditado à bebida um desabafo daquela natureza.

— Milady, eu a respeito bastante. — A mentira foi imperdoável. — E, mesmo que a sua afirmação fosse verdadeira, eu jamais confessaria meus sentimentos para outras pessoas. Tenho de perguntar-lhe quem foi que a enganou.

Lady Dumont desviou o olhar e cobriu-se melhor com o xale. Era uma modéstia que não combinava com ela.

— Milorde deve pensar que sou uma idiota.

Por que as mulheres faziam chantagem sentimental? Por que simplesmente não dizer sou uma idiota ou sinto-me uma idiota? Por que incluir o homem na equação? Nenhuma resposta seria satisfatória. Se concordasse, seria uma crueldade. Se discordasse, daria a lady Dumont liberdade para repetir o comportamento no futuro.

— Milady, acredito que houve um terrível engano. — O melhor seria teatralizar. — Por favor, diga-me quem lhe revelou minha confissão imaginária.

— Lady Brend — lady Dumont respondeu depois de um longo tempo.

Brandon arrepiou-se. Deveria ter imaginado que Lydia estaria por trás dessa trama ignominiosa. Nem se surpreenderia se Lydia também lhe houvesse mandado o recado em nome de Eleanor.

Ele passou a mão no rosto. Aquele era um fato lastimoso e imperdoável. Mesmo que Lydia agisse visando à felicidade de Eleanor, a mulher era diabólica.

— Milady tem a mensagem que supostamente lhe enviei?

Lady Dumont entregou-lhe um pedaço amassado de papel. Ela o teria amarrotado de raiva por Brandon não ter vindo ou de ansiedade à espera dele para se explicar?

Brandon abriu o bilhete. Não foi surpresa constatar que era a mesma caligrafia do recado que havia sido enviado a ele. Lady Dumont não percebera que se tratava de letra feminina?

— Achei a caligrafia um pouco enfeitada — ela se desculpou, como se tivesse lido os pensamentos dele. — Mas seu irmão Wynthrope escrevia de maneira rebuscada. Pensei que talvez fosse um traço familiar.

Brandon devolveu-lhe o papel, ignorando o comentário a respeito de Wyn. Não havia indícios de quem escrevera o convite para lady Dumont comparecer aos aposentos dele, se ela assim o desejasse. E o horário determinado era o mesmo da mensagem que Brandon tinha recebido.

Brandon esperava que apenas ele e lady Dumont fossem sabedores do acontecido até poder contar a Eleanor. Não pretendia guardar segredo. Seria como mentir.

— Fomos vítimas de uma armadilha, lady Dumont. Pode contar com a minha simpatia.

— Que humilhação! — Ela meneou a cabeça, sinceramente desconsolada.

— Por favor, milady, não se aborreça. Também fui enganado com um recado semelhante. Manteremos o incidente entre nós.

À fisionomia de lady Dumont não o convenceu.

— Alguém mais sabe disso, milady? Ela novamente desviou o olhar.

— Foi por isso que esperei por milorde. Brandon tornou a estremecer.

— E...

— Eu o aguardava... quando uma visita chegou.

Não. Não podia ser.

— Quem era?

— Lady Eleanor.

Misericórdia! Lydia planejara tudo com maldade ainda maior de que Brandon tinha pensado. Na certa mandara Eleanor ao quarto dele no tempo aprazado. Eleanor havia confiado em uma de suas irmãs? Ou Lydia teria encontrado o bilhete que ele deixara sob a porta de Eleanor confirmando o horário do encontro? E o que lhe importava como tudo tinha acontecido?

Eleanor devia estar pensando o pior dele.

— Quando ela esteve aqui?

— Há pouco mais de quarenta minutos.

Enquanto Brandon fora até a cabana, Eleanor havia mantido o compromisso inicial. Tinha vindo até aquele quarto e encontrado outra mulher na cama de seu futuro marido.

Aquilo não poderia ter acontecido.

— Eleanor o ama.

— O quê? — A raiva misturou-se ao espanto. Lady Dumont levantou-se.

— Claro que lady Eleanor não confessou e nem precisava. Estava escrito em seu olhar. Ela estava desconsolada.

Nem poderia ser diferente. Eleanor passara a considerá-lo o pior dos canalhas.

— Tentei explicar, porém ela não quis ouvir e saiu correndo por essa porta. Pobrezinha. Sinto muito, lorde Creed. Se eu soubesse do seu relacionamento com lady Eleanor, não teria aceitado o convite, independentemente das circunstâncias. Eu jamais os faria sofrer de maneira premeditada. Brandon surpreendeu-se com a sinceridade de lady Dumont.

— Obrigado, milady.

Ela foi até a porta.

— Vou para os meus aposentos. Embora não tenha pedido a minha opinião, se eu fosse milorde, levaria as mensagens imediatamente para lady Eleanor.

— Eu o farei. Boa noite.

— Apesar do transtorno, milorde, tenho de lhe agradecer a consideração. Boa noite.

Lady Dumont saiu sem fazer ruído. No assunto, ela possuía experiência e embora tivesse fama de libertina, agira com o maior decoro.

Brandon esperou um pouco antes de sair. Atravessou o corredor escuro com o costureiro cuidado e foi até a ala dos aposentos da família. Gostaria de mostrar os

bilhetes não apenas para Eleanor, mas também para lorde Burrough e para o marido de Lydia.

Mas os dois homens teriam de esperar. Sua preocupação no momento era com Eleanor. Qual seria a reação dela? Eleanor o absolveria da culpa? Era o que ele mais esperava. Bateu na porta. Nenhum som veio de trás da madeira pesada. Eleanor estaria dormindo? Ou teria ido desabafar sua dor em outro lugar? Poderia procurá-la a noite inteira e talvez nem a encontrasse. Pensou na biblioteca, na sala íntima de lady Burrough, na estufa. E eliminou as hipóteses. Eleanor não se esconderia em um local de encontro previsível.

Não chegou a virar-se para ir embora. A porta foi aberta.

Brandon entrou com cautela. Suspeitou de uma emboscada: as cinco Durbâne prontas para esquartejá-lo.

Uma lamparina solitária mal iluminava a jovem que o aguardava, como se o mundo tivesse desabado.

— Achei que você viria — Eleanor falou com voz sumida. Brandon não sabia o que fazer; Se a apertava nos braços ou se tentava dar as explicações necessárias. Também poderia entregar-lhe os recados e deixar que ela concluísse a verdade.

— Não tenho nenhum caso com lady Dumont, — Brandon caminhou para a frente. — Nunca tive.

Eleanor concordou com um gesto de cabeça, sem abandonar a expressão pesarosa.

— Eu sei. Não estou bem certa do que lady Dumont fazia no seu quarto... Ou melhor, imagino por que estava lá. Só não entendo como ela pensou que seria bem-vinda.

— Lady Dumont e eu fomos enganados. Por isso eu não me encontrava nos meus aposentos.

— Foi o que imaginei.

Pelo menos Eleanor não o considerava um canalha.

— Existe a possibilidade de alguém ter visto o bilhete que lhe mandei ontem?

Eleanor fitou a penteadeira com tristeza.

— Suponho que sim. Meu quarto não fica trancado. Lady Dumont pode ter estado aqui. Não sei.

— Eleanor, essa confusão foi planejada e jamais teria acontecido de outra forma.

Ela anuiu e apertou os lábios. Seu queixo tremia.

— Pensei muito em tudo. E me alegra que tenha acontecido dessa maneira.

Brandon franziu o cenho. — Não a entendo, Eleanor.

Ela engoliu em seco.

— Fui forçada a encarar alguns fatos que eu não queria enxergar. E por isso lhe devo desculpas.

A conversa não tomava o rumo esperado por Brandon, e o tom de voz de Eleanor o fazia supor que a noite não acabaria bem. Deus permitisse ele estar enganado.

— Sinto muito, Brandon.

Ele sentiu o sangue congelar nas veias, atingindo o coração e os pulmões.

— Eleanor, o que está pretendendo dizer com isso? Uma lágrima solitária deslizou pelo rosto bonito de Eleanor Durbane.

— Eu não posso me casar com você.

— O que quer dizer com isso?

O tom rude de Brandon fez Eleanor estremecer. Deus o ajudasse! Era a segunda vez em que ela recusava seu pedido de casamento. E teria de explicar-se! Brandon não tinha a menor disposição de ser abandonado de novo. Não depois de haver trabalhado arduamente para reconquistar-lhe o coração.

Era possível que houvesse fracassado?

— Nosso matrimônio seria um erro e uma injustiça para você.

Mas o que Eleanor Durbane estava pensando? Erro? Injustiça?

— Eleanor, creio que me deve uma explicação.

Ela inspirou fundo e endireitou os ombros como se fosse a parte ofendida. Na verdade, Brandon é quem tivera as esperanças e os sonhos despedaçados. Enfrentar tantos obstáculos para mudar e depois descobrir que não tinha sido suficiente!

— Depois de encontrar lady Dumont nos seus aposentos...

Brandon não a deixou terminar:

— Eu lhe disse que não a convidei! Eleanor cruzou os dedos sobre o estômago.

— Eu acredito.

— Então, também entendeu que houve um engano. Isso nada tem a ver conosco nem com a sua decisão de se tornar minha esposa. — Brandon não suportava a idéia de passar o resto da vida sem Eleanor.

— Mas tem tudo a ver com a decisão de não me casar com você.

Brandon sentiu uma pontada no coração. Não era possível. Ele nada dissera sobre Lydia para poupar-lhe sofrimento, e Eleanor fazia o oposto. Queria matá-lo de tanto sofrer.

— Não confio em você. Achei que houvesse levado outra mulher para a cama e acreditei que tivesse um caso com lady Dumont.

Eleanor demonstrava profunda consternação. Brandon se sentiu dividido entre confortá-la e sacudi-la por tanta tolice.

— Qualquer um pensaria de maneira idêntica! Eu teria imaginado a mesma coisa se a situação fosse inversa.

As lágrimas de Eleanor cortavam o coração de Brandon.

— Nada disso. Você não duvidaria do meu comportamento, não porque me conheceu donzela, mas por confiar em mim.

Eleanor estava certa. Em primeiro lugar, ele socaria o intruso que encontrasse nos aposentos dela. Em segundo, perguntaria o que o indivíduo fazia ali.

— Ellie....

Eleanor limpou os olhos com as costas da mão.

— Cheguei a pensar que você tivesse bebido de novo. Acreditei que pudesse perdô-lo, como o perdoei por causa de Lydia.

Altíssimo!

— Se quer saber — ela prosseguiu —, nem mesmo tenho certeza de que o desculpei pelo que houve com minha irmã.

— Eleanor fungou, lutando contra as lágrimas. — Talvez por isso eu tenha chegado a conclusões tão rápidas.

— Ah, então admite que se trata apenas de conclusões.

Eleanor acreditaria se lhe contasse sobre Lydia?

— E se acontecer de novo...

Brandon teve de rir diante do absurdo do comentário.

— Pode ter certeza de que não encontrará nenhuma outra mulher na nossa cama.

— Talvez não. E quando você for ao clube e não chegar na hora prevista? Ficarei pensando que se encontra com outra mulher ou imaginarei que está bêbado?

Brandon sentiu um gosto amargo na boca. Deveria ter suposto a dificuldade em esquecer o passado que, mais uma vez, o perseguia.

— Não sei, Eleanor.

— Mas eu sei. Gostaria de dizer que não duvidarei das suas palavras, porém não posso. Haverá sempre o receio de que você possa encontrar outra diversão que o afaste de mim.

— Você não confia em mim — Brandon declarou. Ou talvez não confiasse em si mesma.

A incerteza no olhar de Eleanor era clara. O que estaria escondendo dele?

— Você merece alguém que lhe deposite confiança irrestrita.

— Eleanor, não há motivos para desconfiar de mim.

— Pois eu duvidei e estou certa de que isso se repetirá.

— Essa certeza é absurda.

— Você não pode passar o resto da vida tentando provar seu valor para mim.

Estava na hora de tentar uma nova tática. Teria de lembrá-la do motivo da discussão. Não estava em foco a confiança, mas a conspiração contra eles.

— Eleanor, você está se afastando do ponto principal do caso.

— Do que se trata?

Chegara a hora de provar mais uma vez a honestidade que Brandon havia lhe prometido.

— Lady Dumont e eu recebemos bilhetes escritos pela mesma pessoa, Uma mulher. Desconfio que se trata de Lydia.

— Lydia?! — Eleanor empalideceu. — Oh, Brandon, não! Ninguém gostaria de ter uma irmã em tão baixo conceito.

— Eleanor, quando assumimos o compromisso, Lydia ficou com muita raiva de mim. Enciumada, inventou uma afeição minha por lady Dumont. Ela foi a responsável por todo esse transtorno.

— Não é possível! Recuso-me a acreditar que minha própria irmã faria uma coisa dessas. Outra pessoa deve ter escrito os bilhetes.

Brandon entregou-lhe as mensagens.

— Comprove por si mesma.

Com olhar aterrorizado, Eleanor fitou os pedaços de papel.

— Não será necessário. Nada poderá ser modificado. Eleanor tinha receio de confirmar que a irmã conspirava contra ela. Preferia culpar a si própria.

— Eleanor, isso mudará tudo. Nós não somos culpados de nada. Foi Lydia quem...

— Brandon, não quero que faça acusações contra minha irmã. Sei que Lydia não agiu corretamente no passado, mas ela não faria nada tão desonesto depois de saber que estávamos noivos.

Lydia seria perdoada se houvesse elaborado os planos antes do anúncio do noivado?

— Quer dizer que você encontrou uma maneira de culpar a si mesma em vez de acusar o bêbado e a rameira que lhe causaram tanto sofrimento?

Eleanor recuou, ofendida.

— Por favor, não use expressões tão vulgares para falar de minha irmã.

Brandon seria capaz de ir até o fim do mundo para defender os irmãos. O que, no entanto, não o impedia de reconhecer-lhes os erros.

— Desculpe-me. Admita, contudo, que todos os indícios nos levam até ela.

— Você pretende incutir em minha mente a desconfiança contra Lydia. Não era ela a mulher que estava nos seus aposentos.

O ciúme de Eleanor mesclava-se à lealdade pela família. Ela poderia até admitir a mentira de Lydia sobre a pretensa sedução ocorrida anos antes, mas não o envolvimento com a farsa atual. Por quê?

— Ela sabia que você não acreditaria em outra mentira como a do passado.

Eleanor sacudiu a cabeça devagar.

— Lydia jamais faria isso comigo. Jamais!

Não havia como persuadir Eleanor. Ela se recusava a enxergar a verdade. Brandon teve vontade de estrangular Lydia. Nem mesmo quis pensar na possibilidade de contar com a amizade da cunhada depois de seu casamento.

Ora, talvez ele nem mesmo se casasse com Eleanor...

— Por favor, poderia ao menos ler o que está escrito? — Brandon estendeu-lhe novamente os bilhetes. — Na certa conhece a caligrafia de Lydia.

Eleanor ergueu o queixo, teimosa.

— Não quero ver nada. Não sei quem fez isso e também não importa.

A paciência de Brandon estava se esgotando.

— Importa e muito! Alguém está tentando nos separar e parece que foi bem-sucedido!

Eleanor sentou-se na arca aos pés da cama.

— Brandon, não adianta culpar quem fez isso. O fato é que descobri algumas coisas a respeito de mim mesma e que não me agradaram. Eu gostaria de ser diferente, mas não sou. Não posso lhe pedir para passar a vida ao lado de uma mulher que o interrogará

o tempo todo.

— A sua insegurança cederá com o tempo.

— Ou ficará pior e acabará nos afastando.

— Essa possibilidade é muito remota. Eleanor, é preciso confiar não só em mim, mas em nós dois.

Eleanor queria acreditar nele, apesar de sua determinação em contrário.

— Eu não apenas desconfio de você, mas de mim mesma. Você não merece a dúvida da própria esposa.

— E você, o que merece?

— Casar-me com um homem do qual eu não duvide. — Eleanor sorriu com tristeza.

Ela estava certa e aquele foi o golpe fatal. Brandon sentiu o coração fragmentar-se em lascas que o feriram profundamente. Não poderia discutir esse aspecto com Eleanor. Ela merecia um homem em quem pudesse confiar. Por mais que odiasse admitir, ele não se enquadrava nessa imagem. Não importava se partilhavam uma enorme paixão nem mesmo se eles se amavam. Daquela maneira, nada daria certo. E Brandon não tinha idéia de como consertar o erro.

— Prometa-me uma coisa. — Era uma ordem, não um pedido.

Eleanor franziu a testa.

— E evidente que o informarei se eu mudar de idéia.

— Obrigado, mas não foi a isso que eu me referia. Eleanor pareceu surpresa. O orgulho dela fora abalado por ele não insistir mais? Brandon Ryland também tinha amor-próprio, que, naquele momento se encontrava em tiras. O pouco que lhe restava impediu-o de ajoelhar-se e implorar para Eleanor casar-se com ele.

— Prometa-me que virá falar comigo se estiver grávida.

— Eu o farei. — Eleanor empalideceu ainda mais.

Era implícito que, nesse caso, teriam de casar-se. Brandon não admitia um herdeiro bastardo. Fora testemunha daquele estigma em seu irmão North. Por nada deste mundo desistiria de criar seu filho e de casar-se com Eleanor.

— Nada mais me resta a fazer em Burrough. Irei embora imediatamente.

— Você não tem de ir... — Eleanor arregalou os olhos. Brandon deu uma risada amarga.

— Tenho, sim. Não poderei permanecer aqui vendo-a todos os dias e sabendo que me rejeitou... mais uma vez. Não me peça para ficar, Eleanor. Seria uma tortura para nós dois.

— Sinto muito. — Ela mordeu o lábio inferior e lágrimas deslizaram por suas faces descoradas.

— Eu também. — Brandon sentiu um nó na garganta e atirou as mensagens em cima da penteadeira.

Não lhe importava a grosseria. Tinha sido obrigado a abandonar a única mulher com quem desejara passar a vida inteira.

Saiu sem dizer adeus.

Brandon partiu ao amanhecer. Eleanor observou os preparativos pela janela. A

carruagem foi trazida até a porta da frente e carregada com os pertences dele. Roupas e alguns objetos de toalete. Diferente das mulheres, que eram obrigadas a carregar volumes imensos por causa dos vestidos, anáguas e espartilhos.

Não a surpreendeu refletir sobre futilidades quando sua vida se encontrava em ruínas. Em que mais poderia pensar? Voltara a ser uma solteirona sem esperanças.

Havia entregado a Brandon o corpo e a alma, não a confiança. Agira por impulso, não com raciocínio. Imaginara que o havia perdoado. Mentira a si mesma e para ele também. Ela por acaso conhecia o perdão?

Brandon tinha se esforçado tanto para provar que havia mudado, e ela em nada acreditara.

Não poderia passar a vida duvidando do próprio marido. Isso destruiria o relacionamento, a amizade e a união. Brandon não merecia uma mulher que encarasse as outras como uma ameaça em potencial.

Ouviu uma batida leve na porta.

— Quem é? — Eleanor continuou olhando o pátio através da vidraça.

A porta foi aberta.

— Sou eu, Arabella. — Ela sabia da partida de Brandon e fitou Eleanor com preocupação. — Querida, está tudo bem?

Eleanor fitou a irmã, sem querer conversar.

— Está, Belle. Não me leve a mal, mas quero ficar um pouco sozinha. — Com um vácuo no lugar do coração, Eleanor nem se importou em dispensar a irmã. — Mais tarde conversaremos.

Arabella anuiu e retirou-se, aborrecida.

Eleanor tornou a observar o movimento do lado de fora. Brandon deixou a residência de chapéu e sobretudo. Mesmo sob a pouca luz do dia que ainda não se iniciara e sem ver-lhe o rosto, ela o reconheceu. Eleanor o reconheceria a quilômetros, com certeza.

Um criado abriu a portinhola da carruagem. Antes de subir, Brandon se deteve e olhou para cima, por sobre o ombro.

Eles se entreolharam e Eleanor abriu a boca para o chamar de volta. Contudo, embora não quisesse perdê-lo, não conseguiu articular uma só palavra. Mesmo a distância, notou o olhar duro e frio de Brandon.

Ele subiu os degraus, entrou no veículo e a porta foi fechada por um criado. Os cavalos foram incitados para a frente, e o coche partiu.

O coração de Eleanor foi levado junto.

Ela continuaria em sua vida pacata e sem graça, e Brandon acabaria por esquecê-la. De volta a Londres, não faltariam a ele diversões e incentivos para afastar da mente quem o repudiara. Pela segunda vez.

Eleanor admitiu que jamais se casaria com Brandon. Mesmo em detrimento do que pudesse acontecer, ele não tornaria a procurá-la. Não se arriscaria a uma terceira rejeição. No que estava muito certo.

Se pretendesse mudar sua vida, Eleanor teria de aceitar a corte de algum dos solteiros presentes em sua casa. Pelo menos não teria expectativas. Não lhe importaria se ele bebesse ou tivesse amantes. Quanto menos tempo ficassem juntos, melhor. Ela acabaria como Phoebe, Muriel ou a pobre Lydia.

Fitou os papéis amassados em cima da penteadeira. Embora Brandon suspeitasse terem sido escritos por Lydia, Eleanor poderia provar a inocência da irmã. Bastava olhar a caligrafia.

O que também poderia evidenciar a culpa de Lydia.

Virou-se para a janela. A carruagem sumia ao longe em uma nuvem de poeira.

Não podia acreditar que Lydia pretendesse causar-lhe aborrecimentos. Havia sofrido juntas pela morte da mãe e fariam qualquer coisa uma pela outra, exceto um dano intencional.

Brandon estava enganado. Outra pessoa mandara as mensagens. Talvez a própria lady Dumont. Ou lady Merrott. Ou um dos cavalheiros dispostos a fazer uma brincadeira. Aliás, sem nenhuma graça.

Era de pouca significância saber quem enviara os bilhetes. O essencial fora ela ter ferido Brandon profundamente e ter mentido para si mesma. Havia sido terrível admitir que duvidava dele e de si mesma. Pelo menos descobrira isso antes de casar-se. Viver sem Brandon seria um inferno, mas seria pior ficar ao lado dele e aos poucos merecer seu desprezo.

Deus Todo-Poderoso, não permita que eu esteja grávida!

Seria terrível ter de casar-se por esse motivo e criar um filho em uma casa onde não haveria lugar para o amor. Brandon enfrentara problema similar com um dos irmãos e não haveria de querer tal desgosto para seu próprio herdeiro.

Eleanor até suspeitava de que houvesse amor entre eles. Mas o sentimento acabaria se não existisse confiança. Seria melhor lamentar a falta de Brandon do que começar a odiá-lo.

Houve nova batida na porta. Eleanor revirou os olhos.

— Estou cansada, Arabella.

— *Sou eu, lady Dumont.* — A voz veio abafada do outro lado.

Eleanor sentiu o coração dar um salto. Não a mandou embora como fizera com Arabella. Queria ouvir o que lady Dumont teria para lhe dizer, mesmo sabendo que isso em nada mudaria a situação.

— Entre.

A porta foi aberta e lady Dumont entrou, tímida como uma camareira, sem olhá-la diretamente. Embora estivesse muito bem-arrumada e penteada, e apesar de o sol ainda não ter surgido, aparentava exaustão. Como se não houvesse dormido.

Eleanor ainda estava de camisola e com os cabelos soltos.

— Bom dia, lady Dumont. A que devo o prazer da sua visita? — A pergunta foi irônica. As duas sabiam do que se tratava.

— Vim explicar o que milady não quis escutar a noite passada.

— Não há nada para dizer.

— Perdão, lady Eleanor, mas creio que não poderei me calar tendo em vista a partida inesperada de lorde Creed.

Eleanor limitou-se a arquear as sobrancelhas.

— Lorde Creed e eu nunca tivemos nenhum *affair*.

— Sei disso.

Lady Dumont pareceu surpresa, o que não a impediu de prosseguir:

— Fui aos aposentos de lorde Creed por ter sido levada a crer que se tratava da vontade dele. Disseram-me que lorde Creed havia confessado interesse por mim. Depois recebi um convite para ir até lá. Imaginei que o bilhete havia sido escrito por ele.

— Ele afirma que não foi. Lady Dumont corou.

— Lorde Creed recebeu um recado pedindo a presença dele na cabana do jardineiro. E o bilhete foi escrito pela mesma pessoa que me enviou o convite.

Eleanor entendeu, pela expressão de lady Dumont, que a dama fora comunicada de quem se tratava.

— Não fui eu quem escreveu os dois recados, lady Dumont.

— Não. O choque de ver-me na cama do visconde deixou isso bem claro. Acredito que a pessoa que escreveu os bilhetes seja a mesma que me revelou o suposto interesse de lorde Creed.

— Posso perguntar de quem se trata? — Mesmo que de nada adiantasse, Eleanor gostaria de saber quem se empenhava tanto em prejudicá-la.

Lady Dumont demonstrou grande constrangimento.

— De sua irmã, Lydia.

Eleanor fechou os olhos, imersa em profunda dor.

Oh, Deus! Brandon estava certo!

Ou ele teria pedido a lady Dumont para tecer a trama de intrigas contra Lydia?

Não. Eleanor entendeu que não havia mais motivos para fingimentos. A cortina fora descerrada. Lydia não era nenhuma vítima inocente.

— Agradeço-lhe a franqueza, lady Dumont. Posso contar com a sua discrição no assunto?

Lady Dumont anuiu em concordância.

— Lorde Creed gosta muito de milady. Espero que esse infeliz incidente não os impeça de encontrar a felicidade um ao lado do outro.

— Obrigada. — Foi só o que Eleanor conseguiu dizer.

Assim que lady Dumont saiu, Eleanor foi até a penteadeira. Desamassou os dois pedaços de papel e viu a elegante caligrafia. Os dois bilhetes haviam sido escritos pela mesma pessoa e a convocação era para o mesmo horário. Às duas. Sem nenhuma dúvida, a letra era de Lydia.

Lydia tramara um plano contra ela, Brandon e a pobre lady Dumont. Com o propósito de evitar o casamento!

Eleanor tocou a sineta para chamar a governanta. Assim que a mulher chegou, pediu-lhe para levar um recado para Lydia. Desejava vê-la imediatamente. Tocou de novo a sineta e pediu um café à criada.

Lydia entrou no quarto, elegante e perfumada.

— Eleanor, querida, o que houve? Ouvi dizer que lorde Creed a abandonou! Como está se sentindo?

Eleanor recuou quando a irmã pretendeu abraçá-la. Lydia fingiu espanto.

— O que está acontecendo, Ellie? Eleanor mostrou-lhe os dois recados.

— Por que escreveu isto? Por que essa insistência em fazer com que Brandon parecesse infiel?

Lydia não procurou negar nada e deu de ombros.

— Ele acabaria sendo infiel de qualquer forma.

— Que espécie de lógica diabólica é essa?

— Eu lhe prestei um grande favor, Ellie — a irmã afirmou, altiva.

— Mandou uma mulher para a cama de Brandon e diz que me fez um favor?

— Eu forcei você a entender que não confiasse em Brandon.

— O assunto não lhe dizia respeito.

— Eu fiz isso para o seu bem.

— Mentira! Fez isso por não suportar a idéia do casamento! Quer Brandon para si mesma ou pretende que todos a acompanhem na sua infelicidade?

— Não acredito que esteja me fazendo esse tipo de acusação! Agi dessa maneira porque amo você. Não podia permitir que minha irmã se unisse a um homem em quem não se pode confiar e que não a amaria como ela merece.

— E quanto a lady Dumont? Lydia acenou com pouco caso.

— Nada aconteceu com ela. Ellie, eu queria apenas encontrar uma maneira de fazê-la entender a verdade.

— Perdoe-me se encontro dificuldade em agradecer — Eleanor ironizou.

— Se chegasse a casar-se com Creed, acabaria por desprezá-lo. Gostaria que alguém tivesse me prestado favor semelhante antes de eu me casar.

Eleanor sentiu revolta. Por Lydia ser malvada e por ela mesma ser tão ingênua e tola.

— Pois eu gostaria de ter sido avisada a seu respeito, Lydia. Por favor, saia do meu quarto.

— Naquela noite ele me chamou de Eleanor.

Eleanor sentiu o mundo desmoronar em cima de sua cabeça. Tremendo, observou o ar de vitória que iluminava o semblante de Lydia. Talvez ela fosse mesmo uma vencedora. Fizera Eleanor desistir de Brandon uma segunda vez!

— Saia daqui! — Eleanor berrou.

— Tenho certeza de que me agradecerá no futuro. — Lydia abriu a porta. — Você seria infeliz se se casasse com Brandon!

Eleanor ficou parada, observando a saída triunfante de Lydia. Não confessaria ter chegado à mesma conclusão, nem lhe agradeceria por isso.

Também seria possível que o casamento com Brandon a tornasse a mulher mais feliz do mundo.

Jamais chegaria a descobrir a verdade.

Capítulo VIII

Londres, escura, fria e úmida, não parecia apresentar mais os atrativos anteriores. Brandon ordenou ao cocheiro que o deixasse no St. James e fosse embora. Pretendia voltar para casa sozinho.

A perna rígida não o ajudou muito na subida dos degraus da entrada. Um porteiro saudou-o.

— Boa noite, lorde Creed. Quer me dar o casaco é o chapéu?

Brandon desfez-se do sobretudo, da cartola e murmurou um agradecimento. O interior do clube era aconchegante e cálido. O cheiro de Carne e charuto impregnava o ar. No salão principal, as conversas desenvolviam-se com animação. Mesmo sem estar lotado, havia muitas mesas ocupadas por cavalheiros que bebiam e tagarelavam. Alguns jantavam, outros tomavam café. Em um recinto anexo sobressaíam o carteado e as apostas.

Um lugar excelente para chafurdar na autocomiseração. Ou para entregar-se à raiva. De si mesmo, de Eleanor, de Lydia e de qualquer pessoa que tivesse alguma ligação com sua ruína.

Brandon não parava de criticar-se pela estupidez de imaginar que Eleanor acreditaria em sua recuperação e de achar que poderia conquistá-la.

Que absurdo! Eleanor dissera que ele merecia coisa melhor e afirmara não acreditar que tivesse mudado! Era uma contradição.

O mais patético havia sido julgar que era digno de Eleanor. Seria até cômico se não fosse trágico. Ela fora procurá-lo na cama e depois o desprezara. Muitos homens teriam se aproveitado da situação para, em seguida, rejeitar a mulher. Com ele tinha sido o inverso.

O pior de tudo era constatar que, depois de todo o sofrimento que Eleanor lhe infligira, ele ainda a desejava e sentia sua falta. Por um breve espaço de tempo ela o fizera supor que a reabilitação era definitiva e que o futuro seria prazeroso. Por um momento, abençoado e desastroso, chegara a importar-se com a opinião de alguém a seu respeito.

Reconheceu lorde Mitchley, um velho amigo de seu pai. Aproximou-se da mesa que ele ocupava, pois seria descortesia não ir cumprimentá-lo.

— Boa noite, Creed. — O olhar de Mitchley estava embaçado e o rosto, vermelho. — Aceita um conhaque?

— E por que não?

Ninguém estranhou quando Brandon ocupou a única poltrona vaga à mesa. Um cálice de conhaque, inocente e tentador, foi deixado diante dele.

Brandon estava ciente do erro e também de que não faria diferença. Todos supunham que ele voltaria aos velhos hábitos. Ninguém, inclusive seus irmãos e Eleanor, acreditava que havia mudado. Wyn expressara sua dúvida antes de Brandon partir para Burrough, talvez suspeitando que a viagem não teria um final feliz.

Brandon não se importava com o que pensavam dele, mas gostaria que lhe dessem uma chance de auto-afirmação. Eleanor lhe prometera uma oportunidade e não tinha cumprido a promessa.

Segurou o cálice, hesitou e depois o levou aos lábios. Estremeceu quando a bebida desceu pela garganta.

Deus misericordioso, como era bom!

Bebeu tudo e os companheiros riram, aprovando.

— Milorde bebe como se quisesse afogar as mágoas — um deles comentou.

— É verdade. — Brandon observou o cálice ser completado.

— Então vamos ajudá-lo. — Lorde Mitchley ergueu o cálice em um brinde e os outros o imitaram. — Ao esquecimento!

Brandon nem se lembrou que não bebia mais.

Na primeira semana após a partida de Brandon, Eleanor entregou-se com fervor às obrigações de anfitriã e fez de tudo para esquecer o coração partido, mas foi em vão.

Os hóspedes voltariam para suas casas no final da semana seguinte e esperava-se que nessa ocasião ela já tivesse escolhido um noivo. Afinal, a festa fora planejada para isso.

Com exceção da família e de lady Dumont, ninguém sabia que Eleanor havia encontrado o homem com quem desejava casar-se e que o perdera.

Ela empenhou-se em descobrir algo que a interessasse nos outros solteiros. Locke nada tinha que o recomendasse. Birch era mais aceitável, porém, mesmo assim, não lhe despertou entusiasmo. Faulkner era muito baixo. Taylor falava demais. Eakes não falava. Falhas insignificantes, mas que a desestimulavam.

Nada sentia por aqueles homens, atraentes ou não, ricos todos, simpáticos ou ensimesmados. Brandon a fazia rir e sabia o momento certo de falar ou de calar-se. Ele nunca a tratara como uma criatura delicada ou irracional, mesmo que ela houvesse dado razões para isso. Brandon não considerava um favor pedi-la em casamento nem a encarava como um prêmio a ser conquistado.

Ele era tudo o que Eleanor desejava, mas, apesar disso, ela o rejeitara. Na ocasião lhe parecera uma atitude acertada e, no momento, o pior erro cometido em sua vida.

Tinha declarado não poder confiar nele. Ou, para ser mais exata, não confiava em si mesma o bastante para confiar nele. Uma sandice da pior espécie que a levava a desprezá-lo.

— Em que está pensando?

Eleanor ergueu a cabeça. Era tarde. Naquela semana Arabella viera todas as noites ver como estava a irmã mais velha. Eleanor havia se habituado com a visita e a aguardava como uma tábua de salvação para a sua sanidade. As duas estavam de camisola, sentadas na cama, como nos velhos tempos.

— Estou tentando avaliar com quem deverei me casar. Arabella continuou a trançar os cabelos.

— Pelo que me consta, sua decisão já foi tomada. O coração de Eleanor disparou.

— Nós já esgotamos o assunto, Belle. Eu lhe expliquei por que não posso me casar com Brandon. Nem se eu mudasse de idéia, ele não haveria de me querer agora.

Aquela certeza era ainda mais dolorosa e forçava-a a considerar a extensão do erro cometido. Brandon poderia nutrir por ela sentimentos profundos, mas era um homem orgulhoso e não lhe daria uma terceira chance. Eleanor se portara tão mal daquela vez como da primeira, quando tivera motivos para tal procedimento.

— Posso entender que exista alguma razão idiota para achar que o casamento não daria certo. Só não entendo por que não se pode tentar!

De novo? Eleanor levantou as mãos para não arrancar os cabelos.

— Eu duvidei de Brandon! Acreditei que me traía! Nunca poderei confiar nele.

Arabella revirou os olhos.

— Pelo amor de Deus, Eleanor! Quantas vezes duvidei de Henry!

— É mesmo?

— Eleanor, não seja tola! Claro que sim! Duvidar é um sentimento humano. Eu fico horas a imaginar se Henry pensará em procurar alguma mulher mais graciosa quando eu estiver gorda, de sete ou oito meses.— Arabella acariciou o ventre arredondado, que mostrava os primeiros sinais de gravidez. — Henry diz que sou uma tola, e tento acreditar nele, mas, logo em seguida, me perco em dúvidas.

Não parecia possível que Arabella sentisse insegurança no casamento. Ela e Henry eram... perfeitos um para o outro.

— E como se pode enfrentar isso, Belle?

— Minha querida irmã, é simples. Os homens têm receios semelhantes! Eles imaginam que podem ficar calvos ou gordos e que as esposas encontrarão um amante mais jovem. Pensam que poderemos deixar de amá-los, assim como nós pensamos deles. Por isso a confiança é fundamental.

— O problema é que não confio em Brandon.

— Nada disso, Ellie. Se desconfiasse de verdade, nunca lhe teria dado a oportunidade de provar a recuperação dele.

— Eu pensei que lhe tivesse dado, mas não dei. Arabella suspirou, exasperada.

— Ellie, não percebe que está agindo de maneira irracional?

Eleanor brincou com a renda da manga.

— De início, talvez. Assim que o choque passou, comecei a pensar com clareza.

— Está vendo? — Arabella sorriu com confiança. — Qualquer uma ficaria chocada com o que viu. Se eu tivesse encontrado uma mulher na cama de Henry, teria feito um escândalo até esclarecer tudo!

Eleanor compreendeu que fora mais fácil se refugiar no desalento e na culpa.

— Eu não deveria ter duvidado dele.

— Ellie, a dúvida foi a respeito de si mesma, e não de Brandon! Agora o está punindo porque tem medo de deixar a segurança da casa de nosso pai e assumir a própria vida.

— Não é isso! Ou era? Reagira daquela maneira por medo? Brandon não se

importava com a opinião dos outros. Ela, sim.

Seria possível que temesse ser julgada como tola por ter dado a Brandon uma nova oportunidade, enquanto ele era condenado pela maioria da sociedade?

Não. Eleanor recusava-se a pensar que ela fosse uma pessoa tão fútil.

— Ellie, durante anos a sua existência foi restrita aos cuidados da família. E nesse tempo teceu um casulo à sua volta que não lhe permitia enxergar o mundo. Diga-me, o que de pior poderia acontecer se resolvesse casar-se com Brandon?

Ele morrer. Mas ainda havia algo mais terrível.

— Brandon poderia encontrar alguém para me substituir.

Seria possível que ela o amasse?

— O inverso também seria possível — Arabella ponderou. Para Eleanor, o amor era eterno!

— Eu jamais o trocaria por outro!

— Ellie, a possibilidade existe nos dois casos. Por que acha que você não o trairia?

Como Arabella ousava perguntar um absurdo daqueles? Seria esse o péssimo conceito que ela fazia da própria irmã?

— Eu seria incapaz de fazer uma coisa dessas! — Eleanor jamais desrespeitaria o marido, mesmo num casamento infeliz.

Arabella acariciou o estômago.

— Lydia já disse a mesma coisa.

— Como assim? — Eleanor sentiu um frio repentino percorrer-lhe a espinha.

— Lydia confessou uma vez que jamais trairia os votos matrimoniais.

Eleanor sentiu muito raiva pela comparação. A própria Lydia admitira o envolvimento com Brandon, mas Eleanor nada dissera às irmãs.

— Não sou como Lydia.

— Sei disso, é Brandon também não é o mesmo homem que conhecemos há dez anos. Como saber o que acontecerá na próxima década? E, mesmo assim, Ellie, vejo-a disposta a atirar pela janela a chance de ser feliz. E por quê? Por receio.

— Eu...

Eleanor não encontrou palavras para uma resposta. Arabella estava certa. O que seria melhor? Alguns anos de felicidade ao lado de Brandon ou uma vida vazia como vivera até aquele momento? Poderia ser ainda pior. Casar-se com um homem que, em nenhuma hipótese, resistiria a um confronto com Brandon.

Foi quando a resposta apareceu com surpreendente clareza e Eleanor admirou-se pela demora de sua compreensão.

Estava na hora de abandonar a vida de eremita e agarrar com unhas e dentes a oportunidade de contar com uma existência maravilhosa. Poderia ser esposa, mãe, dona de seu nariz, e faria tudo o que as mulheres casadas podiam fazer. Frequentaria as reuniões sociais e construiria uma roda de amigos. Londres sempre a fascinara.

Passaria as noites nos braços de Brandon e os dias procurando agradá-lo. Envelheceria ao lado dele.

Havia a possibilidade do casamento não dar certo, como em todos os

relacionamentos. O pai e Arabella afirmavam a mesma coisa. A probabilidade era de que Brandon e ela tivessem uma vida agradável. Se a fascinação mútua havia sobrevivido a dez anos de afastamento e rancor, certamente floresceria com afagos e bons tratos.

O pai também lhe dissera para não ter medo do futuro e aproveitar o presente. Apesar dos contratempos iniciais, poderiam viver juntos e apaixonados, em paz e harmonia. Se não seguisse o próprio coração, jamais saberia.

— Acha que Brandon voltaria se eu lhe pedisse?— Eleanor fitou a irmã com esperança.

A expressão de incerteza de Arabella a fez desconfiar de que a irmã lhe escondia algo.

— Ellie, será melhor ir para Londres o quanto antes. Eleanor levou a mão ao peito. Oh, Deus! Teria acontecido alguma coisa com Brandon?

— Arabella, diga logo o que sabe. A irmã pareceu pouco à vontade.

— Tenho escutado notícias de Londres...

— Boatos?

— É possível e dão conta de que lorde Creed tem sido visto em vários clubes e festas da capital.

Com outra mulher?

— E?

Arabella inspirou fundo e torceu os lábios.

— Sempre embriagado.

Eleanor não sabia se ria com alívio ou chorava de desespero. Brandon havia voltado ao vício por causa dela. Depois de ter sido rejeitado, na certa achara que não precisava mais provar que era um novo homem.

Talvez beber fosse a única maneira que ele encontrara para amortecer a dor da saudade. Apesar do motivo deixá-la lisonjeada, preferia ter escutado que Brandon se encontrava melancólico, porém sóbrio.

Só havia uma coisa a fazer. Os dois se sentiam infelizes por uma tolice e Eleanor cansara-se de ser tola. Levantou-se de um pulo.

— Belle, ajude-me a arrumar as malas. Partirei amanhã cedo.

Arabella também ficou em pé e acompanhou Eleanor até a cômoda onde eram guardadas meias e camisas.

— O que pretende fazer quando chegar lá?

Cuidar dele como prometera e ajudá-lo mais uma vez a abandonar o vício? Eleanor não sabia. O certo era que seu coração não lhe permitiria abandoná-lo. Se existisse apenas uma chance de ser feliz ao lado de Brandon, ela não a descartaria. Ambos mereciam a felicidade..

Eleanor puxou a arca do guarda-roupa.

— Descobrir se ele é o homem que eu penso que seja. Deus não haveria de permitir que o tivesse perdido.

Brandon sentiu os olhos queimando como areia do deserto. A garganta estava seca e a língua, grossa. A dor de cabeça era lancinante.

Sóbrio, experimentou enjôo ao movimentar-se na cama e fechou os olhos para não ver o colchão se deslocando. Tudo girava.

Mexeu os pés. Felizmente não quebrara a outra perna naquela crise de embriaguez.

Deitado de botas, calça e camisa, não se lembrava como havia tirado o colete e a gravata antes de perder os sentidos. Ah, precisava de um drinque para voltar ao normal.

De pálpebras cerradas, tateou em vão à procura da garrafa que sempre deixava ao lado da cama. Encontrou apenas o tapete.

Droga!

Teria de chamar um criado e pedir outra garrafa de conhaque. Fazia tempo que não se sentia tão mal e demoraria ainda mais para chegar outra vez ao caminho da sobriedade.

Ergueu a mão para puxar a corda e abriu os olhos. A luz forte aumentou a dor e Brandon teve a impressão de que a cabeça se partiria ao meio. As cortinas tinham sido descerradas. Junto à janela, de braços cruzados sob o busto, uma sombra com um halo angelical sobre os cabelos.

— Olá, Brandon. Eleanor!

Ele sentiu o coração disparado e o estômago revoltado. O orgulho exigia que ficasse em pé e a expulsasse do quarto. Não fez nada disso. Continuou deitado, rezando pela morte. Seria a melhor solução, pois tinha sido descoberto.

Eleanor tentava matá-lo. Bela e delicada, arrancara seu coração e o pisoteara. E se encontrava no quarto dele!

— O que está fazendo aqui? — Brandon não conseguiu franzir o cenho.

Ela se aproximou e foi possível distinguir o desapontamento em seu rosto bonito.

— Essa não é pergunta que se faça a uma noiva.

— Volte para a janela! Não tenho nenhuma noiva.

Eleanor chegou mais perto.

— Não? Por acaso está me renegando?

— Esse é um costume seu de agir, não meu. — Brandon ergueu a cabeça, que pesava cem quilos.

— É mesmo. — Eleanor fingiu refletir por um momento. — Bem, nesse caso, você terá de me considerar sua enfermeira.

— Do que está falando? — Ele alterou-se e concluiu que falar em voz alta custava muito.

Eleanor curvou-se sobre a cama para falar com Brandon e ele pôde ver finíssimos riscos nas íris azuis.

— Prometi cuidar de você caso adoecesse de novo. — Eleanor franziu o nariz. — E posso constatar que houve uma recaída.

— Não estou doente. Preciso apenas de uma dose de conhaque. — Brandon tentou

puxar a corda da campainha.

Deus não deveria permitir que ela o visse naquele estado. Se estivesse apenas embriagado, nem se incomodaria. Ele exalava cheiro de conhaque, uísque, suor, sujeira e Deus sabia mais o quê. Na verdade, não ignorava o que era, mas não queria pensar nisso naquele momento. A sensibilidade do estômago era demasiada.

— Não precisa chamar ninguém — Eleanor declarou.

Brandon segurou a corda sem a puxar. Mulher cruel! Esperara ele fazer um esforço enorme e depois queria impedi-lo de conseguir o intento.

— O que está pretendendo dizer com isso? Por que ela insistia em parecer uma freira?

— Os criados não lhe trarão bebida porque não há mais nenhuma.

Com certeza, Eleanor queria matá-lo. Brandon tinha certeza de que ainda havia duas caixas. Não poderia ter tomado todas tão depressa.

— Eu mandei jogar tudo fora — ela explicou. — Para ser sincera, acho que os criados pretendem vender as caixas em alguma taverna do cais.

Eleanor destruíra não apenas a chance de felicidade dele, mas também o ensejo de esquecer a tristeza! Francamente, Brandon nunca poderia supor que ela fosse capaz de tamanha maldade! Além do mais, Eleanor nem estava preparada para ver as conseqüências. Voltar para a sobriedade não era uma imagem muito bonita e somente um drinque aliviava a crise. Os tremores eram incontrolláveis e uma espécie de encefalite o acometia depois de ele vomitar por todo o recinto.

Brandon não queria que Eleanor testemunhasse isso.

— Saia da minha casa!

— Não. — Ela recuou. Brandon tentou levantar-se.

— Eu disse para sair da minha casa! — Ele caiu de costas na cama. As pontadas na cabeça pioravam, como se isso fosse possível.

— Brandon! — Eleanor tornou a aproximar-se e apalpou-lhe o rosto com as palmas frias. — Está se sentindo bem?

— Não! Depressa... o urinol.... debaixo da cama. Brandon fechou os olhos. A dor na cabeça aumentava na razão direta da tontura. Percebeu Eleanor procurar o urinol sob a cama e rezou para que estivesse vazio.

— Onde quer que eu o deixe?

Por certo estava limpo ou ela teria expressado o desagrado. Brandon abriu os olhos.

— Dê isso para mim. Eleanor obedeceu e ele arrancou o vaso das mãos dela.

Sentou-se e destampou-o. Ah, felizmente vazio. Embora não por muito tempo. Brandon aliviou o estômago duas vezes, mas a ânsia não cedeu.

Ele esquecera como aquela angústia era horrível e humilhante, ainda mais com a presença de testemunhas.

Brandon limpou a boca com a manga, sem forças para discutir quando Eleanor tirou o recipiente de suas mãos trêmulas.

Aquele era apenas o início. — Eleanor, por tudo que é mais sagrado, vá embora.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não posso deixá-lo nesse estado. A expressão de remorso e pesar de Eleanor piorou ainda mais o ânimo de Brandon, mas ele não se importou em admitir que ela bem merecia sentir-se culpada pelo que estava acontecendo. E quando Brandon abriu a boca para falar, a voz refluíu para a garganta e ele mal teve tempo para agarrar novamente o urinol.

Brandon apostou que Eleanor o deixaria em menos de uma hora.

Brandon estava morrendo.

Eleanor havia suposto que ele não ficaria satisfeito ao vê-la, mas não que piorasse tanto depois da sua chegada. Brandon ficou insuportável. A agitação misturou-se ao desatino e à violência. Os tremores vieram e não pararam.

Na madrugada do dia seguinte à sua chegada, Eleanor pensou que ele tinha sido acometido de um ataque. Em meio a tremores contínuos, espasmódicos e intensos, Brandon ordenou-lhe que partisse. Ele resmungou várias coisas, nenhuma delas agradável. Algumas frases Eleanor nem entendeu. A agressividade de Brandon quase a fez desistir, mas ela não o deixou. Os sintomas físicos eram horríveis e preocupantes.

A última crise a fez descer correndo a escada, ainda vestindo as mesmas roupas com que chegara. Passara a noite inteira sentada ao lado da cama de Brandon. Ali mesmo havia feito as refeições e usara o quarto de vestir para suas necessidades.

Ciente de que era preciso trazer ajuda para Brandon, verificou que conhecia Londres de maneira superficial. Não sabia onde encontrar os melhores clínicos, nem quem era o médico pessoal de Brandon. Seria melhor perguntar a um criado ou ao seu valete.

No grande hall, onde imperava o mármore, encontrou a governanta conversando com um homem que deveria ser o mordomo. Na certa falavam sobre a estranha que havia se apresentado sem nenhuma cerimônia, pedira chá e passara a noite nos aposentos de milorde.

— Por favor — Eleanor se aproximou do casal —, lorde Creed precisa de um médico. Imediatamente.

Os dois a fitaram como se ela falasse em grego.

— Ninguém me escutou? Eu disse que lorde Creed precisa de um médico!

— Nós escutamos, milady — o homem retrucou em tom pouco amistoso.

— Então, por que não manda buscar o clínico dele? Ele e a mulher se entreolharam.

— Não nos leve a mal, milady, mas lorde Creed não gosta de interferência quando está nessas condições. Como nós não a conhecemos, teremos de cumprir as ordens dele.

Certamente o criado pessoal saberia quem ela era, mas Eleanor não o vira desde sua chegada. Ou Brandon o tinha despedido, ou o dispensara temporariamente.

— Sou Eleanor Durbane — ela os informou com altivez — filha do conde de Burrough e futura viscondessa de Creed. Aliás, esse título eu não terei se não forem chamar um médico imediatamente!

A governanta fez uma mesura e saiu apressada. O mordomo corou, também fez uma mesura, mas não se mexeu do lugar.

— Devo chamar os irmãos de milorde? Eles têm experiência nesses assuntos.

Eleanor anuiu, esfregando a testa com a ponta dos dedos.

— Sim, faça isso. — Cansada e temerosa, precisava de ajuda. — Qual é seu nome?

— Jeffers, milady. Mandarei a cozinheira fazer um caldo de carne. Isso costuma ajudar nesses casos.

Saber que os criados de Brandon estavam acostumados com situações desse gênero acalmou-a um pouco.

— Perdoe-me a intromissão, milady, mas pedirei também ao cozinheiro para aprontar o desjejum. Milady precisará de energia para enfrentar a batalha que a aguarda.

— Está insinuando que isso não é o pior?

— Não quero que milady me tome por impertinente. — O homem idoso fitou-a com simpatia.

— Por favor, pode falar.

— Pois não. Nos próximos dias milorde se tornará uma pessoa muito difícil, e se milady pretende ajudá-lo nessa provação, devo avisá-la de que será uma tarefa extenuante.

Próximos dias? Teria de suportar o medo por tanto tempo? Impossível.

— Agora, se me permite, lady Eleanor, mandarei buscar lorde Wynthrope e o sr. North.

— Sim, claro.

Somente eles poderiam dizer-lhe se teria de temer pela vida de Brandon.

Eleanor voltou aos aposentos de Brandon. Deitado na cama e com a pele fria ele transpirava em meio a violentos tremores. Sem saber se deveria cobri-lo, odiou sentir-se inútil. Era horrível vê-lo sofrer e não poder ajudar.

Brandon estava com a cabeça largada no travesseiro, tinha mechas de cabelos escuros colados na testa e olheiras profundas. A barba por fazer sombreava-lhe as faces. Pouco se parecia com o Brandon que saíra de Burrough havia pouco mais de uma semana.

Por que ele fizera tudo aquilo consigo mesmo e por sua causa? Seria tão difícil entender que ela não valia a saúde perdida?

— Eleanor...

Ela correu para a beira da cama.

— Brandon?

Ele não a reconheceu. Jogava a cabeça de um lado para outro, com semblante carregado de pavor.

— Eleanor — Brandon repetiu em voz baixa e rouca — não confia em mim... não acredita que mudei.

Lágrimas vieram aos olhos de Eleanor, que se culpava por tudo! Curvou-se e afastou-lhe uma madeixa da testa.

— Eu confio, Brandon. De verdade.

Confiava nele em relação a outras mulheres, mas admitiu que seria capaz de reear o retorno do vício quando houvesse uma crise entre ambos.

Certamente iria demorar um pouco para Brandon acreditar em Eleanor. Ela o havia rejeitado, ferido seu orgulho, então teria de provar ser leal e sincera. Era possível que Brandon não mais quisesse desposá-la, o que, nas atuais circunstâncias, era o que menos importava. No momento, o principal seria ajudá-lo a suportar a provação.

Uma coisa era certa: Eleanor não estava disposta a abandoná-lo quando Brandon melhorasse. Não iria embora, mesmo que ele a mandasse de volta para Burrough.

Brandon continuou a falar, e Eleanor nada entendeu. Ela se limitou a limpar-lhe a testa com o lenço e aguardou, aflita.

Finalmente o dr. Griggs chegou. Bondoso e simpático, logo deixou Eleanor à vontade ao explicar que estava a par dos sintomas de Brandon e que também atendera o falecido visconde no passado.

— Vá descansar — ele recomendou. — Tome um bom café da manhã e ocupe-se com tarefas mais agradáveis. Eu prometo cuidar bem de lord Creed.

Eleanor entendeu que o dr. Griggs era bastante qualificado para tomar conta de Brandon. Pediu ao médico para chamá-la antes de ir embora ou caso houvesse uma intercorrência. Desculpou-se e foi para o quarto que as criadas haviam preparado para ela. Chamou sua criada particular e pediu água quente.

Um olhar no espelho confirmou a suspeita de que estava com péssimo aspecto. E o cheiro também não era dos melhores.

Entrou na banheira, lavou-se e enxugou-se. Deixou o banho mais demorado para quando Brandon se recuperasse um pouco. Mary ajudou-a a trocar de roupa e fez um coque simples em seus cabelos. Sem tempo para frivolidades e usando um vestido de casa de musselina azul, desceu para comer antes de os irmãos de Brandon chegarem e de o dr. Griggs ir embora. Imaginou se os irmãos de Brandon a culpariam pela recaída e, por isso, a desprezariam.

Sentou-se sozinha à longa mesa de mogno polido. Tomou uma xícara de chá, comeu um pouco de ovos mexidos e uma torrada com manteiga. No minuto seguinte, dois cavalheiros, que deviam ser Wynthrope e North, entraram na sala e Eleanor perdeu o apetite assim que os viu: ambos altos, atraentes e de olhos azuis. Wynthrope era mais elegante, e North, mais encorpado.

— Eis a famosa lady Eleanor, se não me engano. — North aproximou-se da mesa com um sorriso.

— Ou a perversa, se pudéssemos dar crédito às palavras de nosso irmão. — Wynthrope também sorriu. — E um prazer conhecê-la, milady.

Prazer?

— Por favor, sentem-se.

Wynthrope puxou uma cadeira.

— Quem foi capaz de causar a Brandon tanto sofrimento merece o meu respeito.

Aquele homem seria maluco ou estaria brincando?

— Seu irmão está muito doente. Os dois homens ficaram sérios.

— Com tremores e vômitos? — Wynthrope perguntou. Eleanor anuiu.

Os irmãos se entreolharam.

— Os delírios começarão logo — North informou-a.

— Creio que já começaram. — Apesar de tudo, Eleanor sentiu-se mais confortada com a presença deles.

— Ele se tornará violento. — North não suavizou a crise. — E poderá usar de palavras desagradáveis.

— Procure ignorar isso — Wynthrope aconselhou-a. — Brandon ficará fora de si até eliminar todo o veneno.

— O dr. Griggs está com ele — Eleanor explicou. — Deverá descer logo. Pedi que falasse comigo antes de ir embora.

— Então esperamos com milady. — North alcançou o bule de prata e serviu-se de café.

Em seguida, Wynthrope fez o mesmo. Eleanor não suportou o silêncio que se seguiu.

— Sinto muito.

Os dois a fitaram, curiosos.

— Por quê?

Com mãos trêmulas, ela colocou a xícara no pires com barulho exagerado.

— Sou culpada pela recaída de seu irmão.

— Milady segurou o copo para ele beber? — Wynthrope perguntou com malícia.

Que estranho senso de humor!

— Claro que não. Mas se eu não tivesse rejeitado a proposta de Brandon, nada disso teria acontecido.

— Era o que eu havia imaginado. — North tomou um gole de café.

— E eu tinha certeza — Wynthrope comentou, presunçoso. Como eles podiam não desprezá-la?

— Sinto-me péssima a respeito.

— Nem pense nisso — Wynthrope declarou. — Não foi sua culpa.

— Lady Eleanor, Brandon teve uma oportunidade e a perdeu — North opinou.— Ninguém o obrigou a beber. As conseqüências foram por falha dele, e não nossa.

O dr. Griggs entrou naquele momento e os três se levantaram.

— Como está ele? — Eleanor foi a primeira a falar.

— Vai demorar uns dois dias para melhorar. — O que eu poderei fazer para ajudar?

Griggs estendeu-lhe uma folha de papel.

— Preparei uma lista, milady. O visconde precisa tomar muito líquido mesmo que lhe seja difícil engolir. Nenhuma comida sólida pelas próximas quarenta e oito horas. Apenas caldo de carne, chá e água.

— Só isso? Nenhum medicamento?

— Paciência é o único remédio que milady tem para lhe oferecer. — O médico sorriu com simpatia. — Os venenos têm de ser eliminados aos poucos. Assim que a febre ceder, Brandon voltará a si e então milady poderá alimentá-lo.

Eleanor ofereceu-se para acompanhar o médico até a saída. Ele agradeceu, recusou, despediu-se de todos e saiu.

— Milady mandou jogar fora todas, as bebidas?— perguntou Wynthrope assim que os três ficaram sozinhos.

— Sim, milorde.

— Então, vou procurar nos esconderijos usuais onde sempre se encontra algum

estoque.

— Vou falar com Charles, o criado particular de Brandon — North falou. — Ele deve estar ansioso por notícias.

— O que farei agora? — Eleanor indagou.

— Fique com ele e procure fazer com que tome água. Quando Charles voltar, trataremos de dar um banho em Brandon.

— Eu me sinto tão inútil... — ela murmurou.

Os irmãos a seguraram pelos ombros e Eleanor sentiu-se confortada.

— Lady Eleanor, um grande trabalho nos espera — North afirmou. — Posso lhe garantir que não será fácil.

— Do que se trata?

— Teremos de convencê-lo a permanecer sóbrio.

— Eu já lhe disse para sair da minha casa! — Brandon falou ao acordar e ver Eleanor em seu quarto.

O cheiro convidativo dos ovos quentes, do café recém-coado e das torradas frescas não lhe diminuiu o mau humor.

— Várias vezes, na verdade. — Eleanor pôs a bandeja na cama, sem se incomodar com a carranca dele.

— E por que ainda não foi embora?

Ela abriu um guardanapo alvo e cobriu o peito de Brandon.

— Resolvi ignorar o seu pedido.

— Não preciso ser mimado!

Eleanor arrumou a bandeja e deixou tudo à mão de Brandon.

Havia quatro dias estava em Creed House cuidando dele, sem se importar com seu mau humor e palavras ásperas.

Por que Eleanor não ia embora?

Era provável que ela agüentasse os desaforos por se achar culpada pela triste situação que presenciava. E como boa samaritana, acreditava no dever de ajudá-lo.

Dois dias antes, ainda trêmulo e fraco, Brandon pedira a um criado que procurasse uma bebida. Nada havia sido encontrado. Mandara vasculhar os estoques secretos, com resultado idêntico. Na certa, Eleanor tinha contado com a ajuda de Wyntrope e North para se livrar de tudo.

Droga!

Os dois também não o largavam fazia quatro dias e, mesmo sem o criticarem, era possível constatar o desapontamento deles. Felizmente Devlin estava no campo com Blythe e o filho deles. Era um a menos para olhá-lo com desaprovação.

Nem mesmo se sentia agradecido por Eleanor tê-lo livrado da tentação. Um gole apenas seria suficiente para acabar com os tremores, e, se ficasse bêbado, não teria

consciência da presença de Eleanor, mais tentadora do que qualquer garrafa de uísque.

Brandon concluiu que era apenas o sentimento de culpa que a impedia de abandoná-lo. Eleanor tratava-o com dedicação, mas também com frieza. Era provável que temesse os falatórios de que causara a sua morte.

Bem, mas se ela se preocupasse com a opinião dos outros, não estaria ali. Era uma mulher solteira hospedada na casa de um homem solteiro, sem dama de companhia e apenas com a criada!

Era provável que Eleanor, com sua reputação em perigo, esperasse ser pedida de novo em casamento. Brandon admitia que seu maior desejo era ajoelhar-se a seus pés e pedir-lhe que ficasse a seu lado. Apesar disso, não diria uma só palavra. Eleanor não o faria de tolo pela terceira vez!

Não! Bem... a menos que lhe garantisse desejar ser sua esposa, mas isso ela jamais faria. O orgulho a impediria de assumir riscos sem ter certeza do desenlace.

Brandon observou-a. Apesar das olheiras e da palidez não habituais, Eleanor continuava linda e ele não se sentiu responsável pela exaustão que viu em sua fisionomia. Ninguém a obrigara a ficar e presenciar o horror de seus ataques compulsivos.

— Quer que o ajude a comer?

Brandon franziu a testa. Não era nenhum inválido! Fraco, sim, mas haveria de recuperar-se. Ah, ele preferia ficar embriagado a presenciar tantas boas intenções.

— Quero que você vá embora.

— Está bem. — Eleanor foi até a porta. — Virei vê-lo mais tarde.

Ela era mesmo obstinada.

— Quero que deixe a minha casa!

Eleanor virou-se e cruzou os braços sob o busto adorável.

— Desista, milorde.

O desejo mesclou-se ao ódio. Aquela era a casa dele e Eleanor não tinha o direito de agir como senhora do que não lhe pertencia!

— Mandarei Jeffers atirá-la para fora!

— Jeffers jamais faria isso. Você também não. Era verdade.

— Que tipo de punição perversa é essa sua teimosia em ficar?

— Acha mesmo que desejo puni-lo?

— Percebo que pretende castigar a si mesma. Eu nada tenho a temer, pois a minha reputação já está mais do que arruinada. Entretanto é evidente que está arriscando a sua.

— Eu lhe devo isso. Estou tentando me redimir e você não ignora o fato.

Outra vez bancando a mártir!

— Poderia ter-me enviado uma mensagem.

— Eu prometi que cuidaria de você se houvesse uma recaída.

Ah, então tinha sido apenas por isso!

— Aquilo não passou de um flerte.

Mas quando havia lhe pedido a promessa, Brandon não tivera a intenção de beber novamente e a situação entre eles era maravilhosa.

Eleanor deu de ombros, e o gesto elevou o busto.

— Foi uma promessa.

— Assim como prometeu ser minha esposa. Por que manter uma e não a outra?

Ela corou, humilhada, e nada respondeu.

— Não me olhe desse jeito, como se fosse a parte ofendida — disse Brandon. — Não me importo com o seu desejo de se martirizar. A rejeição partiu de você, e não de mim.

— Eu sei.

— Então, por que veio até aqui?

— Porque eu quis.

— Não está lamentando a decisão de não se casar comigo, está?

A ironia não permitiria a Eleanor admitir o contrário, mesmo se quisesse, e ela nada respondeu.

— Estava certa a meu respeito, Eleanor. Eu não mereço confiança. No minuto em que a situação não me agrada, corro para a primeira garrafa. Como ter certeza de que isso não se repetirá? — Brandon notou-a empalidecer. — Deus é testemunha do que fiz nesse período.

Ele tinha uma vaga lembrança do que ocorrera nos dias em que começara a beber. E também de quando havia acordado e visto Eleanor em seu quarto.

— Eleanor Durbane, talvez possa ler sobre isso num futuro próximo em algum livro escrito por uma prostituta. — Brandon foi incapaz de resistir a um golpe baixo.

Desejava feri-la, pois era doloroso demais ficar a seu lado e saber que ela o rejeitara.

— Eu só queria ajudar, Brandon — Eleanor sussurrou. Ele riu com amargura.

— Ficar aqui por dever não me ajudará em nada, Eleanor. Vê-la a cada instante sem poder tocá-la, também não. A única vantagem da sua presença é provar minha estupidez em achar que eu poderia me reabilitar.

— Você se reabilitou. Não é o mesmo homem de antes. Por que ele não se aliviara no recipiente de ponche na festa de Burrough? Por que não se deitara com Lydia, apesar da insistência dela? Por que havia sido um idiota ao entregar o coração para Eleanor?

A situação atual de Brandon era a prova de que ela estava errada.

— Não brinque comigo. Nós dois sabemos que essa afirmação não é verdadeira. Não mudarei nunca, nada poderei lhe prometer e nem fazer promessas a mim mesmo. Tornou-se óbvio que não tenho forças para abandonar o vício.

— Brandon... Brandon não queria que Eleanor se sentisse culpada por não estar preparada para dar-lhe o que ele desejava. Qualquer outra coisa seria insultuosa, por melhores que fossem as intenções dela. Eleanor não viera por amor, mas por caridade e obrigação. Nenhum homem com orgulho suportaria tal coisa..

— Por favor, vá embora. Se quer mesmo ajudar, deixe-me em paz.

O pesar no semblante de Eleanor o constrangeu. Assim mesmo era preferível a tê-la a poucos passos e saber que emocionalmente ela se encontrava a quilômetros de distância. Eleanor não entendia que a sua presença naquela casa o prejudicava?

Ela endireitou as costas e deixou os braços penderem dos lados. A luta interior era

certa, embora não visível.

— Se precisar de mim, estarei lá embaixo, no salão verde.

— Não precisarei!

Brandon observou-a sair e conservou diante dos olhos a imagem de seu rosto infeliz. Empurrou para o lado a bandeja com a refeição intacta. Largou-se de costas nos travesseiros. Deus deveria perdoá-lo por ser tão mentiroso.

Precisava muito de Eleanor. Ela viria se a chamasse?

Capítulo IX

Perdão, lady Eleanor, a sra. Carson a espera no grande hall. Eleanor, que escrevia para Arabella sentada junto à secretária do salão verde, ergueu a cabeça, surpresa.

— Tem certeza de que ela quer ver a mim?

O mordomo anuiu.

— Ela pediu para falar com milady;

Eleanor guardou a pena, os papéis e fechou o tinteiro.

— Então será melhor mandá-la entrar. Jeffers não escondeu o desagrado.

— Não pretendo ser desrespeitoso, milady, mas a sra. Carson é uma mulher de má fama.

— Eu sei e isso me deixa ainda mais curiosa acerca do motivo da visita.

Eleanor sabia que sua permanência na casa de Brandon contrariava as regras do decoro. O que, no entanto, não a rebaixava ao nível de Fanny Carson. E não pelo fato de Fanny ter muitos amantes, mas por ela os chantagear.

— Como queira, milady. — A desaprovação continuava. Jeffers e a sra. Stubbins, a governanta, haviam assumido uma atitude protetora a seu favor. A lealdade lhe agradava, mas não se fazia necessária.

Jeffers saiu e Eleanor alisou a saia enquanto esperava. Mordeu o lábio e beliscou as bochechas. Postou-se de costas contra uma janela. A luz produziria um halo a seu redor e disfarçaria as olheiras. Não pretendia impressionar Fanny Carson, mas não queria parecer sem graça diante da outra.

A mulher que entrou na sala deixou Eleanor perplexa. Ela esperava uma bonita prostituta, mundana e sofisticada.

Talvez aquela não fosse a sra. Fanny Carson.

Eleanor viu uma figura alta, ruiva e sem nenhum atrativo especial. As roupas, em qualquer outra, teriam parecido andrajos. Ela usava um corpete de veludo verde-oliva e

vestido de musselina bege. Com estilo, mas longe de estar na moda.

Apesar disso, um poder que não agradou a Eleanor emanava de todos os poros.

— Obrigada por receber-me, lady Eleanor — a mulher falou em voz baixa e rouca.

Eleanor saiu de trás da secretária e indicou-lhe uma poltrona.

— Admito que fiquei curiosa com a sua visita. Sente-se, por favor. Aceita um chá?

A sra. Carson sentou-se em uma das poltronas estofadas e começou a tirar as luvas.

— Aceito, se milady me fizer companhia. Na verdade, vim até aqui por dois motivos.

Eleanor tocou o sino. Pediu chá e bolo para a criada que veio atender. Sentou-se em frente à sra. Carson.

— Dois?

A sra. Carson cruzou as mãos no Colo, por cima das luvas.

— Lady Eleanor, perdoe-me a impertinência, mas sabe quem eu sou?

A pergunta pareceu sincera, sem tom de desafio. Eleanor achou que poderia simpatizar com ela e recriminou-se pela idéia.

— A senhora é Fanny Carson, autora de *Memórias de uma Mulher Bem-Amada*.

— Isso mesmo. — Foi a vez de Fanny surpreender-se. — Milady leu o meu livro?

Essa pergunta não deveria ser feita a uma jovem solteira ou a qualquer mulher decente. Eleanor teve vontade de rir de si mesma. Decente, ela? Dormira com um homem que não era seu marido e no momento se hospedava na casa dele. O que, além do berço nobre, a tornava tão diferente de Fanny Carson?

— Apenas as partes relativas a Brandon. Fanny Carson riu com franqueza.

— Eu estava certa a respeito dele, não é?

— Em alguns aspectos.

— Não em todos? — Fanny inclinou-se para a frente, com um brilho malicioso nos olhos verdes:

— Sra. Carson, a isso eu chamaria de impertinência.

— Pode chamar-me de Fanny.

— Está certo. — Eleanor surpreendeu-se com a própria concordância.

— Posso chamá-la de Eleanor?

Eleanor não viu inconveniente, pois era pouco provável que as duas voltassem a se encontrar. Depois de Brandon estar curado, ela voltaria para o campo e jamais retornaria a Londres. Ora, mas não deveria pensar no futuro.

— Claro.

A criada trouxe o chá, que Eleanor apressou-se a servir. Fanny tomou a bebida pura, sem uma gota de leite, e aceitou um pedaço de bolo gelado.

— Bem, Eleanor, resolvido o assunto de nomes, como está Brandon?

Sem dúvida, Londres inteira sabia que lorde Creed tivera uma recaída. Na certa, ele não bebia com discrição. Vangloriava-se na frente de tudo e de todos.

— Está bem melhor e se recupera a olhos vistos. Gostaria de visitá-lo? — Eleanor achou que ficara louca por fazer tal convite à antiga amante dele.

Contudo não havia motivos para preocupação. Brandon não pensaria em reatar o romance enquanto Eleanor estivesse naquela casa. Além do mais, tivera provas de que ele não se interessava por mais ninguém, a não ser por ela.

Por que não tinha enxergado isso antes?

Fanny recusou com um gesto de mão.

— Não, obrigada. Não creio que ele possa alegrar-se em ver-me depois da publicação do livro. Estimo minhas melhoras a Brandon. Quando ele se levantar, talvez eu venha fazer-lhe uma visita.

Todos tratavam o problema de Brandon como algo corriqueiro. Para Eleanor, o acontecimento era pavoroso. Chegara a temer pela vida dele e ninguém parecia se importar com isso!

— Eu disse algo que a irritou, Eleanor?

— Claro que não. Apenas não consigo entender por que todos tratam o estado de Brandon com tanta naturalidade.

— Porque nós já vimos o espetáculo várias vezes. Eleanor sentiu ciúme de Fanny não por ela ter sido amante de Brandon, mas por conhecer tão bem o passado dele.

— Eu nunca presenciei nada igual. — Eleanor lembrou-se do ponche na festa dos Pennington e teve vontade de rir.

O que estaria acontecendo com ela?

— Talvez seja melhor que nunca tenha visto.

— Por que diz isso?

Fanny Carson lambeu o creme do dedo.

— Por que ele deve ter percebido que o processo á incomoda e terá restrições em repeti-lo.

Eleanor esperava que Fanny estivesse certa, pois jamais aceitaria a embriaguez de Brandon. Ela o ajudaria a lutar e o apoiaria, mas não seria complacente.

Mesmo assim, não discutiria o assunto com uma mulher que não tinha escrúpulos em revelar publicamente a própria vida íntima.

— Quais são os dois motivos da sua visita? Fanny sorriu e pegou outro pedaço de bolo.

— Aprecio sua franqueza, Eleanor.

Ela esperou Fanny terminar de comer o doce. A ruiva limpou a boca com o guardanapo e manchou-o de carmim.

— Vim para vê-la.

— A mim?

— Sim. Eu queria conhecer a mulher que rejeitou meu querido Brandon.

Fanny certamente não sabia que havia sido a segunda vez. Oh, Deus, Brandon poderia ter revelado ao mundo o relacionamento deles durante a bebedeira!

Querido Brandon? As palavras de Fanny começaram a fazer sentido.

— Eu queria ver a mulher que conseguiu manter a obsessão de Brandon Ryland durante uma década. — Fanny recostou-se na poltrona e fitou-a de alto a baixo. — Ele sempre falava a seu respeito.

— Eu não podia imaginar. Fanny estreitou os olhos verdes.

— Os boatos dizem que a recaída de Brandon pode estar relacionada com a recente viagem à casa de lorde Burrough.

— É por isso que veio me ver?

— Digamos que tenha sido por curiosidade e agora entendo por que Brandon nunca a esqueceu. Confesso que é uma mulher intrigante, Eleanor. — Fanny deixou a xícara e o pires na mesa lateral e levantou-se. — Preciso ir.

Também Eleanor ficou em pé.

— Obrigada pela visita. — Era bizarro agradecer o inusitado da situação.

— Agora o segundo motivo. — Fanny calçou as luvas. — Vim pedir-lhe que tome conta do meu menino. Ele é mais delicado do que parece.

Eleanor teve vontade de rir ao pensar na delicadeza do "menino".

— Tentarei.

Fanny fitou-a com seriedade desprovida de qualquer simpatia.

— Eleanor, faça mais do que tentar. É óbvio que veio a Creed House por gostar de Brandon, e isso a favorece. Mas também percebo que está aqui por sentir-se culpada, o que me faz supor que você talvez tenha algo a ver com a última recaída. Brandon jurou no túmulo do pai que faria o impossível para não beber mais e ele quebrou o juramento por sua causa. Isso me fez imaginar o tamanho do poder que exerce sobre ele. Se abusar desse domínio, esteja certa de que a farei pagar por isso. Tenha um bom dia.

Imóvel e arfante, Eleanor observou a mulher sair. Fanny Carson a ameaçara! Por outro lado, as palavras soavam como um cumprimento, pois Fanny havia dito que Eleanor exercia grande influência sobre Brandon. Fanny estaria com inveja? Como seria possível invejar a mulher responsável por uma quebra de juramento feito em memória do pai?

Pior de que culpada, Eleanor sentia-se péssima. Permitira que seus medos a guiassem e suas inseguranças ferissem Brandon. Admitiu seu comportamento covarde e rezou para ainda poder contar com a possibilidade de reparar os erros. Viera à casa de Brandon por inúmeros motivos, entre os quais não estava incluída uma promessa. E tivera receio de admitir isso para si mesma.

Uma batida na porta chamou-lhe a atenção.

— Perdão, lady Eleanor, mas lorde Creed pede a sua presença — a sra. Stubbins veio avisá-la.

Eleanor subiu a escada e estreitou os lábios. Haveria de encontrar uma maneira de fazer Brandon entender que precisava dela.

Durante a ausência de Eleanor, que Brandon supôs estar chorando ou planejando sua morte por causa de seu comportamento inqualificável, ele tinha recebido a visita de North e Wynthrope. Os irmãos o informaram que Devlin e Blythe haviam deixado Devonshire rumo a Londres.

Em outras circunstâncias, Brandon teria se alegrado com a perspectiva de ver o sobrinho. Mas aborrecia-o sobremaneira saber que vinham vê-lo por estar preocupados.

Wynthrope e North também o informaram que os boatos não favoreciam nem Eleanor nem a ele, mas isso pouco o incomodou. Falatórios a seu respeito nunca eram bons e em geral expressavam verdades.

— Também não ajudou muito o fato de Eleanor ter-se hospedado aqui —North comentou, cruzando os braços sobre o peito largo. — Deu a impressão de que ela o perseguia e conseguiu apanhá-lo. O que a caracteriza como perdida diante da sociedade.

— A sociedade precisa de óculos — Wynthrope alegou. — Todos sabem que Brandon nem podia abrir os olhos quando lady Eleanor chegou aqui, quanto mais pensar em outras coisas.

Wynthrope tinha razão. Seria uma humilhação admitir publicamente que não estava em condições de ser seduzido, pior ainda do que não poder seduzir. A sociedade enlameara a reputação de Eleanor e ele nada poderia mudar, a menos que se casasse com ela.

— Pensa em casar-se com lady Eleanor? — North fitou-o com olhar intimidativo.

— Sim, penso. — Não havia por que mentir aos irmãos.

— Então, por que não disse nada a ela?

— Porque Eleanor já recusou o meu pedido duas vezes.

— Mas agora que o bom nome dela foi arruinado... Bem, entendo que não vai querer a concordância de lady Eleanor por falta de opção, não é?

— E. Nunca saberei se ela se casou comigo porque me ama ou porque não havia outra solução.

— Sempre se pode perguntar — Wynthrope sugeriu, tirando um pêlo imaginário da manga. — Esqueça, é simples demais.

Brandon atirou um travesseiro no irmão e Wynthrope desviou-se a tempo.

— Eleanor jamais admitiria isso, idiota! Além do mais, ela não me deu indicação de que deseja se casar comigo. Estava muito ocupada em culpar-se pela minha embriaguez.

— Mulheres... — Wynthrope sacudiu a cabeça. — Elas se culpam por coisas idiotas. Na verdade, ninguém saiu direto da casa do pai dela, foi ao clube e bebeu o que encontrou pela frente. Espere! — Ele estalou os dedos. —Foi exatamente o que aconteceu.

— Saia daqui!

Wynthrope deu de ombros. Brandon não estava em condições de expulsar o irmão mais novo do quarto.

— Eu só disse a verdade, Brandon.

Se Brandon pudesse, teria dado um soco no rosto de Wyn.

— Terá de dizer a Eleanor que ela não é culpada — North, a voz da razão, afirmou,

— Eu sei — Brandon teve de concordar.

— E terá de se casar com ela antes que a sociedade a rejeite.

— E que diferença fará? — Wynthrope fez pouco caso. — Casar-se com ela não vai melhorar a posição social de lady Eleanor.

— Eu me casarei porque ela me ama e quer ficar ao meu lado. Eleanor não aceitará menos de que isso. — Por isso Brandon tinha medo de perguntar.

— Brandon Ryland, tem certeza de que a ama? — North indagou.

O vazio no estômago era amor ou fome? A dor interior era amor ou consequência da embriaguez? A obsessão por Eleanor seria amor?

— Na certa ele ama ela — Wynthrope comentou.

— Ele não disse nada. — North franziu o cenho.

— Por isso mesmo. Está demorando demais para responder.

Brandon olhava de um para outro. Eles falavam como se estivessem sozinhos.

— Não sei por que isso significa que ele a ama. Wynthrope espalmou as mãos para os lados.

— Porque ele está tentando encontrar uma prova de que não a ama e não consegue.

Brandon e Wynthrope discutiam bastante, mas Brandon se admirava como o irmão o conhecia.

— Vamos embora. — North pegou o irmão pelo braço. — Brandon precisa descansar.

— Peça perdão — Wynthrope avisou perto da porta. — Nada melhor para um mulher entender que está apaixonado do que se atirar aos pés dela.

Brandon deu risada quando North puxou o irmão para o corredor.

Implorar o perdão de Eleanor daria resultado? E se implorasse por seu coração?

Puxou a corda da sineta, e a sra. Stubbins entrou em seguida. Brandon pediu-lhe que chamasse Eleanor. Depois do que fizera, seria improvável que ela atendesse ao pedido. Não demorou muito e Eleanor apareceu.

— Mandou me chamar? — O tom não poderia ser mais frio e seco.

Brandon não a culpava. Ele agira como um idiota.

— Entre, por favor. — Brandon sentou-se na cama, sem puxar as cobertas para cima.

Eleanor veio para dentro do quarto e fitou de relance o torso nu.

— Wynthrope e North estiveram aqui — Brandon informou-a.

— Ah, é? Eu também tive uma visita.

Se fosse homem, Brandon decidiria por um assassinato.

— Quem era?

— Fanny Carson. Ela desejou-lhe melhoras.

— Fanny? — O espanto foi genuíno. — Veio ver você?

— Ela queria conhecer a mulher que o manteve obsessivo durante tantos anos.

Brandon sentiu a boca seca e jurou que estrangularia Fanny da próxima vez em que a encontrasse. Já não causara rebuliço suficiente com aquele maldito livro?

— Foi muita bondade dela. — Assim que acabou de falar, Brandon convenceu-se de que dissera uma grande idiotice.

No entanto Eleanor deu risada.

— Eu também me surpreendi bastante. Fanny Carson não é o que eu imaginava.

Brandon cruzou os braços atrás da cabeça e expôs ainda mais o peito musculoso. Seria um bom expediente explorar a atração que exercia sobre Eleanor.

— Ficou desapontada?

Eleanor tornou a espiar a visão máscula com o canto dos olhos.

— Simpática ela.

— É verdade?

— Sim. Entendi como se pode ser amigo de Fanny.

— Não tive por ela nada além da amizade. Eleanor nada comentou, dando o tema por encerrado.

— Meus irmãos ponderaram sobre um assunto e me deixaram preocupado.

— E do que se trata?

— Os caçadores de escândalos nos escolheram como alvo.

— Era o que eu supunha que aconteceria. — Eleanor corou.

— Não pretendo arruinar a sua reputação por causa de uma promessa tola. — Brandon deitou-se de lado e o esforço necessário deixou-o envergonhado. Apoiou a cabeça na mão, e seus braços tremeram. — Não me agrada que a sua preocupação comigo lhe cause transtornos tão graves.

— Eu sei. Não se trata apenas da promessa que lhe fiz, mas eu me sinto responsável pela sua recaída. Também entendo que eu não deveria ter vindo. Uma mensagem seria suficiente, como você mesmo disse.

Brandon corou, sentindo-se ainda mais idiota.

— Eu poderia simplesmente ter vindo visitá-lo ou ter-lhe mandado flores. Sem dúvida havia inúmeras maneiras de expressar meu desgosto sem vir para cá. — Eleanor não ocultou o desalento. — O que acha disso, Brandon?

Ele não quis dizer o que pensava, para não alimentar esperanças vãs.

— Que você tem vocação para mártir? Eleanor negou com um gesto de cabeça.

— Não. Devo dizer-lhe que o remorso não é a única razão da minha presença nesta casa.

— Então o que é? — Brandon animou-se.

— Achei que você precisaria de mim — Eleanor afirmou com expressão impassível.

Precisar nem de longe espelhava a realidade. Hesitante, Brandon amassou a beira do acolchoado antes de fitar Eleanor novamente.

— Eu lhe devo desculpas.

— Por quê? — Ela estava perplexa.

— Pelo que eu disse antes sobre a sua promessa de se casar comigo. Não deveria ter dito aquilo.

— Mas não era mentira.

— Concorde, porém eu a magoei e sinto muito por isso.

— Nós parecemos peritos em magoar um ao outro. — Eleanor deu um sorriso triste. — E eu também me recrimino por isso.

— Ellie, não acho conveniente você continuar aqui sem a presença de uma dama de

companhia.

— Bobagem. Se a minha má fama já estiver assentada, papai desistirá de querer casar-me.

Brandon sorriu sem vontade.

— Então, foi esse o seu plano, Eleanor?

— Que grande descoberta! — Ela deu um arremedo de sorriso.

— Sinto muito não estar à sua altura, Eleanor.

— Brandon... — Ela empalideceu.

— Não diga mais nada.

Ele impediu-a de continuar. Não queria ouvir nada parecido com *meia culpa*. Seria absurdo demais. Suas mãos suavam como as de um adolescente que estivesse implorando pelo perdão da amada.

— Eu apenas queria que soubesse de uma coisa, Eleanor. Sinto muito... por tudo.

Brandon não conseguia definir a gama de emoções que desfilavam pelo bonito semblante de Eleanor.

— Eu gostaria de descansar. — Ele não queria ouvi-la responder.

Eleanor suspirou.

— Fique à vontade. Vou deixá-lo.

Era o que Brandon imaginava que ela faria.

Brandon perdera o juízo ou estaria simplesmente brincando com ela?

Eleanor preparava-se para o jantar e, pela centésima vez naquela semana, repetiu a pergunta para si mesma. Naquela altura, Brandon já deveria ter reconhecido que ela cometera um grande erro e não tinha arriscado seu bom nome apenas por uma promessa. Seria tão difícil imaginar que havia sentimentos mais profundos envolvidos no caso? Que desejava ser pedida em casamento e que pretendia aceitar?

Eleanor queria sentir de novo as carícias de Brandon em seu corpo e ele nem mesmo estendera a mão.

E, sobretudo, desejava receber o amor de Brandon por ter finalmente admitido estar apaixonada. Suspeitou que o amava havia mais de uma década e o sentimento apenas aumentara durante a estadia dele em Burrough. Quando Brandon partira, levava uma parte dela mesma.

Somente ao chegar a Londres e vê-lo naquele estado lastimável, Eleanor havia compreendido o quanto o adorava. Ficara apavorada com o receio de perdê-lo e agradecia a Deus todos os dias a sua melhora.

Observou no espelho a criada terminar com esmero o penteado de cachos e leves madeixas soltas. Valeria a pena suportar tantos grampos se Brandon ao menos apreciasse o visual. Voltou a usar o perfume de morango de que ele parecia gostar.

Fazia questão apenas da opinião de Brandon e por ele desprezara todos os princípios da sociedade. Havia lido um livro proibido para jovens solteiras. Tivera um caso ilícito com Brandon na casa de seu pai. Indiferente ao decoro, seguira-o até Londres sem dama de companhia, suscitando boatos e especulações. E, de maneira surpreendente, nem mesmo se incomodava com o que os outros pensavam a seu respeito. E pela primeira vez em sua vida, também não se preocupava com os familiares. Claro que não

lhe agradaria vê-los sofrer pelas atitudes intempestivas que resolvera tomar. O mais importante para Eleanor no momento era convencer Brandon de que haviam sido feitos um para o outro.

Durante uma semana ficara ao lado dele, ajudara-o na recuperação e entendera várias coisas. Vê-lo bêbado não a perturbava tanto como antes e despertava sua compaixão. Brandon enfrentava uma doença de difícil cura e teria de batalhar contra essa enfermidade até o fim de seus dias. Eleanor estava convencida de que ele possuía forças para lutar contra o vício. A recaída havia sido causada pela autocomiseração, e o rompimento do compromisso desencadeará o processo.

Juntos, eles haveriam de superar as dificuldades e ela estava disposta a fazer o impossível para passar o resto da vida ao lado de Brandon. Eleanor o ajudaria a superar a compulsão para a bebida e não se importaria se ele fosse considerado um pária em alguns círculos sociais. A questão primordial era saber se Brandon a amava e se o amor dele seria suficiente para desculpá-la pela tolice que cometera.

Eleanor perguntou a si mesma se teria coragem de pedir-lhe perdão e de implorar por seu amor.

Pôs os brincos de diamante e evitou a gargantilha do conjunto. Brandon gostava de apreciar e beijar seu pescoço.

Eleanor ficou em pé diante do espelho. O penteado estava perfeito e a pele brilhava, graças aos cremes e às poções de Mary. O vestido de cetim azul-claro realçava sua silhueta sob todos os ângulos. O decote generoso, mas não vulgar, revelava as curvas superiores do busto. Ela pretendia dificultar as intenções de Brandon em continuar evitando contato físico e estava disposta a seduzi-lo mais uma vez.

Mas antes teria de lhe confessar seus sentimentos, pois o orgulho de Brandon o impediria de tomar a iniciativa de falar. Ele tinha sido rejeitado duas vezes e superara tudo para pedir perdão, o que dera a Eleanor a dimensão do afeto que Brandon lhe dedicava.

— Milady está linda! — Mary extasiou-se.

— Graças às suas habilidades — Eleanor agradeceu com um sorriso sincero.

Eleanor chegou à sala de estar onde a família Ryland estava reunida. Devlin e Blythe haviam chegado do campo com o filho, que era bem desenvolvido para a pouca idade. Na certa seria alto como os pais. Devlin e Blythe lembravam a Eleanor um rei guerreiro e sua esposa, eternamente apaixonados.

North e Otávia também vieram, assim como Wynthrope e Moira. As duas estavam grávidas; Otávia, em estado mais adiantado. Moira mal cabia em si de alegria pela gestação recém-iniciada.

Eleanor felicitou-se pelo apuro no trajar, pois as três mulheres estavam ricamente trajadas com vestidos de seda e cetim. Blythe usava verde, Otávia vestia dourado, e Moira, roxo. As jóias que as adornavam eram valiosas e de extremo bom gosto.

Os homens se levantaram quando Eleanor entrou na sala.

— Perdoem-me — ela disse. — Espero não ter me atrasado. Não pretendia deixá-los esperando.

— De maneira alguma — North respondeu, e os quatro se curvaram em uma reverência.

Eleanor sentiu ansiedade ao olhar para Brandon. O sorriso dele foi significativo, e ela sentiu a boca seca.

— Lady Eleanor — Brandon curvou a cabeça —, uma mulher tão linda não precisa desculpar-se.

— Quanta bondade, lorde Creed. — Eleanor foi tão formal quanto ele.

— Permita que eu lhe apresente os membros da minha família que milady ainda não conhece.

Depois das apresentações, Eleanor sentiu-se como parte da família e as mulheres a aceitaram de imediato. Blythe era a mais expansiva, e Moira, a mais reservada. As três se mostraram bondosas e simpáticas, o que fez Eleanor descontraí-la em minutos.

Ela sentiu mais afinidade com Moira, o que lhe pareceu interessante, pois Brandon e Wynthrope davam a impressão de se entender melhor que os demais.

A babá trouxe o filho de Devlin e Blythe para se despedir. Os adultos se alvoroçaram com o menino e Blythe sorriu, radiante. Brandon pediu para segurar o sobrinho. Apoiado com uma das mãos na bengala, ele mostrava muito jeito com crianças.

Eleanor sentiu um aperto na garganta. Homens atraentes e viris não deveriam segurar bebês no colo diante de mulheres solteiras e sensíveis.

— Meu rapaz — Brandon disse para o bebê, que agitava os bracinhos roliços —, o que acha de ser meu único herdeiro?

— Milorde poderá ter seus próprios filhos.— Eleanor não conteve as palavras e arrependeu-se de ter falado.

Brandon fitou-a com olhar brilhante e ela estremeceu.

— Tem razão, lady Eleanor. Eu poderei — ele afirmou em voz baixa e significativa.

Todos conversavam, animados, e não perceberam, ou fingiram não perceber, a energia mútua que os atraía.

Eleanor disse a si mesma que teria de seduzir Brandon ou forçá-lo a admitir seus sentimentos por ela. Nada menos do que isso lhe serviria, pois desejava-o demais.

Brandon entregou o sobrinho para North, que o passou a Wynthrope. Os homens seguraram a criança antes das mulheres, o que devia ser uma tradição dos Ryland. Depois foi a vez de Otávia e Moira. Finalmente deixaram o garotinho nas mãos de Eleanor.

Ela adorava crianças e quando tomou o menino nos braços, notou que os outros se entreolhavam como num pacto coletivo de aprovação.

Aidan era um bebê lindo e encarava Eleanor com grandes olhos castanhos sem demonstrar receio, enquanto não parava de dar pontapés no ar.

— Talvez algum dia poderá ter um filho seu — Brandon cochichou em seu ouvido.

Ela sentiu um arrepio na espinha e fitou-o.

— Talvez — Eleanor pronunciou a palavra com voz cheia de intenções.

— Por termos tantos irmãos, achei que crianças não nos entusiasmassem.

— Pois aposto que ainda gostaremos mais delas quando forem as nossas. — Eleanor olhou para o menino, que sorria.

— Pressinto que será uma boa mãe, Eleanor — Brandon afirmou, convicto.

— Obrigada. Espero ter melhores resultados com os meus filhos do que, tive com as minhas irmãs.

Eleanor sempre se perguntava se não lhe caberia parte de culpa pelos problemas de Phoebe, Muriel e Lydia. Se tivesse agido de forma diferente, talvez as irmãs fossem mais felizes.

Mesmo assim, supôs que nada mais poderia ser feito por Lydia, que fora responsável pela própria desdita e procurava a felicidade em locais errados. Eleanor demoraria a perdoá-la, embora seu amor pela irmã continuasse o mesmo.

— Tenho certeza de que sempre dará amor e apoio aos filhos.

Os dois se entreolharam e Eleanor sentiu um nó na garganta. Não havia como duvidar do sentimento explícito na expressão de Brandon. Prometera a si mesma seduzi-lo naquela noite e era ela quem estava sendo atraída para a teia da sedução.

— Posso dizer o mesmo a seu respeito, milorde.

— Então será uma perda de tempo se permanecermos sem filhos. — O sorriso maroto de Brandon era irresistível.

— É verdade — Eleanor sussurrou com o coração disparado.

Brandon franziu o cenho. Seria amor e uma vontade imensa de ter filhos dele que via nos olhos de Eleanor?

— Eleanor... — ele começou, mas foi interrompido por Devlin.

— Está na hora de levar este pequeno camarada para a cama. — O caçula dos Ryland pegou o bebê dos braços de Eleanor com muito orgulho.

O bebê ficava minúsculo perto do pai. Aliás, tudo diminuía de tamanho ao lado de Devlin Ryland.

Eleanor sorriu ao vê-los se afastarem. Brandon recuou e ela tornou a prometer que da próxima vez ele não escaparia.

Acompanhada pelas mulheres, Eleanor dirigiu-se à sala de jantar.

Brandon tivera de controlar-se para não a pedir outra vez em casamento.

Eleanor chegara havia mais de uma semana e ele se sentia bem melhor. Teria de tomar cuidado para não arruinar tudo de novo.

Durante o jantar, Brandon observou o excelente relacionamento de Eleanor com a família. Ela encantara a todos e eles também pareciam apreciá-la. Depois de tê-lo emocionado com a ternura que havia demonstrado por Aidan, Eleanor expressou interesse pelos enjôos matinais de Moira e participou da escolha do nome do filho ou filha de North e Otávia. Esta estava convencida de que seria menina, e North jurava que seria menino. Wynthrope afirmou, presunçoso, que em qualquer uma das hipóteses, o filho dele seria superior em tudo ao de North.

Brandon gostaria de saber se a vontade de Eleanor em ser mãe de seus filhos seria tão grande quanto a dele em ser o pai. Caso fosse verdade, o que a fizera mudar de idéia durante aquela quinzena?

Ah, Senhor, ele estava cansado de supor o que se passava na mente de Eleanor. Seria mais fácil parar de imaginar coisas e dar os fatos por encerrados.

Brandon planejava originalmente fazer o jantar em comemoração ao seu noivado, o que certamente daria a seus irmãos a oportunidade de se divertir e provocar o casal com brincadeiras sobre a nova família que se iniciava. Todavia aquela não era uma celebração. Seus irmãos e cunhadas investigavam Eleanor de maneira velada para tirar suas próprias conclusões. E talvez o objetivo principal fosse certificar-se de como ele se

comportava diante de uma garrafa de bebida.

O curioso era Brandon nem se incomodar com o vinho que estava na mesa e só pensar em Eleanor.

Ainda menino, ele testemunhara várias vezes o olhar desgostoso de sua mãe quando o marido chegava em casa embriagado. Não queria que Eleanor enfrentasse processo semelhante. Ela não merecia isso.

Brandon acabara por concluir que seus pais não eram felizes, por mais deprimente que fosse o fato. Preferia morrer solteiro a ver a tristeza nos olhos de Eleanor se transformar em ódio por ele não corresponder às expectativas.

Brandon não era nenhum tolo e estava ciente de que teria problemas. A batalha seria árdua e haveria portas fechadas em consequência de seus erros. Muitos esperavam dele o pior e seria uma injustiça fazer Eleanor enfrentar esses estigmas. Como lhe pedir a participação numa vida tão difícil que não descartava a possibilidade de novas recaídas?

Brandon agradeceu a presença em sua casa de Devlin e Blythe para aliviar a pressão sobre o bom nome de Eleanor. Ele espalhara comentários sutis aos criados e a quem mais quisesse escutar a respeito da generosidade de lady Eleanor em se prontificar a ajudá-lo naquela fase difícil. Tinha explicado que ela fora muito bondosa em arriscar sua reputação diante da demora de Devlin e Blythe em chegar. Brandon não desejava que o futuro de Eleanor fosse comprometido, embora tivesse a certeza de que uma mulher esplêndida como ela não teria dificuldade em encontrar um marido que não se importasse com aquele pequeno abalo.

Sentiu um azedume no estômago. Ninguém, a não ser ele, deveria ser o marido de Eleanor e, no entanto, reclinou-se pela ousadia do pensamento. Eleanor merecia um homem melhor, mas o apoio prestado por ela, sua presença naquela casa e a maneira como o fitava acendiam-lhe as esperanças.

Brandon começava a suspeitar de que Eleanor o amava, o que seria ainda pior. Nesse caso, afastar-se dela seria bem mais doloroso para ambos.

Havia mais um motivo para ele ter de separar-se de Eleanor. Começava a acreditar que a amava.

North e Otávia saíram logo após o jantar. Otávia mostrava-se cansada e North insistiu em fazê-la repousar. Wynthrope e Moira os seguiram e *não* demorou muito, Blythe começou a bocejar.

— Estamos acostumados com os horários do campo. — A ruiva segurou na mão do marido. — Por favor, desculpem-nos.

Sorrindo, Devlin levantou-se e seguiu-a como um cordeirinho.

Brandon e Eleanor ficaram sozinhos na sala de estar diante da lareira, que continuava acesa para aquecer o ar frio da noite chuvosa. O calor envolveu Brandon numa sensação de euforia de que ele não soube precisar a origem.

Eleanor parecia tentadora demais no vestido azul e decotado. O busto se erguia a cada arfar ansioso e Brandon sentia vontade de estreitar Eleanor nos braços para escutá-la dizer que o amava.

Na verdade, queria perder-se nos encantos dela. Ele a desejava, tinha saudade de seus beijos e carinhos. Precisava de Eleanor.

— Também tenho de ir para a cama — Brandon anunciou e levantou-se depressa demais. Se não fosse a bengala, teria caído.

— Não vá. — Eleanor também se pôs de pé, com os olhos brilhando de ansiedade.

Como explicar a ela que ficaria louco se continuasse a seu lado, que não teria forças para lutar contra o desejo que acabaria por matá-lo? Ou que ela era mais tentadora, doce e embriagadora do que a mais preciosa das bebidas?

— Tenho de... — Brandon deu apenas um passo antes de Eleanor interceptá-lo.

— Precisamos conversar — ela avisou-o.

Brandon sentiu o perfume de morango, a quentura da pele alva e ficou zozinho. Pensou em descansar o rosto nos seios convidativos.

— Se eu ficar — ele advertiu-a —, faremos qualquer coisa menos conversar.

Durante uma semana, Brandon não tinha empreendido nenhum avanço indecoroso, pois estivera doente demais para isso. Mas, com a saúde recuperada, o incontrolável desejo por Eleanor havia voltado.

— Poderemos conversar mais tarde. — Ela fitou-o com um olhar provocativo.

Por um instante, Brandon pensou que Eleanor o deixaria ir, mas ela se aproximou e encostou-se nele.

Brandon sentiu a fragrância refrescante dos cabelos dourados, e Eleanor estremeceu mesmo sem ele a tocar.

Brandon não duvidou de que ela o desejasse e não teve forças para resistir.

Encostou os lábios na testa de Eleanor e experimentou a sensação de uma pétala aveludada. Beijou-lhe os lábios com ardor. Ela deu um gemido gutural, e Brandon beijou-a no pescoço.

Ele jogou a bengala no chão e abraçou Eleanor com desespero.

Ela não se moveu nem fugiu, e Brandon tornou a beijar-lhe os lábios. Eleanor gemeu de novo e agarrou-se na lapela do paletó dele, que a apertou ainda mais de encontro a si. Brandon nem mesmo se importou com a maneira desajeitada de se abaixar e deitar-se no tapete levando Eleanor por cima dele.

— No futuro, precisamos tomar cuidado para que esta situação não se repita. — Brandon cobriu-lhe as pernas com a saia.

Ah, como gostaria de segurá-la nos braços e não soltá-la nunca mais! Ah, como gostaria de prometer qualquer coisa para ela não partir!

E daria tudo para ser um homem que cumpria as promessas!

— Sim. — Eleanor sentou-se sem o encarar e endireitou o corpete com mãos trêmulas. — Tem razão. Teremos de ser mais cuidadosos.

Brandon engoliu em seco.

— Não posso ficar ao seu lado sem reagir dessa maneira, Eleanor.

— Eu sei. — Ela o fitou sem o menor constrangimento. — O mesmo acontece comigo — Levantou-se.

— Sinto muito — Brandon falou em voz baixa. Eleanor sorriu, com tristeza.

— Eu também. Boa noite, Brandon. Endireitou os ombros, ergueu o queixo e saiu. Quanto aquela noite significara para a dignidade dela?

Brandon perguntou-se. Recriminou a si mesmo por havê-la tocado e pela fraqueza de não resistir.

Se ele fosse um homem dotado de força de vontade, Eleanor teria se tornado sua esposa havia mais de uma década.

Capítulo X

Os Ryland almoçavam ao ar livre num dos últimos dias do verão. O sol aquecia a atmosfera na medida certa para afastar o frio excessivo. Eleanor acreditava que a temperatura baixa era excelente para aliviar o calor que sentia ao recordar-se da noite anterior.

Comendo uvas, ela observava Brandon, cuja aparência tranqüila em nada lembrava o ardor de um homem que se deixara levar pelo desejo.

— Ele vai se recuperar — Blythe comentou. — Mas será preciso um pouco de paciência.

Ensimesmada, Eleanor levou alguns segundos para perceber que as cunhadas de Brandon conversavam a seu lado. — Paciência até ele destruir a reputação dela? — Otávia comentou com pouco caso.

— Assumir o risco foi uma decisão minha — Eleanor entrou na conversa.

Não queria que a tomassem por alguma tola, e a experiência delas seria útil para a sua forma de agir com Brandon. As três haviam acompanhado durante muitos anos os desacertos dele e poderiam orientá-la. Felizmente os homens se encontravam afastados.

— Nós a entendemos perfeitamente. — Moira sorriu. — Sabemos que está apaixonada por ele. Caso contrário, não estaria aqui.

Seria assim tão óbvio? Na certa Eleanor se mostrava horrorizada, pois Blythe segurou-lhe a mão com carinho.

— Não se preocupe. Cada uma de nós convive com um Ryland e compreendemos a situação.

— Penso ter estragado tudo — Eleanor confessou, com voz embargada.

— De modo algum. — Otávia sacudiu a cabeça. — Brandon a evita por acreditar que assim a favorece.

Ele teria dito alguma coisa para às cunhadas?

— Como é que sabe disso? — Eleanor prendeu a respiração.

— North fez o mesmo comigo — Otávia afirmou com ar brincalhão.

— Devlin também — Blythe apoiou a cunhada. Moira ergueu a mão delicada.

— Wynthrope também.

As três mulheres sorriram por causa da expressão de espanto de Eleanor.

— E o que deverei fazer? Blythe tomou um gole de chá.

— Terá de fazê-lo entender que essa atitude negativa prejudicará os dois.

— E uma tarefa muito fácil — Otávia comentou —, quando se conhece os caminhos certos.

Eleanor esperou a conclusão do comentário que não veio.

— Como agir, então?

Dessa vez as três deram risada, mas não para caçoar ou fazer pouco caso, e Eleanor sentiu que havia sido aceita em uma espécie de irmandade.

— É preciso dar a Brandon o que ele pensa que deseja — Moira explicou com um largo sorriso. — Brandon terá de supor que foi bem-sucedido em convencê-la a afastar-se dele.

A tarefa pareceu impossível a Eleanor. Após a noite passada, Brandon daria como certo que era o homem de sua vida.

— Diga-lhe que você irá embora — Otávia se apressou em esclarecer sua dúvida.

E se ele abrisse a porta da rua com a maior satisfação, o que seria dela?

— Minha querida, não fique tão aflita — Moira procurou acalmá-la. — Brandon não a deixará partir.

— Com certeza, não — Blythe concordou. — Ele, provavelmente, tentará seduzi-la para ficar.

— Essa sempre é a melhor parte — Otávia murmurou depois de um suspiro coletivo.

— Só isso? — Eleanor riu, descrente.

— Não — Moira respondeu. — Brandon sucumbirá numa crise de teimosia e terá de ser advertido para não agir de maneira ridícula.

— O mais importante — Otávia explicou — é não perder o controle da situação.

— Faça-o entender que será inútil lutar — Blythe interferiu. — Diga que não se afastará, pois tem certeza de que ele ama você.

— Mas eu não sei se isso é verdade.

As três tornaram a rir, dessa vez da inocência de Eleanor.

— Se Brandon não a amasse, já a teria posto daqui para fora — Otávia alegou.

— Ele tentou.

— Não. — Blythe meneou a cabeça em um gesto negativo. — Se Brandon não a quisesse aqui, já teria encontrado uma maneira de mandá-la embora.

— Ele ama você, Eleanor — Moira garantiu. — Todos nós sabemos, mesmo que Brandon não tenha admitido a verdade para si mesmo. Ele sempre a amou, senão não teria aceitado o convite para a festa em Burrough.

— Brandon afirmou que foi para desculpar-se e provar que estava recuperado.

— Eleanor, para que estaria interessado em demonstrar tal coisa se nunca deu importância ao que os outros pensavam dele? — Otávia considerou.

— Brandon se incomoda apenas com a sua opinião e a dos irmãos — Blythe completou a idéia.

Por que ele esperara tanto para desculpar-se e tentar cortejá-la de novo?

A resposta era simples. Durante muito tempo não se achava preparado e havia aguardado até reunir coragem e fé em si mesmo. Quando a coragem de Eleanor falhara, ele tinha relutado. Otávia estava certa. Eleanor teria de assumir o controle da situação e fazê-lo admitir que o amor dele era tão grande quanto o seu.

— Perdão, espero não estar importunando. Eleanor espantou-se e ergueu a cabeça.

— Belle! — Eleanor deu um pulo da cadeira e abraçou a irmã com euforia. — Ah, como é bom vê-la!

— Espero que não se incomode. Eu estava de passagem e resolvi visitá-la.

— Foi ótimo você ter vindo. — Eleanor pediu a Arabella que se sentasse e apresentou-a às cunhadas de Brandon.

Apesar de elas terem se encontrado em eventos sociais, não tinham sido apresentadas formalmente.

— Vamos deixá-las um pouco a sós — Blythe anunciou dez minutos depois, quando Arabella já estava à vontade.

— Não precisam sair porque eu cheguei — Arabella protestou.

— Asseguro-lhe que não é por isso — Blythe tranqüilizou-a. — Preciso ir ver meu filho.

— E eu tenho de deitar-me. — Otávia acariciou o ventre volumoso. — Para carregar este bebê, preciso de muita energia.

— Vou falar com a cozinheira — Moira disse. — Estou morrendo de vontade de comer torta de maçãs.

— Ah, que delícia! — Arabella concordou.

Moira fitou a silhueta de Arabella e sorriu, conspiradora.

— Se ela tiver uma pronta, mandarei trazer um pedaço para milady.

Eleanor e Arabella, sorridentes, observaram as três se afastarem.

— Elas são muito simpáticas — Arabella comentou.

— São pessoas excelentes — Eleanor confirmou e serviu-lhe limonada. — Elas serão como boas irmãs. — Eleanor tomou um gole de refresco. — Se eu conseguir convencer Brandon a casar-se comigo.

— Ele ainda não fez o pedido? — Arabella admirou-se.

— Não.

— Querida, isso não é muito bom. — Arabella franziu a testa. — A sua reputação...

— Sei disso. Não se preocupe comigo, Belle. Farei o possível para proteger minhas irmãs e minha família da pecha do escândalo.

— Que me importa o escândalo! Estou inquieta por sua causa.

— Tudo dará certo, confie em mim. A situação será controlada. — Era o que Eleanor esperava. — Agora me conte as novidades.

— A festa terminou sem incidentes e lorde Locke mostrou-se muito aflito com a sua partida.

— Presunçoso arrogante. — Eleanor revirou os olhos. — Como se alguma vez eu lhe tivesse dado esperança de que me casaria com ele!

Arabella franziu o nariz.

— A mim também não agrada. Pode ser de boa família, mas o resto...

— Como está papai? — Eleanor mudou de assunto.

— Muito bem. — Arabella tomou um pouco de limonada. — A sua decisão de vir atrás de lorde Creed operou milagres na saúde dele quando, para ser franca, esperávamos um efeito contrário.

Eleanor sorriu.

— Afinal papai sempre desejou que eu e Brandon ficássemos juntos.

Arabella não pareceu totalmente convencida. Apesar de querer a felicidade da irmã, angustiava-se com os falatórios que poderiam manchar o bom nome de Eleanor e achava estranho o pai não pensar da mesma maneira.

Na verdade, lorde Burrough confiava mais em Eleanor do que ela em si mesma.

— Como está Lydia?—Eleanor perguntou sem entusiasmo. Arabella abaixou o olhar.

— Lydia ficou muito aborrecida. Exigiu que papai viesse para cá e teve um ataque de nervos quando ele se recusou a lhe satisfazer a vontade. Na manhã seguinte, ela arrumou as coisas e foi embora.

Eleanor entristeceu-se com a idéia de que Lydia e ela nunca mais seriam amigas. Lydia era infeliz e não se conformaria com o fato de Eleanor ter conseguido o que ela mesma perseguira e perdera. Eleanor não podia imaginar por que a inveja de Lydia se voltava contra ela, e não contra Arabella, que era feliz no casamento. Provavelmente por acreditar que Brandon seria o remédio para os seus males.

— Eleanor, não arrisque a sua felicidade por causa de Lydia — Arabella foi categórica, o que não era usual.

— Não farei isso, Belle. — Eleanor sorriu com tristeza. — Prometo.

Elas continuaram a tagarelar, animadas. Mais adiante, os homens jogavam uma espécie de bocha. Brandon se divertia em provocar os irmãos e todos davam boas risadas.

Eleanor desejou participar da alegria de Brandon. Queria vê-lo sorrir para ela, descontraído e feliz graças à sua presença.

Brandon pareceu sentir o olhar fixo de Eleanor e fitou-a com súbita seriedade. Eleanor sorriu, acenou, e ele hesitou antes de corresponder ao gesto.

Eleanor se lembrou de Moira haver garantido que Brandon a amava e que todos sabiam disso, menos ela. Reconheceu ter cometido a tolice de rejeitar Brandon em duas ocasiões. Não o faria uma terceira vez.

Estava na hora de assumir o controle da situação.

— Irei embora amanhã cedo — Eleanor comunicou.

Brandon sentiu um aperto no coração. A luz dourada da sala de estar, ela parecia uma deusa envolta num halo cintilante. O anúncio parecia ainda mais tenebroso diante de tanta beleza.

— O quê? — Ele não se incomodou que os outros se espantassem com seu tom agitado.

— Irei embora amanhã cedo — Eleanor repetiu. Brandon estranhou o leve traço de diversão na fisionomia de Eleanor. Embora ela estivesse atendendo a um desejo dele,

Brandon não queria que isso acontecesse.

— Será preciso avisar seu pai primeiro — ele sugeriu.

— Não será necessário. Ficarei com Arabella e Henry por alguns dias antes de retornar para o campo.

Se Eleanor permanecesse em Londres por alguns dias, ficaria por perto e ao mesmo tempo distante. Seria um tormento pior do que tê-la em casa, pois não poderia evitar que homens a rodeassem. E com o bom nome chamuscado, os cavalheiros londrinos não lhe dariam sossego. Seria até possível que Eleanor caísse em uma armadilha. Não caíra na dele?

— Estou satisfeita que tenha resolvido ficar em Londres por mais alguns dias — Moira comentou. — Assim poderá vir jantar em nossa casa.

— Ah, será ótimo — Wynthrope concordou, animado. — E poderemos convidar outro cavalheiro.

— Wyn, o que acha de Nathaniel? — Moira apoiou a mão no braço do marido.

Brandon rangeu os dentes.

— Uma excelente escolha — Wynthrope respondeu.

Nathaniel Caylan era loiro, atraente, rico, simpático e adorado pelas mulheres. Brandon não permitiria que Eleanor se aproximasse do camarada e também não queria que ela partisse, embora houvesse concluído, na noite anterior, que seria a melhor solução.

No entanto não faria sentido entregá-la nas mãos de outro que... pelo menos podia dançar. Como impedi-la? Mesmo que fizesse a bobagem de admitir seus sentimentos, não havia como garantir a permanência de Eleanor em sua casa. O pior era ela parecer feliz com a idéia de partir.

Nem poderia ser diferente, pois ele a tratara de maneira abominável.

— Desculpem-me. — Brandon levantou-se de maneira desajeitada. O que na certa não ocorria com Nathaniel Caylan. — Preciso descansar.

— Ainda é muito cedo! — Wynthrope admirou-se.

— Estou exausto.

Brandon despediu-se e saiu mancando pelo corredor. Amaldiçoando suas incapacidades, subiu a escada com auxílio da bengala. Irritado consigo mesmo e com o barulho da bengala, chegou aos seus aposentos com uma terrível vontade de tomar um bom drinque.

Não estava cansado, mas não podia ficar parado escutando Eleanor fazer planos para quando saísse daquela casa. Malfalada ou não, ela estava disposta a aproveitar a vida, e ele teria de reiniciar a supervisão de suas propriedades, além de enfrentar com o costumeiro desinteresse as jovens caçadoras de marido.

Brandon admitiu que sua vida tinha sentido somente ao lado de Eleanor, quando se sentia completo e feliz. Sem ela, passaria pela vida sem viver.

Tirou o casaco, a gravata e, disposto a ler, sentou-se na poltrona perto da janela. As páginas pareciam estar em branco. Brandon nada viu nelas, pensando em Eleanor.

Bateram na porta. Ah, Devlin de novo para ver como ele estava passando.

— Entre. Eleanor entrou.

— Não deveria ter vindo até aqui. — Brandon nem mesmo se levantou.

— Eu sei. — Ela fechou a porta. — Precisamos conversar. Brandon suspirou, fechou o livro e largou-o na mesa lateral.

— Algum assunto em especial? — Ele se esforçou para demonstrar frieza.

— Vários e um em particular. Quero desculpar-me.

— Por quê?

Apenas Deus poderia dizer do que ela se imaginava culpada dessa vez.

— Por não lhe dar o crédito da confiança. Sinto muito pelo que eu disse naquela noite na casa de meu pai.

— E não era verdade? Todos encontram dificuldade em acreditar em Brandon Ryland. Até mesmo eu.

— Sinto por descumprir a promessa que lhe fiz. Por idiotice e por medo, eu o fiz sofrer. E por isso peço-lhe perdão.

Eleanor pedia perdão, mas ela o amaria?

— Não há por que se desculpar. Não é crime não desejar casar-se com alguém.

— Não é nada disso. — Ela inclinou-se para a frente e tocou na perna aleijada.

O calor da mão de Eleanor se irradiou pelos tecidos e ossos danificados, e Brandon teve a impressão de um processo curativo.

— Sinto muito que a situação o tenha levado a beber — ela declarou, constrangida.

— Não se culpe, a decisão foi minha.

— Mas eu o ajudei a tomá-la.

Eleanor endireitou-se. A perna de Brandon ficou fria e recomeçou a doer.

— Tudo o que fiz foi por minha livre e espontânea vontade. Eleanor, não assumo o ônus pelo que os outros fazem. Acredite, é um fardo muito difícil de carregar.

Ela entrelaçou os dedos.

— Está dizendo isso por causa da morte de seu pai, não é? Brandon anuiu; era um assunto sobre o qual não gostava de falar.

— Tenho me culpado pelo que houve desde que fiquei sóbrio para assumir a responsabilidade.

— Foi um acidente, Brandon.

— Que poderia ter sido evitado se eu fosse outra pessoa na época.

— Como assim?

Ele passou a mãos nos cabelos. — Se eu não bebesse, se fosse um filho melhor e um homem com mais juízo.

— O que poderia ter feito?

— Eu poderia tê-lo impedido de participar da corrida.

— Se estivesse sóbrio, provavelmente não estaria com ele.

— E... talvez não.

— Em vez de culpar a si mesmo por algo que não podia controlar, não seria melhor agradecer por havê-lo acompanhado em sua última noite neste mundo?

— Nunca pensei no assunto por essa perspectiva.

— Eu sei. Nós temos maneiras diferentes de pensar.

Brandon queria apenas aproveitar os poucos momentos que lhe restavam ao lado de Eleanor.

— Não gosto de despedidas.

— Poucas pessoas gostam. — Ela parecia falar por experiência própria.

— Chegou a se despedir de sua mãe?

— Não. Eu sabia que ela estava morrendo, mas não estive ao seu lado. Preferia tê-la acompanhado nos últimos momentos.

— O que teria feito?

— Não sei. Poderia ter-lhe dito que a amava.

— Sua mãe certamente sabia disso.

— E o que dizem. Mas será possível avaliar o amor alheio quando se está morrendo?

— Creio que na hora da morte avaliamos o amor pelos outros e agradecemos por termos sido amados.

— E quanto aos que nos amaram sem ter o mesmo sentimento em recompensa?

Brandon sentiu a garganta seca.

— Creio que devemos ser ainda mais agradecidos a eles.

— A quem amamos em vão? Eleanor estaria falando dela mesma?

— Com um pouco de sorte, será melhor não sabermos de quem se trata.

— Sei que isso não o preocupa.

— Pelo contrário, quando penso a seu respeito, Eleanor.

— Será mesmo, Brandon?

— Eleanor, por que não me disse o motivo da sua vinda para cá, mesmo arriscando sua reputação?

— Achei que, por ser um homem inteligente, já houvesse descoberto.

— As aparências enganam — Brandon fez pouco de si mesmo.

Eleanor deu risada, sem retrucar.

— Posso enumerar alguns motivos por que Eleanor Durban suportou meus tremores e minha rudeza. No entanto eu gostaria de ouvir a verdade dos seus lábios. Poderia fazer-me essa gentileza? Antes de ir embora, diga-me por que resolveu vir.

— Está bem.

Brandon prendeu a respiração.

— Eu vim pelo mesmo motivo pelo qual vou embora. Porque te amo.

Ele receou que seu coração fosse implodir.

— Creio que sempre o amei e por isso vou embora. Para satisfazer a sua vontade.

Como pedir a ela que ficasse se não confiava em si mesmo? Como pedir a ela para ficar se receava fazê-la sofrer?

- Antes de partir, permita-me lhe fazer uma pergunta, Brandon.
- Instantes intermináveis se sucederam.
- Está bem.
- Brandon Ryland, quer se casar comigo?

Capítulo XI

Casar-se com Eleanor? Brandon largou-se na poltrona e sacudiu a cabeça, tentando entender.

— Está me propondo casamento? Eleanor anuiu, insegura.

— Não pretende me responder, Brandon? Certamente não seria da maneira como ela esperava que fosse.

— Eleanor, nós não podemos nos casar.

— Por quê? — perguntou, arrasada.

Ele levantou-se e, esquecido da bengala, deu alguns passos trôpegos.

— Eleanor Durbane merece muito mais do que um bêbado não confiável que esquece da vida quando se encontra com amigos em um clube.

— Nunca mais terei dúvidas a seu respeito, Brandon — Ela levantou-se.

Aquele era um idealismo tolo. Brandon tinha certeza de que Eleanor passaria a odiá-lo como sua mãe odiara seu pai. Angustiado, passou as duas mãos na cabeça.

— Ellie, essa não é uma doença da qual poderei recuperar-me. — Ele se enganara durante muito tempo acreditando que seria o contrário. — Tentarei o impossível para não voltar a beber, mas não posso lhe prometer nada. Entende?

— Sim.

— Depois de testemunhar o que acontece quando bebo em demasia, é possível compreender que eu desço ao fundo do poço.

— Brandon, eu o conheci na pior fase.

— Com Lydia...

— Na festa de lady Pennington. — Eleanor pareceu divertir-se, embora na época houvesse ficado apavorada. — Não creio que poderá descer mais do que isso.

Se Eleanor presenciara aquela cena deprimente, perdoava-o e ainda achava graça, talvez houvesse alguma esperança para eles. Ora, mas ele começava a compartilhar o idealismo de Eleanor!

— Pretende passar o resto da sua vida imaginando se poderá confiar em mim?

Eleanor segurou-lhe o braço.

— Acredito que você manterá a promessa de tentar, e essa confiança é tudo de que preciso. Se houver uma recaída, nós a enfrentaremos juntos.

Cada recaimento diminuiria um pouco o amor até que ela nada mais sentisse por ele.

— Não posso sentenciá-la a uma existência como essa.

— Nem a uma vida sem a sua presença. — Eleanor mostrava-se desesperada.

Brandon não resistiu. Segurou-a pela cintura e abraçou-a.

— Tenho medo, Ellie.

— Eu também — ela sussurrou.

— Não suportaria perdê-la em consequência dos meus desatinos.

Eleanor acariciou-lhe o rosto.

— Eu o ajudarei, Brandon, e estarei sempre ao seu lado. Inclusive para controlar outro tipo de desatino.

Ele deu risada.

— Não será fácil — advertiu-a.

— Brandon, eu quero tentar. Jamais me perdoaria se não o fizesse. Passamos muito tempo pensando que o pior poderá acontecer, mas temos de ser otimistas. Reflita nas coisas maravilhosas que poderão acontecer até a nossa velhice. Quer mesmo desistir disso só por causa do medo?

— Não. — Brandon preferia pensar no lado apazível, por exemplo, uma cama.

— Brandon, eu te amo. — Eleanor entendeu ter vencido a batalha.

— Eu também te amo, Eleanor. — Ele sentiu o calor invadir-lhe o coração.

Entreolharam-se com intensidade antes de Brandon beijá-la com ardor e extrema aflição. Ele interrompeu o beijo e fitou os imensos olhos azuis escurecidos pelo desejo. Daria a Eleanor a última oportunidade de mudar de idéia e desistir.

— Tem certeza de que é isso mesmo que deseja, Eleanor?

— Sim, Brandon. Eu te amo e nada me fará desistir de ficar a seu lado. Nem mesmo a sua negativa, lorde Creed.

Ela o amava e nada mais os afastaria. Brandon curvou-se e beijou a mulher a quem adorava.

Não tardou muito e ele a despiu com veneração. Eleanor teve certeza de que nenhum homem a fitara daquela maneira, nem a fizera sentir-se tão formosa e desejável. Nos olhos de Brandon, ela se via refletida como uma deusa. Uma mulher feita para o amor.

— Eleanor, juro que nunca vi criatura mais linda — sussurrou Brandon e acariciou o rosto delicado.

— Eu também quero vê-lo — ela pediu, ansiosa. Depois de alguns minutos, a magnificência de Brandon deixou-a sem fala. Eleanor acariciou-lhe os braços e o peito musculosos. Sem dúvida, o homem mais atraente que já vira.

Dessa vez o amor deles foi ainda mais completo e intenso. Exaustos, ficaram deitados por um longo período, sem ter idéia de quanto tempo se passara.

O que pouco importava. Eleanor não iria a lugar nenhum, nem antes nem depois. Afirmar que partiria não tinha passado de um blefe. Ela se arriscara, mas o plano dera certo. Deus abençoasse as cunhadas de Brandon pelos sábios conselhos.

— Estou morto — ele confessou mais tarde e com bom humor.

Eleanor ergueu a cabeça e olhou-o.

— Faça-me o favor de ressuscitar, pois não poderei fazer nada com um defunto.

— De novo?! Está mesmo pretendendo me matar!

— De maneira nenhuma. — Ela riu e encostou-se em Brandon.

Ele a acariciou com a ponta dos dedos nas costas, nos braços e nos quadris.

— Não estava pensando em me abandonar, não é, Eleanor? Ela bocejou.

— Eu não queria, mas se fosse forçada...

— De quem foi a idéia? De Blythe ou de Otávia?

— Na verdade, foi minha — Eleanor afirmou, com uma ponta de orgulho. — Embora Otávia tenha me indicado a direção certa.

Brandon deu risada.

— Eu sabia. Para ser sincero, creio que North consegue viver com ela porque os dois se amam de verdade.

— Brandon — Eleanor falou depois de alguma hesitação —, por que ainda não respondeu à minha pergunta?

— Eu? Ah, sim. Claro que sim! — Ele beijou-a. — Nós nos casaremos o mais rápido possível!

Brandon estava embriagado. De felicidade.

O sol brilhava, os pássaros cantavam e o mundo era maravilhoso!

Um dia perfeito para um casamento.

A família de Brandon chegou naquela manhã e encontrou Creed House fervilhando com os preparativos. Brandon tomava café na mesa posta para o desjejum.

— Não entendo como pode comer? — Wynthrope apontou o prato cheio. — Vai se casar em poucas horas!

Moira, radiante, sorriu para o marido.

— Nem todos os homens são iguais. Lembro-me que você jejuou no dia do nosso casamento.

— Eu nunca perco o apetite — Devlin declarou entregando Aidan para Brandon. Sua intenção era ficar com as mãos livres para comer. — *Bacon*, Moira?

— Ah, sim.

O apetite de Moira rivalizava com o de Devlin. Ela não deixara de comer nem sofrendo os enjôos no início da gravidez. Sorriu para Wynthrope, que a fitava com adoração.

— Deixem um pouco para mim — Otávia pediu, sentando-se com dificuldade.

Brandon empurrou a travessa de *bacon* para a cunhada, esperando que o novo sobrinho ou sobrinha não nascesse antes ou durante a cerimônia.

— Sirva-se, Otávia.

North sorriu diante da gulodice da esposa e concluiu que se tratava de um traço familiar a atração por mulheres loucas pela comida.

— Segure o menino. — Brandon entregou Aidan para North. — Está mais do que na hora de praticar um pouco.

Era também uma maneira de enfatizar que North era tão parte da família como Devlin ou Wynthrope.

— Brandon — North segurou Aidan —, eu lhe dou quatro meses para ser incluído na lista de futuro pai.

Brandon sorriu, consciente de que seria menos tempo do que isso. A menstruação de Eleanor estava atrasada. Quando o filho ou filha deles nascesse, seria declarada uma criança prematura.

Imaginava-se como pai, e Eleanor, como mãe. Apesar dos dois serem responsáveis por suas famílias, um filho era uma emoção totalmente diferente. Uma criatura que seria metade ele, metade Eleanor. Poderia haver algo mais surpreendente?

Nunca ocorrera a Brandon casar-se e muito menos assumir a idéia de paternidade. Havia ido para Burrough com o intuito de conseguir o perdão de Eleanor, sem muita esperança de conquistar-lhe o coração. Se tivesse sido paciente em vez de fugir como fizera, tudo teria transcorrido com menos traumas.

Aquele seria um recomeço para ambos. Não seria fácil afastar dúvidas e temores, mas os dois juntos haveriam de superar os obstáculos.

— Está na hora — Brandon falou depois de consultar o relógio. — Eleanor e as irmãs já devem estar na igreja.

Tinha sido terrível permitir que Eleanor ficasse na casa de Arabella nos últimos dias, mas também indispensável para salvar as aparências. O noivado mitigaria os falatórios pelo fato de Eleanor ter permanecido desacompanhada em Creed House. Além disso, o visconde e a viscondessa de Creed encontrariam muitas portas abertas. Brandon tinha bons amigos e contava com uma família maravilhosa. O passado infame tivera uma vantagem: saber quais eram as verdadeiras amizades.

Três carruagens seguiram para a igreja. Moira levou um pedaço de *bacon* embrulhado em um guardanapo. Wynthrope sorriu, encantado, e Brandon sacudiu a cabeça com satisfação.

Embora muitas vezes discordasse de Wynthrope, não podia negar que o irmão era um bom marido e seria um bom pai. Além de sempre ter sido um excelente amigo.

Os convidados resumiam-se aos familiares e amigos mais íntimos. A sociedade em geral fora excluída para evitar maiores comentários. Era voz corrente que Brandon se casava com Eleanor por havê-la infelicitado e muitos contariam os dias até completar nove meses. A antecipação do nascimento da criança seria o próximo escândalo.

Brandon não se incomodava com boatos. Além dos irmãos, havia apenas uma pessoa a quem pretendia dar satisfações. E ela se encontrava a seu lado, segurando sua mão e sorrindo para a ladainha cerimonial do vigário.

Eleanor estava linda, de véu e vestido cor de marfim. O buquê era de rosas brancas

e vermelhas, suas favoritas. Ao lado de Brandon, ela sorria e rivalizava com o brilho do sol.

Apenas Lydia não viera. Talvez com o tempo os desentendimentos acabassem e as duas irmãs voltariam a se entender.

O vigário declarou-os marido e mulher. Brandon beijou a esposa diante de Deus, dos familiares e dos amigos. Segurou Eleanor pela mão e levou-a para fora da igreja para receberem os cumprimentos.

Entraram no coche e voltaram para Creed House, onde seria servido o almoço de casamento, para gáudio de Moira e Devlin.

— Feliz, lorde Creed? — Eleanor apertou-lhe a mão.

— Muito, minha lady. — Brandon retribuiu o carinho. Ela inclinou-se para o lado e beijou o marido, enquanto a carruagem aberta passava por Mayfair. Os dois não se incomodaram em despertar a atenção das pessoas. Brandon sentou Eleanor no colo e beijou-a com efusão para que Londres inteira os visse.

Chegaram a Creed House e Brandon conduziu-a até um dos pequenos quartos do primeiro pavimento. Ali fizeram amor em pé encostados à parede e sem o menor conforto.

Quando retornaram ao encontro dos convidados, Brandon mancava mais do que o habitual, o que não o preocupou. Naquele que havia sido um dos melhores momentos de sua vida, conseguira o que mais almejava. Pela primeira vez tinha feito amor com sua esposa e contava com todas as razões do mundo para lutar pela própria reabilitação.

Seria uma contenda feroz, mas Brandon não mediria esforços em trazer alegrias para Eleanor e para seus irmãos. Ele amava Eleanor e era amado por ela.

O namoro deles não tinha sido nenhum conto de fadas, mas tivera um final feliz.

FIM